



COLETÂNEA DE POESIA GAÚCHA CONTEMPORÂNEA

Dilan Camargo
Organizador



Porto Alegre
2013



Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul
Palácio Farroupilha - Praça Marechal Deodoro, 101
CEP 90010-300 - Porto Alegre, RS - Brasil
Fone: (51) 3210 2000
<http://www.al.rs.gov.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP – Brasil)

C172c Camargo, Dilan Deibal D'Ornellas
Coletânea de poesia gaúcha contemporânea / organiza-
ção: Dilan Camargo. -- Porto Alegre: Assembleia Legislativa
do Rio Grande do Sul, 2013. -- 356 p.

ISBN: 978-85-66054-00-2
Contém dados biográficos.

1. Literatura gaúcha - Poesia. 2. Rio Grande do Sul -
Poesia. I. Título.

CDU 869.0(816.5)-1

CDU: edição média em Língua Portuguesa
Biblioteca Borges de Medeiros - ALRS

Organização: Dilan Camargo

Realização: Departamento de Relações Públicas e Atividades Culturais - DRPAC
Superintendência de Comunicação Social e Relações Institucionais
Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul - ALRS

Comissão Editorial:

Caio Riter - representante da Associação Gaúcha de Escritores

Dilan Camargo - organizador

Jussara Haubert Rodrigues - representante da Câmara Rio-Grandense do Livro

Márcia Ivana de Lima e Silva - representante do Instituto de Letras da Uni-
versidade Federal do Rio Grande do Sul

Maria Elisa Carpi - poeta

Equipe Executora: Luiz Carlos Barbosa da Silva, Maria Conceição Rocha
Gonzalez, Neuza Silva Soares, Paola Caumo e Sônia Domingues Santos
Brambilla. Colaboração dos estagiários: Adriano dos Santos, Bruna Machado,
Julian Henrique Maidana, Nicole Tirello Acquolini e René Schutz Veiga.

Capa: René Schutz Veiga (*arte sobre imagem fotográfica das antigas pare-
des do Solar dos Câmara*)

*Os poemas foram revisados pelos autores, que também são responsáveis
pelos textos biográficos. A formatação dos poemas seguiu o texto original,
enviado pelos poetas.*

Impressão: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas - CORAG

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL

MESA

PRESIDENTE:

Dep. Pedro Westphalen - PP

1º VICE-PRESIDENTE:

Dep. Paulo Odone - PPS

2º VICE-PRESIDENTE:

Dep. Aldacir Oliboni - PT

1º SECRETÁRIO:

Dep. Gilmar Sossella - PDT

2º SECRETÁRIO:

Dep. Márcio Biolchi - PMDB

3º SECRETÁRIO:

Dep. Marcelo Moraes - PTB

4º SECRETÁRIO:

Dep. Jorge Pozzobom - PSDB

1º SUPLENTE DE SECRETÁRIO - João Fischer

2º SUPLENTE DE SECRETÁRIO - Catarina Paladini

3º SUPLENTE DE SECRETÁRIO - Paulo Borges

4º SUPLENTE DE SECRETÁRIO - Carlos Gomes

Superintendência Geral

Superintendente: Álvaro Panizza Salomon Abi Fakredin

**Superintendência de Comunicação Social
e Relações Institucionais**

Superintendente: Vicente Romano

**Departamento de Relações Públicas
e Atividades Culturais**

Diretor: Luiz Carlos Barbosa da Silva



Sumário

Apresentação	17
Prefácio	19
Ademir Antonio Bacca	
as pedras da memória - canto 1	23
as pedras da memória - canto 2	24
as pedras da memória - canto 3	25
Alexandre Brito	
Sem título I	26
Sem título II	27
O jogo das mil imperfeições	28
Álvaro Santi	
Esfinge	29
Lição	32
Revertere ad locum tuum	33
Ana Mariano	
Canção para arrumar a mesa	34
Poema do amor sem ninguém	35
Procuram José Gonçalves.	36
André Dick	
Cidade	37
Entre as plantas	38
Mediterrâneo	39
Armando Trevisan	
Dia das mães	40
Visita a Dachau	41
Contra-declaração	42
Berenice Sica Lamas	
hexágono	43
sussurro	44
intensidades	45

Carlos Eduardo Caraméz

Sem título I	46
Sem título II	47
Sem título III	48

Carlos Nejar

Hino da liberdade	49
A usada mala de viagem	53

Carlos Saldanha Legendre

Elegia à lesma VI - Os passos, Da autópsia	54
--	----

Carlos Urbim

Retrato gauchesco	56
Esperança	57
Brinquedo de imaginar	58

Celia Maria Maciel

laranjeira	59
rede social	60
porcelana	61

Celso Gutfreind

Confissão	62
Femme terrible	63
Sinto muito	64

César Pereira

Escrever	65
Quebro pratos	66

Cínthya Verri

Sem título I	67
Sem título II	68
Sem título III	69

Claudia Schroeder

Sexo casual	70
Futuro filho	71
Fim	72

Cleci Silveira

Despedaçado sol	73
O afiador de facas	74
Ventania	75

Cleonice Bourscheid

À espera do nome	76
Mas o que é isso, poesia?	77
Poema	78

Deisi Scherer Beier

Sem título I	79
Sem título II	80
Sem título III	81

Denise Freitas

Portões fechados	82
Do alto uma só passagem	83
O vício de Janaína	84

Diego Grando

Place Dauphine	85
Experimento	86
Pistas	88

Diego Petrarca

Sem título I	89
Devolução	90
Sem título II	91

Dilan Camargo

Itaqui	92
Letra Feia	93
Por isso	94

dois Santos dos Santos

Lázaro	95
Franciscanas	96
Sto. Agostinho	97

Eduardo Dall'Alba	
O traço	98
O ponto	99
A minha poesia não	100
Eduardo Sterzi	
Salvo-conduto	101
Confissões de um clandestino	102
Métodos	103
Élvio Vargas	
Poética	104
Barata	105
Faruk	106
Escobar Nogueira	
Paisagem para Pavese	107
Tarô de tirésias	108
Bugrinha	109
Everton Behenck	
O livro das faces	110
O amor não nos deve nada	112
Um poema de esperança seca	114
Fabrizio Carpinejar	
Papel carbono	116
Papel carbonizado	117
Ponto fraco	118
Flávio Luis Ferrarini	
Desalento	119
Definição	120
No olho do peixe	121
Gláucia de Souza	
Bonde andando	122
Cricrilo	123
A pequena vendedora de balas	124

Guto Leite	
a maldade de deus	125
amor	126
que é viver	127
Humberto Zanatta	
Lia	128
Cordeirinhos	129
Cavalo dado	131
Isaac Starosta	
Identidade	133
Nas ondas	134
Causas ocultas	135
Israel Mendes	
Sem título I	136
Sem título II	137
Sem título III	138
Ivanise Mantovani	
Amor aliado	139
Minha casa	140
Sopa de cebola e espargos	141
J. C. Cardoso Goularte	
À la recherche des sentiments perdus	142
Pessoas	143
Dia desses	144
Jaime Medeiros Júnior	
Revir	145
Do deslocamento ou da ferida de Zênon	146
O mapa	147
Jaime Vaz Brasil	
Amiga	148
Serventia	149
Geografia da insônia	150

Jayme Paviani	
Laudes	152
Joaquim Moncks	
Inaugural	158
O horizontal e o vertical	159
A asa do futuro	161
Jorge Adelar Finatto	
Do silêncio da ilha	162
Canção do búzio	163
Em todas as praças	165
José Antônio Silva	
Diário do mar	166
Quem?	167
Eus meus	168
José Eduardo Degrazia	
Famílias imigrantes	170
Peã para Dyonélio Machado	171
Picadylli circus	172
José Hildebrando Dacanal	
À maneira de Goethe	173
Consolatio philosophiae	174
Sailing to três vendas	175
José Weis	
Epigrama	176
Aferrado	177
Os insensíveis	178
Laís Chaffe	
Depois	179
Bilhete	180
Carne e trigo	181
Lau Siqueira	
filosofree	182
intuição	183
terceto épico	184

Liana Timm

No limite	185
O impossível	186
Aparências e Enganos	187

Lorena Martins

Meu coração é um lugar à meia-luz	188
Dom Pedrito	189

Lucas Reis Gonçalves

criado a criador	190
sei que, se entrar no carro, tique	191 192

Lúcia Bins Ely

Voz	193
Silêncio	194
Alma da madeira	195

Luiz Coronel

As crianças	196
Meio século de história	197
Pôr de sol sobre tumbas	199

Luiz de Miranda

Elegia da longa ausência	200
Pequena elegia do que perdi	204
O que conheço é pouco	205

Lya Luft

A casa inventada	206
Ilhas	207
Nascimento	208

Marco Celso H. Viola

Apócrifo I	209
Apócrifo II	210
Apócrifo III	211

Marco de Menezes

ábaco	212
a árvore e o carvoeiro	213
inço	214

Maria Carpi

O lugar da inscrição.	215
Metáfora viva.	216
Coisas que fazem falta.	217

Maria do Carmo Campos

Praça da Alfândega	218
Saramago	219

Marilice Costi

Dos lugares afins	220
Brinde ao desnascimento	221
Lá M há	223

Mario Pirata

Peleja	224
Da rota de navegação	225
Regra uma:	226

Marlon de Almeida

As almas da casa	227
A casa das almas	228
E a alma da gente	229

Marô Barbieri

Sem título	230
poema	231
canção	232

Martha Medeiros

Sem título I	233
Sem título II	234
Sem título III	235

Nei Duclós

Selvagem	236
Amor sem fundo	237
Abandono	238

Nilva Ferraro

No avião	239
Luta extra-muros	240
Buquê de haikais	241

Oracy Dornelles

Soneto do cupim	242
Maria Sharapova	243
Neymar	244

Orlando Fonseca

Acrobacia	245
Improviso nº 1	246
Levitação	247

Ozy Pinheiro Souto

Talvez	248
Espreando	249
Hetero eterno ternamente	251

Paula Taitelbaum

Sem título I	253
Sem título II	254
Sem título III	255

Paulo Becker

Noturno	256
Ó	257
Caras-metades	258

Paulo Bentancur

Amor brasileiro	260
Bilhar	261
Eu	262

Paulo Roberto do Carmo	
Diferente dos deuses	263
Daqui em diante	264
Nós somos o que perguntamos	265
Paulo Seben	
O suspiro de Eliot	266
Soneto desesperançoso	267
Eu-vílimo	268
Pedro Marodin	
igual a uma pedra sozinha	269
sinto-me inundado por dentro	270
o dia é a roupa das estrelas	271
Pedro Stiehl	
Manuscritos	272
Nada tenho a dizer à morte	273
Calabouço	274
Raul Machado	
Mulheres da Vogue	275
Amigo	276
Aviso	277
Ricardo Primo Portugal	
A sombrinha	278
Ela pela neve	280
Ricardo Silvestrin	
Sem título I	281
Sem título II	282
Sem título III	283
Roberto Medina	
Ossos de borboleta	284
Avalovara ghazale	285
Escrita da fome	287

Ronald Augusto	
sócios no transe	288
o que mal se explica	289
ao peso se dobra	290
Rossyr Berny	
Amorosidade e questão social	291
Pássaro terminal	293
Origami quase perfeito	294
Sandra Santos	
Ilha dos Marinheiros	295
Fractais para Marica	296
Meu verso não tem pé	297
Sergio Napp	
II	298
III	299
V	300
Sidnei Schneider	
O silêncio	301
Susana Vernieri	
Anel	304
Leitura	305
Mi	306
Suzana Vargas	
Interditos	307
Pátio	308
Piscina & lazer	309
Tânia Lopes	
Meu coração	310
Atentem	312
Vê se entende	313

Telma Scherer

Sem título I	314
Sem título II	315
Conversa de uma cigarra com Nanã	316

Vitor Biasoli

Se deres o sinal	317
Passo do Rosário	318
Romaria	319

Notas Biográficas	321
--------------------------	------------

Apresentação

Na esteira de ações culturais já consagradas pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, temos a satisfação de oferecer aos leitores esta coletânea de poesias. Trata-se da terceira de uma série publicada, respectivamente, em 2001 e 2005, todas disponibilizadas na íntegra, em formato digital, no portal da Biblioteca do Parlamento - a centenária Borges de Medeiros - complementando o acesso público às edições impressas, destinadas prioritariamente ao acervo de bibliotecas legislativas, de bibliotecas de escolas e de universidades públicas.

No presente volume, os apreciadores de poesia e o público em geral encontrarão uma significativa pluralidade de textos, abarcando um amplo recorte da poesia contemporânea escrita no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma reunião de autores consagrados e de jovens poetas que apresentam uma produção já consistente.

Selecionado pela qualificada Comissão Editorial e pelo organizador, escritor e poeta Dilan Camargo, aos quais agradeço em nome da Instituição pelo trabalho voluntário, esse panorama apresenta os mais variados estilos: versos sonoros, poemas que exploram a visualidade das palavras e outros, ainda, que recriam a nossa identidade regional.

Prezados leitores, esse livro exprime a sensibilidade de 91 autores e autoras que, gentilmente, cederam seus direitos autorais para essa edição. A todos e a todas agradecemos pelo seu compromisso social e espírito público, contribuindo para viabilizar o acesso à cultura, uma ação tradicional do Parlamento Gaúcho que nos orgulha.

Boa leitura a todos.

Deputado Pedro Westphalen,
*Presidente da Assembleia Legislativa
do Estado do Rio Grande do Sul.*



Prefácio

A Coletânea de Poesia Gaúcha Contemporânea surge após doze anos da edição da Antologia do Sul, em 2001, pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, que reuniu 91 poetas das mais variadas vozes poéticas do nosso Estado.


Uma feliz coincidência une estas duas publicações. Nesta, como naquela, participam 91 poetas que, de modo generoso e entusiasmado, aceitaram o convite e prontamente enviaram os seus poemas. Obrigado a todos e a todas.

Esta nova publicação contém somente poemas inéditos de cada um dos poetas. Esta distinção, por sua própria característica, confere-lhe um especial significado em relação às demais publicações desta natureza.

Junte-se a isso o fato de que os nomes desta coletânea foram indicados e selecionados, por maioria de votos, por uma Comissão Editorial. A comissão foi composta por representantes de diversos segmentos ligados à produção literária, à divulgação de livros e à promoção da leitura, como também da área acadêmica.

Cabe, portanto, um particular agradecimento ao inestimável trabalho e à disponibilidade dos membros da comissão: escritor Caio Riter, presidente da Associação Gaúcha de Escritores, Jussara Rodrigues, da Câmara Rio-Grandense do Livro, professora Márcia Ivana de Lima e Silva, do Instituto de Letras da UFRGS e a consagrada poeta Maria Carpi. Sem estas participações, a coletânea não teria a expressividade de tantos nomes e nem a relevância literária de apresentar um rico painel da nossa poesia contemporânea.

Incluo entre as pessoas merecedoras de agradecimentos mais do que especiais os servidores do Departamento de Relações Públicas e Atividades Culturais (DRPAC) da Assembleia Legislativa, coordenados pelo seu diretor. Esse dedicado e competente grupo abraçou o projeto e foi o ponto de apoio fundamental que tornou a coletânea uma bem-sucedida realização.



Os poetas do Rio Grande do Sul, com esta obra, através do apoio da Assembleia Legislativa, somam-se ao conjunto das instituições e das entidades sociais e educacionais empenhadas em promover a leitura e a literatura.

Espero que esta coletânea se constitua num ponto de referência para a literatura gaúcha, para os seus leitores, para os seus admiradores e estudiosos, bem como para os poetas das novas gerações.

Boa leitura!

Dilan Camargo
Organizador



POESIA GAÚCHA
CONTEMPORÂNEA





Ademir Antonio Bacca

as pedras da memória – canto 1

percorro o mapa da cidade
com a pressa daqueles
que desvendam
o corpo da mulher amada
pela primeira vez

busco velhas lembranças
que num tempo qualquer
deixei para trás
quando saí em busca
do tesouro escondido
no fundo do teu olhar

percorro os labirintos da memória
com a angústia daqueles
que sabem que os ponteiros das horas
não andam para trás

onde a velha casa
que abrigou nossos sonhos?
onde a batida na bigorna
que orientava nossos passos?

percorro o mapa da cidade
com a dor daqueles
que descobrem que a cidade
nunca mais cantará
a nossa canção

Ademir Antonio Bacca

as pedras da memória – canto 2

te recordas, amigo,
desta rua
que agora corre
com mais pressa
do que corria
nos nossos verdes anos?

quantos sonhos lapidamos
em cada esquina
da velha cidade
que não existe mais?

tanto tempo que se foi,
tantos de nós que não voltaram
e nem por isso
nos deixamos embrutecer!

ainda recordo, amigo,
da vida que corria
por esta rua
e um dia começou a nos escapular
aos poucos,

de cada sonho
que amanheceu
com gosto de sal;
de cada abraço de despedida,
com gosto de nunca mais

te recordas, amigo,
dos amigos que se perderam
no fim desta rua?

quantos ainda saberão
que os vestígios da nossa infância
continuam gravados
na memória das pedras
da velha cidade
que ainda resistem
aos novos tempos?

têm pressa as ruas
da nova cidade, amigo

correm ao encontro
do tempo que virá,
mas sabem que nas suas pedras
estarão cimentados para sempre
os nossos sonhos de meninos.



as pedras da memória – canto 3

não é tristeza
que traça o mapa
da velha cidade
que ainda se desenha
dentro de mim.

só saudade do que ela
um dia nos foi.

Alexandre Brito

as coisas que não vemos
não quer dizer que não existam
o que se vê nem sempre é o que parece
um dicionário nunca diz o que a palavra significa
mas o que pode vir a significar
uma escrivanhinha cheia de cupim
não é exatamente um objeto inanimado
naturezas mortas são mais vivas que muito vivente
de sorte que entre um horizonte e outro
paira aquela nebulosa constante do
desconhecido Barão de Paranaguá:

“...firmamento nenhum prescreve
passado guardado em cristal de neve
estrelas mortas iluminam o céu de Calcutá

cem mil páginas viradas
e o pensamento ainda é o fumo de uma incandescência

ao trocarmos o endereço do mundo por um quando qualquer
impõe-se o ofício inútil de criar

em sucessivas camadas de significados
finamente sobrepostas dispostas no ar como poemóviles
em ciladas tramadas com palavras concatenadas
à semelhança de organismos vivos
ou por ideias descabidas de nascença
num palavreado torto e desnecessário por vocação
se um inventário de novidades póstumas é incinerado
o rebento mundo novo de um poema eclode

e assim
chegada ao fim a jornada extenuante
após garimpar arqueologicamente o léxico feito um xamã-designer
e sondar o Cosmos como galileu galilei
o quartzo de um instante ganha forma de signo
grita a navalha pela boca de um livro:

o poema
o poema é um ser vivo.

Alexandre Brito

O JOGO DAS MIL IMPERFEIÇÕES

o jogo começa sem regras.
um feixe de luz ruga adentro trespassa a pele de um segundo.
um silêncio depois, o silêncio árido. o interstício.
um não-lugar um não sei onde, onde nada ou quase nada desacontece.

o tempo sinuoso tem o passo lento dos camelos.
não faz evocações a deus algum.
ainda que o criador seja designado em árabe
por quatrocentos e noventa e nove nomes diferentes,
não faz diferença. ninguém é escutado nunca.

amigo dos corvos o espaço é um ser imberbe.
um passeio no deserto nunca é um passeio no deserto.
a sede não cessa com a morte. nem a morte com a salvação.
Bérberes, Beduínos, Tuaregues, bem o sabem, pois as
tempestades de areia não apagam o que com areia se escreve.

mil e uma noites de repouso numa tenda sob o céu à beira do Tigre,
quarenta banhos batismais à luz do dia nas águas do Jordão, não recompõem
o descrente fatigado. um espelho que não reflete não é um espelho.
quando ninguém sabe dizer com quantos corpos se faz um sementério,
o mundo vertical vem abaixo. sangra em transe a noite possível.

alguém com pouco passado não tem o que dizer.
um poeta demora. ao contrário do profeta sabe a verdade provisória.
nasce sem saber. morre sem saber. e como quem nada sabe
esconde-se atrás das palavras. não para que encontrem-no,
mas às palavras.

tamareiras ensombram o caminho a Bagdá.
o vento milenar sopra sobre a cidade três vezes santa.
dois meninos, órfãos, de etnias distintas,
dois olhos de um mesmo rosto sob o sol
estudam álgebra entre formigas e abelhas.

um sonho encravado na carne é o mundo.

Álvaro Santi

ESFINGE

*Sou eu, o poeta precário
que fez de Fulana um mito
nutrindo-me de Petrarca
Ronsard, Camões e capim.
(Drummond, "O Mito")*

Junto à cama, ainda quente,
pés descalços no tapete,
está sentada a mulher.
A cena, em si, é singela:
mais que isso, não revela
a quem pretenda entender.

No espaldar de uma cadeira,
ela apóia sua mão.
Na mesa de cabeceira,
um solitário abajur,
ponto de interrogação
riscado em ouro no azul.

Para onde está olhando?
De que longes terá sede?
A cena mais não me conta,
mas deixa que eu acrescente
os desejos mais humanos,
com que todo o mundo sonha.

Terá visto, pelo vidro
da janela, um passarinho?
Invade suas narinas
o cheiro da maresia?
Presente um sério perigo?
Escuta um ruído lá fora?
Serão passos de um vizinho,
de quem talvez se enamora?

Álvaro Santi


Sonha a poeira dos caminhos,
por entre as flores que vêm
inaugurar primaveras?
Ou, em silêncio, arquiteta,
seu luminoso destino,
neste planeta ou no além?

Na parede, o planisfério
parece querer lembrar
que a aparente quietude
desse aposento modesto
não é mais que um interlúdio
entre jornadas no ar.

Nesse mapa, ela procura
o seu próximo destino.
(Serve também como régua:
se com ele nós medirmos
homem, mulher, criatura,
pouca coisa nos molesta.)

Haverá outrem com ela
- o autor deste retrato?
Ou o quarto está vazio?
Olhará para a janela?
Será casa ou prédio alto?
Ficará perto de um rio?

Para que, meu deus, pergunto
tantas coisas a um retrato?
Não há respostas, só fatos,
nem sei mais que perguntar.
Melhor deixá-la onde está
e ir tratar de outro assunto.



Melhor deixá-la onde está,
não há sentidos ocultos,
nada tenho a acrescentar.
Seja qual for seu futuro,
já não o pode alcançar
o meu sentimento obscuro.

Deixemo-la estar aí,
com seu vestido lilás
e esse abajur ao lado.
Deixemo-la ser feliz,
felizes de haver deixado
de buscar o que não há.

Esfinge que não pergunta,
não decifro seu olhar.
Melhor deixá-la onde está.
Amanhã será segunda
e eu voltarei, mais tranquilo,
a trilhar o meu caminho,

sem perguntar pelas coisas
que não são da minha conta;
sem navegar para o além
do que entendo; sem querer
tornar o mundo mais belo
pela lente do mistério.

Álvaro Santi

LIÇÃO

Receber água das valas
mais sujas ou das piscinas
azuis, sem diferenciá-las:
é isso que o mar ensina.

Rodear igualmente a lata
de cerveja ou a menina
que nada cheia de graça:
isso também ele ensina.

A gota que se destaca
só por um instante brilha
como que em luz transmutada,
mas pouco do brilho fica
quando volta a ser só água
do mar, que a lição ensina.

Rugir pela madrugada,
assustando as avenidas,
de manhã voltar à calma:
eis o que o mar ensina.

Não oferecer nada
além da horizontal linha
a quem procura na praia
aquilo que o mar ensina.

Ao que persegue alvaradas
em seu barco, cuja quilha
vai rasgando nova estrada
que vai sumir em seguida,
pra esse está reservada
a lição que o mar ensina.

Revertere ad locum tuum

*Inimigo oculto
Eu já vi teu vulto,
Sei quem você é.
(Bebeto Alves)*

Repouso almejas? Vida é luta!

Desde o primeiro momento,
um gameta em um milhão
logra alcançar o seu alvo,
por sobre um mar de fracassados.

Começas da estaca zero:
não tens sequer um nome
e já forcejas por sair de um ventre.

Mais tarde, para abrir distância
de um regaço, quantos hematomas
vão custar os teus primeiros passos?

Depois do amor, no combate
à dor da perda empenharás
todo o teu talento.

Por fim, te espreita sempre
o inimigo oculto,
desde dentro.

Ana Mariano

Canção para arrumar a mesa

De minha mãe, eu sei, herdei a calma,
os pés no chão, a luz dos candelabros.
Mas quem legou as mãos ardendo em brasa?
Quem semeou em mim esta semente,
de outono,
florescendo em dalias?

Era tão certa a casa em que vivíamos,
seu lúcido equador, as costas largas.
Sobre a toalha, o rol de cicatrizes:
à esquerda os garfos, à direita as facas,
um prato ao centro, dentro, o guardanapo.
Bonança horizontal, pompa e decoro.

Onde coloco, mãe, o desconforto, essa vontade de afiar as garras?

Poema do amor sem ninguém

Este poema de amor
é bilhete sem destino
Não sei a quem entregá-lo
Não há nome no envelope
nem rua, nem direção
Ternura jogada fora
saudade apenas, sem fatos
que se possam recordar
este poema de amor
reincidente e insano
joga sal no oceano
transpira lençóis de insônia
esboça os traços de um rosto
traceja a forma de um corpo
apaga, torna a fazer.
Vento vago que levanta
e logo depois deposita
palavras soltas, papel
este poema
(eu mesma)
este poema é ninguém.

Ana Mariano

Procuram José Gonçalves.

Homem simples,
brasileiro,
vivia
em Montevideú.

Vendia flores na esquina
da avenida *San Jose*.

Além do nome, mais nada.

Medroso bicho pequeno
camuflado no prosaico,
não alcançava os negócios,
que ao redor se fechavam
desdobrando-se em camadas,
gravatas, lagos de gelo, uísques e amendoim.

Nada sabia do inferno.

Por que foi inesperado,
homem levando um outro
homem que não se vê?

Talvez tivesse uma dor que um dia desesperou.

Ou seu olhar incendiado
de impossíveis passados
tivesse visto uma Rosa
a qual ninguém mais não viu.

E, nessa Rosa, outra rosa,
algum chamego, um requebro,
fez dele menino novo,
o sexo arregaçado
as mãos nos bolsos dobradas,
guardando fundo um segredo,
como quem guarda um real.

Procuram José Gonçalves,
menino, homem secreto,
que ao badalar de uma hora,
pisoteou as margaridas,
dobrou, agudo, uma esquina,
virou nota de jornal.

André Dick

CIDADE

Por baixo dos guindastes,
um dia em crescimento.

Pela manhã, este lugar mais ingênuo,
num confronto vivo para chegar antes
do café na beira da estrada –

os agasalhos mais baratos.
Como a cidade
das flores, na entrada
antes da estiagem de junho.

Quando a mãe recolhe lilases –
artigos encomendados, a tristeza

de um pardal que não se alimenta
de fios de eletricidade,
os postes de luz gastos –

e as firmas que não servem
para o equilíbrio do Posto
da Texaco, brilhando – é certo

oficina de caminhões
disposta ao longo da faixa,
um pinheiro mais antigo do que a rua,
irrompe, do vazio, como floretes vendidos
em semáforos, do fundo do vale.

André Dick

ENTRE AS PLANTAS

Ao caminhar pelo bairro,
o galho da mangueira parecia se curvar
como se recorresse à chuva para estar ali
e o pé de mamão tão esquecido
quanto as águas da piscina e mesmo as
pedras que contornavam sua borda
em algumas vias, durante a chuva,
esquece o orvalho, de onde brota
uma sequência de troncos.

Pensei que não cresceriam de novo as flores,
mas depois do afogamento tudo iria se conter
de novo – onde o orvalho cresceria às avessas,
deslizando ao longo das folhas e o aroma
do dia (encoberto pelo céu) faria o aroma descer
aos cabelos, e o gelo atingir as mãos,
antes que a primavera abraçasse o verão
nas quais habitam rosas enegrecidas
que aguardam grades com ferrugem
e os pinhos verdes.

Também outras casas deportadas
pelo cheiro do flamboyant
a quem recorre e de repente ao parar diante
do vermelho nem percebe as violetas crescendo
sem encostar nas raízes como a bacia cheia de água
e as roupas penduradas no varal – branco, o focinho
entre as plantas no rastro do flamboyant através do muro
quando alcançá-la, a rua em corrida do labrador
para despistá-lo no abismo da primavera.

MEDITERRÂNEO

1

O perfume dos cabelos
e a saia azul-turquesa
são peças selecionadas da imagem
para fazer funcionar
em ciano, em floração

Então tudo se entrega à pele
quando os olhos se abrem
e colhem do gesto orgânico
o ar dos pulmões vermelhos

2

Para tornar o abraço exíguo
não sem antes buscar o vazio
o que não serve para respirar
como o lagarto sobre a grama
onde você passa e se abre literalmente
como as grades do parque

3

Depois da tranquilidade noturna
é um alívio saber o que a segura
parece o mesmo chão que a prende
e retoma, como uma coleção
de caminhadas prontas
para o fôlego exato rarefeito
a pele clara das mãos
os olhos cinza-escuros
cobertos pelo perfume ruivo
vindo do mediterrâneo
quando os cabelos ardem
de laranja e febre
e depois anoitecem

Armando Trevisan

DIA DAS MÃES

Falamos de nossas mães,
como se fossem bonecas,
com a obrigação
de suportar nossas impertinências.

Falamos delas
como de centopéias,
de braços multiplicados.

Falamos
como se nenhuma delas
sofresse artrite, osteoporose,
labirintite, pressão alta,
diabetes.

Como se fossem
deusas gregas.

Como se nunca tivéssemos habitado
a escuridão veludosa
de seus ventres!

VISITA A DACHAU

Ao aproximar-me do sítio maldito,
deparei com um silvedo:

*- da família das moráceas,
de folhas ovadas, cordadas,
denteadas na margem,
com flores unissexuais,
insignificantes e ordenadas
em espigas, providas
de glândulas secretoras
de substância amarga,
tida como tônica e sedativa
e utilizada na fabricação da cerveja.*

Os dicionaristas são originalíssimos!

É com semelhantes palavras
que definem o lúpulo.

Eu, que vi o lúpulo pela primeira vez,
nas imediações de Dachau,
me impressionei mais com os painéis
das fotografias das vítimas
expostas nas instalações malditas
de Dachau.

Nunca vi olhos tão parecidos
com mãos estendidas.

Armindo Trevisan

CONTRA-DECLARAÇÃO

Em certa noite
de luar
pensei em dizer a uma mulher:

-Eu te amo.

Desejava dizer-lhe
exatamente isso.

Cada vez que lhe dizia:
- *Eu te amo,*
Eu dizia outra coisa.

Dizia:
- *Eu te quero!*

Não era a mesma coisa.

Nem é a mesma coisa
dizer-lhe:
- *És uma mulher maravilhosa!*

Nisso existem
fragmentos amorosos!

Quando digo:
- *Eu te amo,*
sei que digo algo mortal.

(Tão mortal que o sexo estremece,
e o coração enlouquece).

Mas é a única maneira
de um homem ouvir de uma mulher
as misteriosas palavras:

- Prestas para alguma coisa!

Berenice Sica Lamas

hexágono

na quentura agora inútil

me consumo

enquanto as estrelas empalidecem

sombras terrenas

enraizados

filamentos cristalinos embaixo

cá estamos nós

ambos sob o surdo rumor da neve

leitosa rodopiante

a brancura pondera

a indiferença tomba

em leves flocos

e se instala o vazio o nada o manto

Berenice Sica Lamas

sussurro

o que ninguém ousaria

gritar

um trilho de trem

vociferando sobre copas e galhos

voz irreal

voz amarenta

que trambica significados

e compra valores

pungência que ninguém ousaria

pensar

o proibido de berço o interdito de raça

tudo que alguém ousasse contrariar

intensidades

lírios de alvura exemplar
frinchas de vítreos alçapões
líricos que nada encobrem

drenagem de textos íris
cilíndricos, fumaça
de gema preciosa armadilha de alvéolos
em um sopro semente de verbena
o chute do bebê no ventre

o que se demora na trama
potência que dura
o que se funda no tempo invisível


pontilhado de íntimos
ardores
tudo

Carlos Eduardo Caraméz

Moro num país sem pátria
numa nação sem noção de nada
habitada por seres fantasmas de si mesmos
onde o passado nunca passa
e o futuro não chega

minha certidão de nascimento
é um boletim de ocorrências
muito antes de morrer
já recebi atestado de óbito

vivo em purgatórios clandestinos
acampamentos de impossíveis
órfãos e refugiados de todos os tipos
feridas que não cicatrizam mais



a vida tem medo de mim
meu tempo é de prazos expirados
contas a pagar
contagens regressivas
descontrole de tudo
sinto dificuldade de raciocínio
respiração ofegante
dores no pulmão
formigamento nas mãos
diminuição da memória
diarreia imotiva
aumento dos batimentos cardíacos
aparição de nublado
irritações na pele
incômodo com a luminosidade
tonturas e desânimo
insônia noturna com pânico
excesso de sensibilidade a ruídos
fadiga crônica
sonolência diurna com abatimento
dormência dos lábios
falta de oxigênio no cérebro
diminuição da circulação sanguínea
queda de cabelos
enfraquecimento das pernas
ossos trincando
pressão fora de ordem
as palavras distantes dos seus significados

Carlos Eduardo Caraméz

não posso
dar mole
ficar na sombra
dependendo da sobra
baixar a guarda
me confundir no troco
acreditar na previsão do tempo

coloco o corpo
na linha divisória
vou pro cerco
dou o bote

encaro de frente
encarno o extermínio
desconsidero tudo

minha falange come carne
bebe sangue
enxerga longe

Carlos Nejar

HINO DA LIBERDADE –

(Dedicado aos heróis da Guerra dos Farrapos)

Liberdade, liberdade,
o teu princípio é sem termo,
de uma razão que não temo
e do sonho que inda teima.
E a seiva que te percorre
aperta na língua extrema,
tua fala que não morre.
Se são coisas sem idade,
as poucas que nos preferem,
não te escolhi, liberdade,
foste tu que me escolheste.
E o terno que te veste
tem costura de manhãs
sobre um arco-íris verde.
Tua água não tem sede,
onde moras, ninguém mora
e o que podes, não perece
e o que desejas, não cede.
Liberdade, nem esqueço
o desenho desta hora.
E se vens, desapareço
e se faltas, tudo chora.
E pagamos qualquer preço
sem contrato ou compromisso,
para que reines no espesso
ou refuljas no indiviso.

Carlos Nejar

Liberdade, não consigo
com a multidão dos mitos,
existir sem ti, se vivo.
Ou te respirar, se morto.
Ainda que pelas frinchas,
ressuscite decidido.
Toco teu corpo furtivo,
toco a matéria moça
de tua terra, toco grossas
paredes deste infortúnio,
ou estas vagas, ou este húmus,
que se alteiam quando roças
as asas e são honrados
teus feitos: não há derrota
ao povo que se conforta
em tuas portas, liberdade.
Nem se mostra pelos ares
punhal, com a flor que arde,
negra amora, negro mel
fabricado pelas tardes.
E é tão formoso o ribeiro
que te desce com a nascente,
ou na forma que removes
deste tempo, seus ponteiros.
Ou se é contida esta larva
de alucinada beleza,
mais perene, quando acaba
sob as pálpebras acesas.
Das colunas, a firmeza;
dos adeuses, oferendas.

O remo duro dos ossos
sob o sol, livre, veleja.
Os ossos da brisa, poços
onde alvo clarão poreja.
Ou as trevas sobre a mina
vicejam como boninas.
Liberdade, tuas pupilas
me fitam desde o possível.
Vou descalço pelas iras,
que são brasas, depois cinzas.
E tenho força bastante
para ver-te quanto és grande
no rutilar dos instantes
como donzela sem dote
a soluçar horizontes.
E nada te paralisa
ou precipita esta sina.
Liberdade, tantos, tantos,
te buscaram junto à forca,
ou curvos na guilhotina,
ou se taparam no manto
de martírios e agonias.
Ou talvez sofram a aposta
secreta na tirania.
São sobre-humanas as quotas
que a fatalidade adia.
Na liberdade, o que dói
todos sentem, não se conta.
Como se a corda da harpa
só deslizesse na ponta.
Ou se nem corda houvesse,
apenas a harpa solta.

Carlos Nejar

O que deixamos, regressa
quando a liberdade volta.
E se a andorinha pousa,
é liberdade que voa.
E se o sabiá gorjeia,
subindo em sua coroa,
ao realçar a destreza,
ora avança, ora recua.
Na liberdade está presa
a sentença da loucura.
E atrás das fortalezas,
espreitam vozes escuras.
E atrás de tortas escadas
brota o levante das ruas.
E que livros proibidos
se leem pelas fechaduras,
que inquisições e gemidos
cavalgam nas montaduras?
E ouvi bramidos de guerra,
vi fuzis, facas, espadas
no rugir das paliçadas.
Quantos calaram contigo,
quantos se ergueram, sozinhos.
Quantos foram ao jazigo
e quantos são redimidos.
Liberdade, liberdade,
não me perguntes os nomes -
se valentes ou felizes -
dos que na bruma se somem
e os que se apagam na aurora.
Em ti bradam tempestades,
reboam vulcões e mares.
Mas poder nenhum devora
o teu amor, liberdade.

A USADA MALA DE VIAGEM –

Quando os céus forem gastos sapatos,
postos sobre a usada mala de viagem,
furados de astros, cometas, voragens,
contemplarei a infância e calçarei os cautos

pés com estes céus tão lestos, gratos
e vagarei por trás de alguma aragem.
Nem se incham os pés nas siderais folhagens,
nem pisarão com solas nos regatos

das constelações. Amada, então posso
esbanjar o fulgor de ser criança.

E caminhar a noite, sem reparar o curso

da Via-Láctea, no seu carro que avança.

E calçarei os céus na luz exausta,
até brotar o amor que não se acaba.

Carlos Saldanha Legendre

ELEGIA À LESMA

VI - Os Passos, Da Autópsia

1.

Retirá-la
do quintal
com cautela
de legista.

Acostá-la
sobre o sal
desta mesa
de alumínio.

Com destreza
e fascínio
ir abrindo

vãs janelas
no seu corpo
em declínio.

2.

Em sua morte
Como em vida
nenhum osso
resistindo

À investida
destes cortes
nem amarras
que detenham

o imergir
n'água em sono
de seu casco

devorado
pelas vascas
do abandono.

3.
Muito rápido
ir secando
os condutos
de geleia

as usinas
de seu sangue
tributário
da neblina

que se evola
pela tarde
e de prata

se aparata
sob o fumo
das exéquias.

4.
De que carnes
siderais,
de que abismo
se destila

este fel
de sofismas
minerais
com que nós

decompomos
os seus membros
neste chão

calcinado
em dezembro
e razão?

5.
Ao final
ver fundeado
no alto-mar
de seu ventre

o arquipélago
de suas vísceras
onde o tempo
cobra em ágios

tão ingentes,
em naufrágios
sem clemência

este drama
sem ensaio,
existência.

Carlos Urbim

Retrato gauchesco

Está o moço no seu lugar
querendo descansar
sentado na rede
para tomar chimarrão
e ficar numa boa
assim bem à toa

Gaudêncio é o nome dele
gosta de pensar no destino
entre passado e futuro
acomodado no presente
de um amigo nordestino

Está Gaudêncio no seu lugar
quando chega a moça
para catar um piolho abusado
na cabeça do namorado

O nome dela é Rosa
amorosa e dengosa
começa a pentear
se põe a cismar
e nesse momento
do nada vem um peixe
a nadar no pensamento

Estão Gaudêncio e Rosa a conversar
acho até pensando em casar
quando aparece o gato Torquato
para também sair no retrato
sem dizer nada, nem miau
apenas ao lado, enroscado

Esperança

Dizem que o arroio
desde nascer no dilúvio
sempre foi bem limpinho

Lavadeiras nas margens
esfregavam roupas
ensaboavam, torciam,
entoavam velhas canções
à beira da água cristalina

Dizem que garças vinham
todo santo dia
para bicar peixes miúdos
e ouvir a alegre cantoria

Mas a cidade cresceu
espalhando prédios altos
até o arvoredo desaparecer

Restam poucas lembranças
nos lugares agora ocupados
por fios, postes e antenas
que desafiam as crianças

O arroio permanece
no passeio constante
entre a cidade e o rio

Espera que seu leito turvo
volte a ser transparente
como antigamente

Carlos Urbim

Brinquedo de imaginar

A janela aberta no escuro
exige exercício puro

Tudo se pode ver
basta querer
sem sentir medo

Símbolo vira brinquedo
a desafiar nosso olhar
e revelar a verdade:
em tudo existe ambiguidade

Não importa idade
nem precisa ter prática
para viver a emoção
de descobrir nos cantinhos
instrumentos da imaginação

(Será isso mesmo ou não?)

Quanto mais se busca definição
menos se acha uma explicação

Celia Maria Maciel

laranjeira

a gente estava perto um do outro
em pé, não lembro,
mas a gente casava porque havia uma sintonia
nos nossos jeitos. assim, feito abelhas fazendo mel
e tudo dando certo até o mel chegar no pão.
depois, pegaste a minha mão, aí, casamos

sentamos em volta da mesa
precisávamos de quietude. um tempo de respirar
e ouvimos o ar do silêncio
e o nada também ouvimos
e falamos dentro do silêncio
tudo o que guardamos durante a vida.
casamos, tenho certeza, nessa hora.

vieram então os risos. outra vez casamos
e teve hora de agressão briga e raiva.
até aí, houve casório.
e de outra forma fiz aliança
porque minhas mãos têm a forma do teu rosto
os teus braços têm a forma do meu corpo

não houve cerimônia nem sermão mas casamos
porque nos celebramos ouvindo jazz

depois, a gente comeu sorvete e eu te olhei
e tive certeza de uma lua de São Jorge
e até hoje a gente está assim
casando casando

Celia Maria Maciel

rede social

a criança tem piolhos
a cabeça da criança está em chamas
ela conhece a coceira a angústia
o desespero quando faz calor

dentro da cabeça da criança não há brincadeira
bola bicicleta boneca essas coisas
e nem imaginação

só uma cabeça em chamas

porcelana

indiferente a um homem que desmancha
uma parede abaixo de golpes de marreta
leio poemas chineses

esses poetas fazem com que eu lembre
o lugar onde nasci
as coisas mais puras da minha infância
a água corrente do rio
minhas mãos de menina
dentro das mãos de meu pai
nós dois
diante do espetáculo das enchentes

e meu coração medroso
– parede sendo golpeada –

Celso Gutfreind

Confissão

Levei o artista à beira do mar
lá onde teria de contar.

E contou tudo:
a arte é mesmo
uma desculpa,
vida tomada
antes de finda
uns sons afoitos
pelo sentido:
uma desculpa linda.

Femme Terrible

Bandeira e Quintana eram solteiros
sem outros deveres além do ritmo.
O casório de Drummond, cotidiano
com direito à fuga com palavra e sexo.
Cabral declinou da primeira união
e da segunda o poema foi a massa.
Vinícius do excesso cavou a ausência
e preencheu-se do que não interessa,
todavia é necessário. No fundo,
nada fizeram de mais importante
que o poema. A poesia é impulsiva
como a vida.
Possessiva.
Ciumenta.
No limite.

Celso Gutfreind

Sinto Muito

Sou e suo nos encontros em que as pernas oscilam
entre árvores lençóis gravetos
e compomo-nos a cada balé
de técnica singular
que marca e entendo
que precisas descansar,
mas sinto muito,
continuarei nos compondo
durante a tua ausência.

César Pereira

ESCREVER

O momento, amada,
manipula
o pulo
a pele das palavras

Não há porto
ou porta de sossego
fuga inaudível
neste espelho de imprevistos

Guardo-me
assecla
de apagões
em teus olhos

Escrever
é sair de dentro
como quem inventa
ventos e paixões

César Pereira

QUEBRO PRATOS

Quebro pratos
enxugo louças
e saudades
na cozinha

Ponho sonhos
e esperanças em teus zelos

Invento bálsamos
e ternuras
no meu canto

Saio de mim
como quem tece
enlevos neste amor

Sou o que busca
ilusões na pedra
luz no gesto
e o que brilha
além do sexo

Cíntya Verri

quero estar quieta
luz entrando na sala

quieta como um peixe
uma placa
um tronco

como um tecido

quieta como o vidro
criado mudo

quieta como a sorte


como a luz de freio
o farol vermelho
sigo te esperando

esperar não é silêncio.

Cínthya Verri

no assento do avião
vejo rostos no tecido

suporto mal os espaços.



seios pequenos
caídos
são os mais tristes

parece que levaram tudo.

Claudia Schroeder

SEXO CASUAL

Peguei a Poesia
de saias
passando na janela
puxei para dentro
deitei todos os seus versos
forçadamente em minha escrivanhinha
(e cada nova linha cheirava a ineditismo).
Primeiro li
com os dedos
(como se toda em braile fosse).
Depois invadi um verso
bem no meio.
Senti jorrar novas palavras
que ali escrevi.
E a Poesia levantou
exaurida
limpou qualquer vírgula excessiva
puxou suas saias na altura dos joelhos
e saiu toda *prosa*
como se publicada
tivesse sido.



FUTURO FILHO

Estou esperando.
Agora não posso cair de bêbada
ou de imatura
ou cair em qualquer cama
cair de cara
na lama.
Só posso cair nos teus braços
enquanto estiver esperando
viver
a materialização
dos nossos laços.



Claudia Schroeder

FIM

Deliciosa sensação
de dever cumprido
ao fechar a última página
de mais um livro lido.

Cleci Silveira

DESPEDAÇADO SOL

no céu
despedaçado
o sol
entre cinzentas nuvens
agoniza

um vento súbito
assombra a cidade
enche de pânico
o sossego dos pássaros

a chuva é forte
mas um céu estrelado
cobre a noite
lua clara

o menino de rua
estende seus trapos
no chão ainda úmido

a chuva é breve
mas a desgraça é eterna

Cleci Silveira

O AFIADOR DE FACAS

rua minha
rua antiga
onde nunca mais passei
lembro teus sons, os teus cheiros
tanta coisa que amei

rua minha
rua antiga
de velhas tardes de abril
do afiador de facas
na bicicleta fantasma
a rolar o esmeril



VENTANIA

e esta ventania no espelho?
folhas não caem
que silêncio é esse?
estranho mudo vendaval

é o tempo passando
um travo de raiva
desconsolo incômodo
sou eu sem forças
para detê-lo

Cleonice Bourscheid

“Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus”

Bernardo Morliacense, in *De Contemptu Mundi*, século XII.

“A rosa antiga permanece no nome, nada temos além do nome”.

À espera do nome

À espera do nome:
noivo, casa, tempo,
pássaro, videira, fome.

(De que serve o nome?)

O noivo nasce sem nome:
casa, rede, peixe, tempo,
tudo se consome.

À espera do nome,
a uva nomeia a sede,
o pássaro, a fome.

(De que serve o nome?)

Do noivo, da casta,
da casa, do templo,
da ave, do ventre?

Se tudo é rede,
se tudo é peixe,
se tudo se consome.

(De que serve o nome?)

de todos os pronomes,
de todas as fomes,
de todas as sedes.

(Se tudo se consome.)

Mas o que é isso, poesia?

“De poesia –
mas o que é isso, poesia.
Muita resposta vaga
já foi dada a essa pergunta.
Pois eu não sei e não sei se me agarro a isso
como a uma tábua de salvação.”
Wisława Szymborska

Não pergunte por que,
(pois calo)

a mim mesma falo:
por que razão resvalo
sempre no mesmo ralo

por onde escoo
o resto do tempo
o silêncio do abraço
o cheiro do rastro
o espasmo da dor
a borra do vinho

não pergunte por que,
(pois calo)

É poesia a dor que sinto?
E se não sinto?
E se nem me abalo?

Mas o que é isso, poesia?

Se sei, me calo
(não falo)

não pergunte
não pergunte por que
não pergunte por que,
(pois calo)

Mas o que é isso, poesia?

Cleonice Bourscheid

Poema

envolto em casulos de silêncio
nasce o poema do espanto

é rota a rede em que repousa
o sonho

é rouco o grito que à dor
responde

toscas mãos tramam
o andar do meu passo
bocas ocas saciam
a sede que esgarço

a cada instante um espanto
a cada espanto um poema




Deisi Scherer Beier

os olhos ardiam e, iludidos, avistavam
miragens
não tinham voz para proferir
tímido pedido de socorro
no vazio, nenhuma palavra
em direção ao céu
a despeito da chuva fina
tenho eu também olhado
aquele que me vê
carregando no ventre
outro deserto

Deisi Scherer Beier

na moldura um verde triste
seria preciso um tempo para deliberar
mesmo havendo merecimento
fumaça na água
entre paredes
claustrofóbico
claudicante
coro inominado
tomado pelo assombro
escombros acotovelados nos cantos
mas pulso resistente



vitrais filtram o branco
aturdida humanidade
revelada em lâmina
sem margens, afiação perfeita e à semelhança

se cada desencontro se quedasse em versos
e águas acolhidas em seu destino
não originassem chuva temporã
trancada na retina permanecia tua face
deslebrada de risos

sob o frio decotado de outono
desassossego
as cicatrizes de um final de tarde
instante deslinhado
que se espicha sobre a noite

Denise Freitas

Portões fechados

Portões fechados,
dispostos frente ao único caminho
em que se avista a passagem.
No caixilho
selos de línguas controversas
centriloquam as atenções,
mas não perguntam ou respondem
nada. Apenas permanecem ali,
sem opinião ou juízo a oferecer.
Nem mesmo acusação e queixa.
Simplesmente ali:
signos enfileirados para nenhum
sentido, nem por acaso e sem vontade.
Completamente alheios.

Talvez, por isso,
operem um tal princípio,
uma tal urgência à interpretação
que tornam o caminho secundário
e a passagem insignificante.

Do alto uma só passagem

Do alto uma só passagem leva à praia.
Em cada manhã estive lá, repetindo-me
tornando ao igual motivo em que me desfaço.
O homem à distância encanta,
menos o homem do que o largo
em que me separo dele.
Convoco-o – eu, gigante e recatada –
aos arilhos da tarde entre oceanos.

Depois, de tanto se repetirem os dias,
o mesmo evento repete toda hora
de um mesmo dia. Até restarem
apenas inumeráveis sucessões de aparte:

um caminho trespassado,
uma praia,
um assombro epistolar,

o arremesso inteiro do corpo à brisa.

Denise Freitas

O vício de Janaína

Todo dia Janaína abre a janela
sabendo a robusta semelhança
entre o que vê e viu.

Todo dia Janaína abre a janela,
enche os olhos daquilo que imagina
janela à paisagem menos sua.

Janaína, todo dia, enubla-se
mais que a madrugada pavorosa,
depois anoitece diante do mundo,
guarda a janela
e dorme sem dizer palavra.

Diego Grando

Place Dauphine

Mas se sou mero pescador
que com esmero espera peixes fora d'água
não é de graça estar sentado, é pura praxe
a uma hora dessas numa dessas praças
assim atento espectador de espectros
assento para pombo ou corvo
astuto, estátua, pose para foto
assim em condição de espelho
embaçado especulando se um dia
meus caros, um dia
minha casa, um dia
talvez um dia
em meu caminho, um dia
em minha vida, um dia
se isso por algum acaso
um dia—
pensando bem
isso não passa

Diego Grando

Experimento

Pegue um balão, bexiga, bola de soprar
ou qualquer outro objeto humana e labialmente inflável
de sua cor de preferência
pegue-o ainda murcho
recém saído do saquinho cheio de balões-irmãozinhos
de modo que ele ainda é
apenas um balão em potencial
coloque-o sobre uma superfície lisa
um livro de capa dura, uma prancheta ou mesa
nesse momento ele é como uma folha
pegue uma caneta de sua cor preferida
(atenção: é preciso ter mais de uma cor preferida
ou desenvolver uma nova preferência imediatamente
pelo bem do contraste
entre balão e tinta da caneta)
escreva na face visível a palavra “frente”
e espere a tinta secar
coloque a face que estava para cima
para baixo
escreva a palavra “verso”
e espere a tinta secar
você terá então em mãos
um objeto bidimensional
composto de “frente” e “verso”
(se você não for capaz de admitir
a irrelevância da terceira dimensão
suspenda imediatamente o experimento)

tome um bom gole de ar
aproxime da sua boca o biquinho molenga do balão
e sopra o quanto puder ou quiser
depois dê um nó naquela pontinha um pouco babada
(não tenha nojo, é tudo seu)
(se não souber dar nó
trate de improvisar
ou procure se informar)
finalmente
contemple seu balão cheio de ar
cheio de você
indiscutível e tridimensionalmente gordo
procure as palavras que você escreveu
estão deformadas, é verdade, mas são ainda legíveis
então você lê “frente” e “verso”
o que agora é
sob qualquer ângulo de análise
um despropósito

Um poema
é como esse balão

Diego Grando

Pistas

para Carol

1.

A estrada tem razão (fora do mapa)
e vias vicinais, acostamento, mato.

2.

Fora do mapa a estrada é o não haver
de vento de varanda e vista conversível
Hank Williams com chiado no dial
ou quarto de motel por qualquer nota amarrotada
contudo brisa de ar-condicionado
e ipod na entrada auxiliar.

3.

Fora do mapa
estéril de cinema e literatura
a estrada é o carro azul que a percorre
depois da noite branca da véspera
(como a criança que sente fome
senta à mesa e não come)
é o rumo a tomar na interseção em y
o estrabismo do limpador de para-brisa
uma ideia que se desfaz (porque se faz)
a urgência de não saber o que
dizer se não há nada a ser dito
o medo que não tira férias
e vai junto viajar
a estrada – ainda não é tempo
de esticar as pernas –
sou eu no banco do carona.

4.

De ir e vir é a estrada
(nós dois que a inventamos).

Diego Petrarca

1.

Fingia ser satélite e espriava-se: repartindo o sangue
das conversas sobre a espinha dorsal da avenida, com a
língua repetida das vitrolas. E a espessa carnadura após
uns goles de alô precário

***Vou esquecer as problemáticas e dar uma festa
estampada desde a cortina. Ponto de
interrogação depois e a porta fecha sorridentes
consequências. Você parecia estar no ar das
luzes das flores e oferendas, tudo enigmático
e azul como lanternas acetinadas***

7.

*Devolva meu sorriso. A mágica é uma
espécie de organismo vivo que volta. Sempre.
Volta. Não corresponde nunca. É silenciosa
enquanto canção nascida, repartida. A mágica é
sempre repetida. Não sabia? repara, a mágica é
mistério concedido concebido pela sorte. A sorte
soa sempre sábia aos olhos do sujeito. Efeito
restaurado pelo tempo.*

**Aceito. Na velocidade de um sopro.
Rarefeito. Mas como assim deixar? seria
mais fácil exigir um sopro mais nítido. Um.
Só um. Não menos que um só. Ao mesmo
tempo que a chuva. Os acordes da chuva
demoram nos ouvidos.**

Diego Petrarca

DEVOLUÇÃO

Testar limites
forçar horizontes
num exercício de lucidez
 muito livremente
 concebido

movimento brusco
de autoliberação
sobre o signo
 desabrido
 do si mesmo que

do ponto de vista
técnico bate
todos os recordes
 de
 devolução

EM cada margem

UM rito

DE passagem

Dilan Camargo

ITAQUI

Uma vez eu disse
Itaqui
é uma pedra
pedra fundamental
pedra filosofal
dela, eu vim, eu disse
nela me pensei
me penso
me adenso
sobre ela ergui meu nome
meu mundo.
Materna pedra
onde enterraram meu umbigo
onde bebi meu primeiro leite.
Itaqui
alma granítica
soprada em mim
pelos ventos meridionais
desde a redução de La Cruz
para que resistisse.
Pedra d'água
seixo, peixe
pedra rolada no fundo do Ibicuí
moldada nas correntezas
sem margens para descanso.
Agora, eu sei, eu digo
não sou pedra dura
sou pedra macia
pedra de lucidez e ternura
ser essa pedra aprendi
pedra boa para afiar
as lâminas da alma
a ponta do meu lápis.
Com ela eu vim
até aqui.

LETRA FEIA

Letra feia letra feia
feia feia feia
não sai letra
não sai escrita
não sai letra bonita
sobre a folha branca.

Nas linhas de espinha torta
palavras quase mortas
alma queimada.

Será a ponta do lápis
o bico da caneta bic
a tecla que não digita?

Falta de ar e arte
folha falha no dicionário
boca sem vocabulário?

Tremor do pulso
mal absoluto
luto da poesia
quase extinta?

Não tenho resposta
só esta letra feia
garatuja
que suja
a página alva
que jamais se lava
da sua tinta.

Dilan Camargo

POR ISSO

Eu não queria, outra vez
me perder de tuas mãos
ver tuas lágrimas no assoalho
me esquecer que estás perto
não ler a cor dos teus olhos.

Eu não queria, outra vez
me abraçar na tua ausência
não celebrar tua alegria
te dar metade da noite
não te enfeitar de anéis.

Eu não queria, outra vez
embrutecer minhas palavras
desconhecer tua dor
deixar sem luz tua beleza
não te tirar pra dançar.

Eu não queria, outra vez
acordar sem coração
perder a chave de casa
te dar adeus em silêncios
dar por vencido o perdão.

Por isso agora eu te amo.

dois Santos dos Santos

LÁZARO

Há o necessitado de amor
que espera a palavra
como se fosse uma mão no ombro
O que suplica agoniado
em silêncio carente
por essa doçura com a qual
muitas vezes
um cachorro nos contempla

dois Santos dos Santos

FRANCISCANAS

Uma vida sem cor
igual a outra qualquer
Com sua canga de enxovalho
amores naufragados
e sonhos
que a realidade machucou
Uma vida comum
feita de pequenos fracassos
assim meio desbotada
suja de um cinza irremediável
anônima em cada passo
onde breves interstícios
abrem sulcos de alegria
e se afogam
Uma vida muito ruinzinha
mais para desvivida
triste avesso do que não foi
ordinária pela ausência de sofrimento
Essa porção de nada
vazia de tanto perder a si mesma
Nula e plena



STO. AGOSTINHO

Os velhos aposentados
são outra espécie de ampulheta
Alimentam o sol com seu ócio
metrificam a tarde
medem a sombra
rimam o vazio
nos bancos de praça
E contam os grãos do tempo
em cada morto

Eduardo Dall'Alba

O traço

Para Waldemar Torres

O engenheiro noturno por caminho no risco
por luz intensa por grades nas janelas
não desenha o possível por previsível o traço
antes desenha na noite o traço imaginado
no impossível do cálculo, no desvio da reta.

O engenheiro noturno antes inventa que traça
por traço de expressão tangível
no papel que não inventa nada
no que o pensamento existe de seco
antes afasta que aproxima
as linhas convergentes no papel.

O traço comum não de todo
aos poucos obra ergue imaginária
no nada do deserto onde areia
não quebra onda como em praia
chega-se ao deserto pela linha
lápiz ou caneta especial quando
projeto de deserto já não é.

O engenheiro noturno faz de conta
não faz contas por asceta
não nutre calor conversa amistosa
com o que lhe chamam poeta
nem pretende que o traço supere
a obra do devir de outros braços
a que preenche tangível e adere
com engenho e arte o espaço.

O ponto

Para Jane Tutikian

O ponto é o resultado do primeiro encontro
da ferramenta com a superfície material

o plano original
papel, madeira, estuque, metal

podem constituir a superfície material
lápiz, goiva, pincel pena ou buril

podem construir-se neste ardil
do pensamento ao lado

por esse pequeno choque o
plano original é fecundado

a noção exterior do ponto é imprecisa
o ponto geométrico, invisível, divisa

com a base e sem contornos,
o entorno é adorno.

Eduardo Dall'Alba

A minha poesia não

Para o Maestro Cláudio Ribeiro

A minha poesia não quer agradar não quer protestar não é manifesto
não é gesto não louva-deus, não louva nada a minha poesia é esvaziada
da concentração de tempos não é pura nem impura não

é para cantar então não canta não quer ser a primeira nem última
diz poucas verdades não se conta não é conto
não vira modelo ou clichê não tem fórmula

a minha poesia não se lê nos jornais não fala do centro periferia capitais
não quer ser senão poesia a minha poesia
não quer pouco a minha poesia não quer festa

não protesta a minha poesia não quer ter rumo definido nem música
é erva e pássaro no deserto mar se evola como pássaro se evola
como pássaro saído da gaiola inventa e voa voo diferente da leoa

A minha poesia é simples como artesanato em vime e todo o resto
é retórica e todo pouco é sublime pouca poesia pouca pedra
por não conter na lata nada por não ser poesia enlatada.

Por não. Ser. Poesia sinal de menos quando não.

Eduardo Sterzi

Salvo-conduto

Aquele que usa barba
se esconde
atrás da sua barba
como aquele que tem
nariz
se esconde
atrás do seu nariz
mas ninguém lhe pede
que raspe o nariz
para o retrato
da carteira
de identidade
nem lhe pede
que raspe o nariz
se quiser voltar
um dia
ao seu país

Eduardo Sterzi

Confissões de um clandestino

I

Maradagàl ou Parapagàl?
Kakania ou Brasilândia?
Não-Me-Toque ou Cacique Doble?
Kuala Lumpur ou Tora Bora?
Bora Bora ou Macondo?
Desterro ou Bauru?
Pouso Alegre ou Parintins?
Porto Alegre ou Portalegre?
Teerã ou Teresópolis?
Canoas ou Canaã?
Xangai ou Bangu?
Xingu ou Bangladesh?
Pardieiro ou Pasárgada?
Roma ou Rêmora?

II

O pessoal do trabalho pensa que sou porto-riquenho
O pessoal do trabalho pensa que sou pernambucano



Métodos

Meu nome é Serapião Balestra
Eu resolvo problemas
Meus métodos são pouco ortodoxos
Às vezes uso martelos

Élvio Vargas

Poética

Quando vem a vida
no seu pleno sustento
amparada por largas e longas asas
sobrevoando o silêncio
dos telhados de arminho
navegam com ela
na mansa ondulação dos nimbos
crianças inocentes, envoltas
em folhas, ramagens e pergaminhos.
Alfombras de símbolos, criptografias
esperam-nas para o grande voto
sacerdotal das palavras.
Muitas nem conhecerão o batismo
e rumarão para a enseada dos limbos
outras carregarão vergadas, o peso
do fado anunciado no código dos versículos.
Afinal, porque o elo que une tantos idiomas
vale mais que reinos, derruba imperadores
e tem a leveza da oração ou a fúria das pragas.
Seus mantras melódicos guiam pastores
hierofantes, vates e toda a hierarquia dos magos.
A palavra quando emerge
do pântano aquoso das bocas
é gutural, primata, som
que perturba, castiga, enternece.
Quando vem a vida...

Barata

Marron, misógina, divina!
obra-prima clariciana
porta-aviões recheado
essência de giz e coco.

Élvio Vargas

Faruk

O sono em que dormi
viera jejuado
por intensas vigílias
acesas na pele
de pêsegos maduros.
Os turbantes de Faruk
ganharam a esguia
forma das serpentes.
A frágil seda das franjas
tramava com os elos da escuridão
uma resistente e mortal
asfixia pelo nó.
Tudo aquilo que era esboço
consolidou a forte
musculatura do ataque.
O réptil viria pelas frestas
da sombra...

Escobar Nogueira

PAISAGEM PARA PAVESE

“Calar é a virtude da gente.”

Cesare Pavese

O sol ministra sua palestra
e o mandiocal faz yoga.
As casas, misantropas,
acasalam com a soja
e, silenciosa como uma espiga,
granula uma vila.

Os agricultores escrevem na terra.
Os arabescos da natureza
e a geometria das lavouras
bordam na cartografia
o dorso de um tapete persa.

A paisagem pensa.
Pastoras de si mesmas,
pastam, campeiras, as emas.
Os patos, na paz da lagoa,
praticam seu budismo de boias
e a garça, na margem de lama,
deixa sua pena e seu ideograma.

A paisagem pena.
No altar da coxilha,
o evangelho do vento
converte os eucaliptos,
e o tempo destelha,
e as formigas colonizam
a antiga casa dos italianos.

A paisagem cansa.
A noite se mija
e a lua principia sua aula
na lousa da aldeia.
Sou aquele homem
que se recolhe com as ovelhas.

Escobar Nogueira

TARÔ DE TIRÉSIAS

Como se fosse meio cego,
lequeando o baralho,
Nego Vlade lê seu jogo.
Sua cara cartografa as cartas,
sua tristeza é não ter um coringa
para formar uma sequência,
para completar uma trinca.

Niko solta um sete de copas
e chora estar para o amor.
Só na próxima volta,
como se noutra vida,
poderá cavar seu ouro.

Andrei se desarma,
descarta um valete de espadas
e deixa na mesa a mão decepada.
Alguém tem sua dama.

Nego Vlade finge força,
a carta parece de pedra.
Seu braço, um guindaste,
desvira e descarrega
um rei de paus que não presta.

Não me serve o naipe.
O rei parece o Dostoiévski.
Tenho a impressão,
ligeira,
de que estamos numa prisão,
na Sibéria.
Como se eu fosse meio cego.

BUGRINHA

Para Lisiane

É em ti que penso,
quando leio o romance
do Érico Verissimo.
Tu és Ana Terra
e eu sou um mestiço
que, num dia de vento,
na tua aldeia apeou ferido.

É em ti que penso, bugrinha,
quando em meu poema
pincelo o entardecer,
pois é em tua pele
que o dia e a noite
travam combate.

É em ti que penso, bugrinha,
quando a caminho da fronteira
passo por Santiago do Boqueirão.
É em ti, musa missioneira,
que o poeta pensa decor
para compor o refrão.

É em ti que penso,
quando penso,
bugrinha.

É em ti
que penso
em mim.

Everton Behenck

O LIVRO DAS FACES

Eu não curto filmes
Com cães e bebes

Nem candidatos
Que parecem cães e bebes.

Eu gosto mais
Dos animais

Do que gosto
De pessoas que gostam de animais

Quem nos protege delas

Eu não curto as fotos
Que tem um propósito definido

E mal escondido

Eu não curto os recados
Cifrados

As mensagens sem endereço
Esse exibicionismo do segredo

Eu não curto

Os eremitas
Olhando sombras virtuais na parede

Que compartilham sua solidão
E nunca ficam sós

Eu não curto muito
Quando percebo os jovens

Me envelhecendo

Porque não compreendo
Sua velhice

A juventude deveria ser ingênua
E louca

E por isso única
E de razão infinita

E morta de vontade
De empurrar as paredes

Temos muitos trilhos
E poucas locomotivas

Muitos gênios
E pouca genialidade

Eu não curto nenhum pouco
Essa confusão que estamos fazendo

Entre arte e opinião
Opinião e piada

Preconceito
E intimidade

Não curto as fotos
Dos pratos
Dos chefs de cozinha

Que preparam cuidadosamente
As histórias mais cheias de aromas

E falta de provas

Eu não curto
Essa propriedade
Antes exclusiva da página em branco

De aceitar qualquer coisa

Eu não curto muito
Esse ativismo de sofá

Mas acho muito melhor
Do que deixar de falar no assunto

Eu coloco aqui esses poemas
Sem fazer a mínima ideia

Do motivo por trás disso
E me sinto

Muito ridículo

Acho que é meu jeito de rezar
Mas não curto nenhum pouco

Tudo que é religioso

Eu odeio
As mensagens de fé

Que me ofendem a crença
Eu não curto esse extremismo

Mas estamos em guerra

Ateus e todos os outros
Tipos de tolos

Deus está tentando
Governar nossa maior cidade

E nunca tivemos tanto medo

Mas o que eu curto
Muito mesmo

É ver todos tão empenhados
Em pintar seus auto retratos

Everton Behenck

O AMOR NÃO NOS DEVE NADA

O amor não irá nos salvar
O amor é forte

Mas ainda não é força

O amor não supera nada
O amor

Só mostra que existe o outro lado

Para que você salte sozinho

O amor não é o ponto de partida
Nem o ponto de chegada

O amor é o caminho

E sobre ele
Só anda quem não teme perder de vista
O amor não é um lugar para pedir abrigo

O amor chove do lado de dentro

O amor não é suficiente
Para que as pernas se movam

Ele é o motivo
Não é o motor

O amor é só um aceno
Quem corre somos nós

Quem precisa ser forte
É a carne não o amor

Quem precisa vencer as barreiras
São as mãos no exercício do carinho

São as palavras na dicção da delicadeza
O amor não justifica nada

O amor é só um vento
Mesmo sendo capaz de mover e revirar

O amor não vai soprar
Em vão por muito tempo

O amor é muito sutil e muito ingênuo

Quem precisa gritar somos nós
Para multiplicar a voz

Nós precisamos dizer através do amor
O amor não falará uma palavra
Em nossa defesa

Ele não fará nosso trabalho

Árduo

O amor virá morar conosco
Mas somos nós

Com as mãos vazias
Que devemos construir a casa.

O amor não precisa de nós

O amor não nos deve fidelidade
Não nos deve respeito

O amor não nos deve nada

O amor pode ir embora
Quando bem entende

E o amor não prende o amor nos dentes
Somos nós

Com nossa pouca imensidão
Que temos de crescer

Nós que só rezamos ao espelho
É que devemos ter fé e doação

O amor não é o santo

Nem a oração
Nem o milagre

O amor só aponta o dedo e pergunta da porta:
E agora?

Everton Behenck

UM POEMA DE ESPERANÇA SECA

Você já sabe
Que irá morrer
Talvez em breve

E que será
Praticamente inevitável
Um tanto de dor
Prática e física

E tubos nas narinas

Você já sabe
Que atrás dos olhos
Está e sempre esteve
Irremediavelmente

Só

Você já sabe
Que o amor nasce
E morre

Pelos mais diversos
Motivos

E que geralmente
As pessoas oferecem
O que não possuem

Enquanto exigem
O que você não tem

E que até perceberem isso
Serão felizes

Você já sabe
Que o amor
É uma intenção

E sabe que isso
É muito bonito

Você sabe que a fé
Foi feita
Para que você não acredite
Cegamente

Nisso tudo que sabe

A natureza criou a fé
Para garantir que você faça
A sua parte

Até que chegue
Cedo ou tarde

Com mais
Ou menos alegria

Aos tubos nas narinas

Você sabe
Que algo te move sempre em frente

E é exatamente o mesmo
Que move um cão
Uma vaca ou uma ave

Mas agradeça
Porque eles não sabem

Já você
Bem

Você sabe

Você sabe que dinheiro
Carros, ternos, móveis
Não são garantias nenhuma
De humanidade

E se você não sabe
Descubra antes que seja tarde

Você já sabe
Que não voltará

Ninguém que lhe salve

O parto é sempre um ato
De abandono implícito

Vimos a esse mundo
Com um propósito bem definido

E nunca voltaremos

Aproveite sua estada
Da melhor forma possível

E não se cobre tanto

Todo mundo sabe o quanto
É difícil

Fabrício Carpinejar

PAPEL CARBONO

Ela reclama de minha fraca memória.
Fala alguma coisa, escuto, mas não guardo.
Juro que escuto, a deficiência não é auditiva.
É que não encontro um local seguro para guardar.

Há muito tempo deixei
de ser um esconderijo confiável.



PAPEL CARBONIZADO

Ela não reclama de minha fraca memória.
Agradece quando esqueço para aperfeiçoar a história.
Agradece porque nunca será repetitiva para mim.
Estou sempre interessado quando sua voz emudece.

Ela perdoa homens sem memória,
mas não perdoa homens sem imaginação.

Fabrício Carpinejar

PONTO FRACO

Existe um único jeito de me envelhecer,
um único e irremediável.

Nenhuma perda em especial
me fará envelhecer.

Nenhuma dor em particular.
Nenhuma morte, eu me arriscaria a dizer.

Não será a barba grisalha, o tédio,
a dificuldade de subir a escada.
Não serão os ombros caídos, o lápis sem ponta e os óculos
que enterro na cabeça para nunca mais.

O definitivo jeito de me envelhecer
é corrigir meus dentes.

Os dentes tortos
são minha infância.

Flávio Luis Ferrarini

DESALENTO

O capim treme no chão do meu olho
Venta
Venta no olho do furacão da minha alma
Treme
Treme minha alma no varal do vento
Desalento

Flávio Luis Ferrarini

DEFINIÇÃO

Sou um poeta menor
Sou um sol maior
Sou a casa da luz
Sou a lição de cor
Sou canhoto sou leonino
Sou fogo no olhar do felino
Sou espera sou terra sou chão
Sou paz no olho do furacão
O quadro negro é verde
O milho verde é amarelo
O mar vermelho é azul
Sou franzino sou branquelo
Sou o menino que fui
Sou do Travessão Paredes
Metade que sou flui
Na outra metade sede



NO OLHO DO PEIXE

Cuido para que seja eterno o encanto pela poesia
Como eterna é a brevidade de um desbotado arco-íris
Cuido para que o tempo dedicado à poesia seja eterno
Como eterno é o relógio no olho do peixe petrificado
Cuido para que a vida subscreva os poemas que a vida sente
Como as ondas colocam assinaturas sobre o mar eternamente

Gláucia de Souza

BONDE ANDANDO

Quando a tarde continua
sem saber o pó que escorre,
das ruas, das retas, dos carros,
surgem os povos das praças:
crianças, aposentados,
malucos, desempregados...

Quando a tarde
é minha, é sua,
sem saber que o dia corre,
surgem os povos das praças!
Crianças, aposentados,
malucos, desempregados,
com suas conversas descabeladas
pelo orvalho da noite...



CRICRILO

Me disseram que texto
é tecido... Eu cri.
E teci um manto de verbos,
junto aos grilos da noite...

Me disseram que lua
é linimento... Eu li.
E untei um mundo de vermes,
junto aos gritos da noite...

Me disseram que a vida
é vento... Eu vi.
E ventei as sementes dos verdes
noite e dia, dia e noite...

Gláucia de Souza

A PEQUENA VENDEDORA DE BALAS

A menina que arrasta
o sapato no chão,
úmido, gelado,
pé e dedão,
se agarra nos calçados,
- calçados em contramão –
e se veste de babado
- que bala caiu no chão?

A menina que arrasta
meia bala pela mão
sonha com a bala inteira:
aquela que não se gasta
- solado de imensidão -
e se despe de prata e cor
para as bocas do céu
em licor.

Guto Leite

a maldade de deus

a maldade de deus não é paga em francos
adolfo benito castelos brancos
não pesa arsenais especulativos
e nem se desfaz em botões-ogiva
a maldade de deus bem mais atípica
dispensa flor ou farsa definida
não marcha léguas de pavor e riso
não oculta outro deus sob seu siso

a maldade de deus não professa em anos
livros cartas flâmulas sobrepanos
não mede em palmos logra por centímetros
sobre toda ruína do que for finito
a maldade de deus a mais precisa
dentro do último instante comprimida
não deixa que perpetue ao corpo o espírito
e à margem do nada diz eu não existo

Guto Leite

o homem deseja
que a mulher
que o abandona
não goze
nunca mais
!
prazeres
[inflamáveis]
que outro jamais encontre
suas reentrâncias

a mulher deseja
que o homem
que a abandone
morr
a

a nós
 não aflige
 o per
 verso jogo

a in
 sana vertigem
 que é viver

 buscar a origem
 é sem
 pre a origem
vaga lacrada e emba
 lada a vá
 cuo

e cá está ela
 todos os dias
 em nós repetida
 grifada à
 mão

mas não é a mesma
 a mesma
 não é
 é a mesma
 é
 não é

se tudo repete
e tudo repete
se

que é viver

Humberto Zanatta

LIA

Na clara tarde
De primavera
Lia espera
Sem muito alarde.

Lia espera
Mesmo sabendo
Que escrevendo
Não se supera.

Lia espera
Quando queria
Mas não sabia
Ler destempera.

Ler destempera
Exige mais
Que ler espera
Dormência ou Paz.

Lia esperou
Anos a fio
E não cansou
Dos desafios.

Lia que lia...
Se bela ou fera
Pouco sabia
D'outra quimera.

Camões relia
Então sabia
Da longa espera
Da outra Lia.

CORDEIRINHOS

Brotaram nuvens na montanha
inatingível
para que não fossem perturbados
ou inseminados
artificialmente
os cordeirinhos e ovelhas
dos anjos do Senhor.

Aliás,
Não só dos anjos!

Mas
de todos os humanos
de todas as idades
que sabem ver
mais do que aviões no céu
de brigadeiro
de brigadianos
de pilotos concentrados
ou terroristas
atrevidos.

Há mais do que nuvens no céu
para além do que nossos olhos vêem...

As mil e uma formas (o)usadas
da criatividade infinitamente
dis/forme
que não se prende a pré
conceitos
cavalares e bovinos.

Humberto Zanatta

Deixai nos céus e na terra
que as nuvens-ovelhas-cordeiros-carneiros in
Dóceis
prossigam balindo e bailando
como é próprio desses seres levemente
diáfanos e transformistas.

Nos céus e na terra
carneiros-cordeiros-ovelhas
continuem encantando o mundo
tão desencantado de afeto perceptível.
E pão! E pasto! E paz!

Deixai que os carneirinhos e as ovelhinhas
do céu
Balam sua divina ternura!

Mas
vigiai e orai!

Porque não sabeis nem o dia nem a hora
em que (alguns) Pastores
pertubarão outras ovelhas e carneirinhos
inocentes
pertencentes ao aprisco do (Bom) Pastor.

CAVALO DADO

A cavalo dado
não se olha os dentes!

Olhemos, então, os cascos,
as patas e as ferraduras.

Num primeiro momento, servem
para defini-lo:
Qua-drú-pe-de!

Óbvio, direis!
Óbvio e singelo como convém
a quem quadrupeda.

No en(tre)tanto,
um cavalo sem que se lhe olhe os dentes
poderá fazer muito com suas patas,
cascos e ferraduras. Basta
que se lhe dê
cança e pasto. E não será preciso
nem freio nem espora.

O cavalo se presta
- menos que seu dono -
para essas prosaicas artimanhas
de freios e rodeios
de guerras e emboscadas
de troias e tramoias
em nome da paz e do convívio
vívido
dos vivos
que transporta sobre o lombo
sem sentir.
Sem sentido! Sentido! Armas!

Humberto Zanatta

Cavalos e homens pastam
e desfilam solenes,
empertigados, empostados e pilchados
nas ruas e palacetes
com relho e cassetetes.

Tropel de amotinados!
Freio e torniquetes,
cercas elétricas e rações
sensações, aramados, alçapões.
Depressão!

O cavalo não se importa
com sua perna torta!

Os homens é que querem vê-lo intrépido,
fugoso, garboso, sequioso, faminto
para além das patas e dos dentes.

Os cavalos valem tanto e quanto e muito e mais
do que pesam!
Quando marcham, correm, saltam e
não tropeçam e nem caem.

O universo-mundo cavalariço
é imenso e não tem nome
como os homens-cavalos
a puxar carroças para enganar
a fome. Que tem nome!

Isaac Starosta

IDENTIDADE

Não sou um homo faber
A construir seus castelos
Nem sou um contemplativo
Atingindo a Suprema
Razão de todas as razões

Sou o pastor de poemas
Que toca suas ovelhas
Pelo dia-a-dia
Que não passa de ser
Um espelho do Infinito

Isaac Starosta

NAS ONDAS

Assim que
Me perco
Nas ondas
Da praia
Sou devolvido
Ao mar
De mistérios
Que é a vida

E ninguém
Chora tanto
Como eu
Quando perdido
De mim mesmo
Nos ônibus
Cheios de mistérios
De outras vidas

CAUSAS OCULTAS

Pensa
Na causa das causas
Pensa no prazer de fingir

Pensa no silêncio perfeito
De quem costuma
Ser feliz

Pensa
Na beleza
Que não tem coração


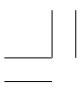
Pensa no problema
De amar
Ou não amar

Enquanto as folhas mortas
é que florescem
No caminho dos amantes



Israel Mendes

you
learn
a word
a word
learn
you



Em cima do muro:

À esquerda,
Me firo

À direita,
Rasuro

A rima decide:

Me atiro?
Ou me aturo?

Israel Mendes

A borboleta
Coberta de elegância
Faz graça
Humilde infância
Julga-se Kafka:
larva, metamorfose

No outono: Poesia
Que revisita sua travessia
Único voar

Warhol
Xeque
Yin-Yang

Ziguezaguear

Ivanise Mantovani

AMOR ALIADO

Nos apelos da juventude
o tempo adiantou nossos relógios.
Apressamos o passo, era preciso.
Amiúde convidávamos Maiakovski à nossa mesa,
queríamos mudar a visão do mundo.
Eu, um breviário no bolso,
Ele, coesão à doutrina de Marx.
Plantamos inquietudes,
colhemos morangos verdes.
Senti suas mãos, de ternura,
aquecerem as minhas.
E, assim, a vida passou voraz.
Cúmplices sorriamos à troca de olhares.
Entardecendo, nos bastamos atenuando ideais.
Hoje a paixão acomodou-se ao crepúsculo
e nos lençóis o amor se fez paz.

Ivanise Mantovani

MINHA CASA

Com o tempo lacrimal,
tristes flores
esmaecem e desmaiam
nos braços,
vasos de barro.
O alpiste prepara
almoço dos pássaros
que, na sacada,
procuram abrigo e
acomodam-se numa paz
suprema.
A quietude veste o dia.
Sai do banho a poesia
num pijama listrado.
Nos pés pantufas de algodão.
Gatos, no calor da sala,
descansam, poltronas
em floração.
Almofadas de alfazema
espalham-se pelo chão
Eu, enrodilhada no silêncio,
abraçada ao travesseiro,
afrouxo minhas algemas.

SOPA DE CEBOLA E ESPARGOS

Sopa de cebola e espargos. É domingo.
Na sala do almoço, mesa posta.
A toalha branca se enfeita em réstias de luz.
Cheia de enlevos, vovó viúva, suspira.
Ouvindo a voz musical de *Puccini*. Sonha!
Seus dedos em nós artríticos
fazem renda de crochê
e basta a beleza própria
do modo doce, da doce ternura
dos miosótis que ela tem no olhar.

Vovô não resiste...
desce do porta-retrato,
nas mãos flores do campo (o beijo é brisa)
deposita o buquê no colo de vovó,
nos cabelos, carícias.
Como antigamente quando namorados.

J. C. Cardoso Goularte

À LA RECHERCHE DES SENTIMENTS PERDUS

Por onde andas, pequena garça
que não te vejo mais na solidão da lagoa?
Palmilhas a orla, para lá
para cá, como quem buscasse -
 esquecida do próprio alimento,
sentido pra orla...
 pra lagoa...
Quem sabe até pra o dia que findava igual.

Por onde andas, pequena garça
com teus suspiros sentidos
indefinidamente prodigalizados
na surdina da tarde grande
 evanescente?

Por onde andas,
que nem sequer vislumbro tua silhueta branca
tão alva,
alçada contra o paredão da noite
que diurna se insinua, aproximando sorrateiramente?
Andas por onde, andas por onde
 escolha dentre as tantas.
De certo que te foste para não voltar,
 estriga flutuante da paineira ao vento.

Meus olhos de ver, já não te enxergam mais.
E ao meu olfato já nenhum vestígio teu acode.
(Só meu peito cingido
luta,
 ainda e obstinadamente,
 na busca minuciosa desses afetos perdidos.)

PESSOAS

Tem pessoas,
que a gente vê todos os dias
abundantes, cintilantes...
E é bom. Muito bom.

Tem outras -
abundantes, cintilantes... iluminadas
que certamente fomos condenados
a ver pouca vez na vida;
alguns parcos decursos de deslumbramento,
e só.

Ah! Flor, flor...
Penso em ti sem te ver a tarde toda.
Mal define a manhã, penso em ti
(no acalanto talvez da esquina repentina
pelo que o destino encerra
pelo que a vida ensina)
até que possas emergir, plena noite
do fundo da escuridão dos meus sonhos.

Ah! Flor, flor, flor...
Discreta violeta, corola vespertina
alça-te do escuro verde-escuro da ramagem,
entesa tua pequena haste adunca
e mostra tua cor, libera teu perfume...
Aceita enfim a ânsia invasora que te traz o mimo
deste orvalho,
antes que nos surpreendam
as primeiras luzes da claridade precursora.

J. C. Cardoso Goularte

DIA DESSES

Dia desses,
me joga no vazio feito um gato maluco
que despencasse do telhado
entregue à sedução de miragens bizarras
incontroláveis.

Ah! Andorinha leve
de olhos vivos e mirada breve
de língua doce.
Prazer imenso em te apanhar em vôo!
Ah! quem não se excitaria com teus arremessos,
mergulho exato dos beirais mais altos
para bailar na tarde antes do aguaceiro
entre as mariposas,
parceiras e alimento.

Dia desses,
como um pássaro migratório
(precipitada e antecipada)
te vais embora
levando contigo as tardes lindas de verão.
E terás, então
(porque me demorei na busca do tempo certo!)
me roubado definitivamente a chance única
de te apanhar em vôo
e nos estatelarmos no chão,
prazerosa
tragifelinoandorinhescamente.

Agora,
a sério, companheira:
já que o que sucede ou é mera contingência
ou engenhosa artimanha de impetuosa ousadia,
por que tu não colocas de vez a tua língua toda dentro da minha
boca?
Ou deixa que eu o faça!

Jaime Medeiros Júnior

Revir

só
ao findar do dia
torno à minha casa
mas que retorno pode haver
se o que torna não é o mesmo que parte
se aquilo que fica
e te acolhe no fim da trilha
já não é senão o duplo do que deixaste

Jaime Medeiros Júnior

Do deslocamento ou da ferida de Zênon

Parto de um sim imenso, um sim sem refúgio, um sim presente, um sim sem par. Antes de haver esperança e de se prender o feixe das coisas com este tênue fio de entendimento, ele já sofria de se ser, perene curso do meu e do teu desejo. Mas mesmo assim talvez possa haver algum deslocamento. Ou há alguma descoberta na solidão?

Não sei. Quero me aquietar diante dele. Sonho com outras terras. A flor no vaso. O prato de sopa. A cama no quarto de dormir. O sonho. E, no entanto, todo santo dia o sol inda fere a pele da noite. Será que já sei morrer?

Jerusalém inda está tão distante. Como não estar deslocado, não estar em outra parte? E a luz-menino ainda não se apagou no fim da história? E, contudo, agora já posso dizer, por desventuras de todo cavaleiro, que tudo vem sempre um pouco antes das coisas, nesse sim sem tamanho, que todo santo dia fere a natureza que percebe e que aqui nesse meu olhar te vê.



O Mapa

tudo está e não está no mapa
rio feito um filete frio
cursa sobre o papel, guarda vaga
impressão d'água que não vaza
tinta seca sobre o ex-vazio
que não afoga e nem desfaz a sede
simples nasce e morre para quem sabe ler
o seu pequeno curso
de uma a outra margem da página

Jaime Vaz Brasil

Amiga

Amiga:

coração aberto em ave na distância.
Estou perto, bem mais perto que imagino:
sol na clave que bem sabe seu destino
de menino viajante em tua pauta.

Amiga:

sou pra sempre a memória dos teus passos
e o espaço onde não cabe o que mais sinto.
Já não minto o que, por medo, deixei cedo
mal dormido sobre a noite dos meus lábios.

Não importa o calendário e as leis humanas
nem horários que mal cabem na semana.
Meu tempo é um maestro surdo e cego,
e não nego: hoje sei o que é eterno.

Amiga:

onde o livro dos poemas que eu não lia
se a palavra adormecida na criança
vem e dança sobre o palco em que devia
ter gritado nos meus olhos para sempre?

Amiga:

quando um dia for o eco de outro dia
e a saudade não buscar o seu oposto
mesmo assim, eu estarei na tua pele.
Nem que o tempo roube a forma do teu rosto.

Serventia

Uma grande rebelião
sem causa e também sem lema
não leva ninguém a nada.
Mas serve para o poema.

Um tombo dentro da alma
no arranha-céu dos dilemas
aos outros, talvez não sirva.
Mas serve para o poema.

Um roteiro que tropeçe
na escadaria do tema
talvez não sirva ao aplauso.
Mas serve para o poema.

Um barco em pleno deserto
que o braço-em-gesso não rema
não vai ao cais nem às ondas.
Mas serve para o poema.

Uma andorinha sem asas
leva no corpo um problema
e não traz verão no bico.
Mas serve para o poema.

Tudo o que dorme esquecido:
bilhete, foto ou emblema,
a muitos não tem prestança.
Mas serve para o poema.

Cada tristeza, cada riso.
O sofrimento
com seus escudos.

A correnteza, o silêncio
o impreciso:
ao poema serve tudo.

Jaime Vaz Brasil

Geografia da Insônia

Vai meu sono, vai,
e canta o que não cantei.

Vai meu sono, vai...
pra onde mais não sei.

No colo da minha insônia
vejo a fome a andar nas solas

das gordas que, de Botero,
não vão aos pratos de Angola.

Sinto guerras, maremotos
e espadas de Andaluzia.

Uma Odisséia, um naufrágio
e tudo o que eu não queria.

No colo da minha insônia
– voluntário e delirante –

há um Leonardo gritando
ao futuro e seus distantes.

A morte nas mãos de Goya:
um grito preso. (E liberto).

Theo, no amarelo das cartas,
girassola um sol incerto.

No colo da minha insônia
sou gigante e sou pequeno.

(Entre Amadeus e Salieri,
me liberto e me condeno).

No céu, Ghandi a fazer roupa
reparte a paz que alucina

com o homem que – sem armas –
parou um tanque na China.

No colo da minha insônia
desmaio, cansado e mudo.

(E o sono faz, sem alarme,
o desarme dos escudos).

A noite arma o cenário:
sou cavaleiro e cavalo.

Beijo as Valquírias de Wagner.
Fecho os olhos. E me calo.

Jayme Paviani

L A U D E S

(I)

Louvemos os dons, o trabalho,
Todas as formas de regresso,
As portas abertas, os retratos, o teto
Que ninguém observa, porém, severo
Sempre igual e frio nos protege;
Louvemos todos os objetos,
Mais o rio, a fonte, a colheita dos limões,
Todas as conexões, o que nos une
Aos outros, os espelhos rotos,
Todos os desconhecidos, e o sangue
Das veias em silêncio.

Todos falam de seu corpo
Das páginas do livro, da vida
Casualmente meditando a morte.
A semelhança os une
No lume, a luz trêmula
Alcança o âmago que somos,
Antigo pomo.

Todos os cinco, em síntese,
Na noite estendido o corpo no chão
Atapetado, os cálices nas mãos,
Como deuses antigos, o vinho e o pão
Da aurora rezam as matinas.

Descalços, à vontade, cada qual
Com sua solidão,
Lavado o pó dos caminhos
Livres do tropeço das pedras
Em segredos, não secretos,
murmuram signos reconhecíveis
Todos querem a vida
O perdão das sombras
Os círculos que giram na noite.

Palavras limpas e úmidas
Como margens de bosques,
Sem agenda de viagem,
Apontam o Reveillon do dia
As férias de verão, as folhas
Do outono acendem
As luzes da cidade e as estrelas
Além da janela,
E assim sabemos:
Os espelhos necessitam
A moldura da escuridão.
Só a vida ilumina
Segundos de anos luz.
A existência prescreve
Os limites da fala,
Pois é difícil recordar
Depois de ter nascido.

(II)

O diálogo é um rio turvo.
E cada um com seu remo
Navega em seus monólogos
Contra a correnteza
Da vastidão informe do dia.
Inclinados agora na almofada
Descansam dos mitos, dos sítios,
Dos ritmos inexplicáveis
Do imenso vazio do ser
Desses encontros
Longínquos e graves.

Em repouso, o tempo pára.
Em movimento, o tempo foge.
Todas as identidades
Se fortalecem nas diferenças.

Rindo eles se confessam
Põem à venda belos resorts
De frente a campos de golfe.
Contam histórias de carros
Que se chocam. Nada é intacto.
Seis morrem, um ainda vive
Graças às novas profecias.

Jayme Paviani

Os adivinhos advertem
Os cegos veem, os surdos ouvem,
Apenas os amigos gritam,
Todavia, sem serem ouvidos.

As ideias claras dançam
Nas linhas das cadeiras
Nos rastros da emoção
Alastram-se em toda parte
As faces invisíveis do visível.
A água, a terra, o ar, o fogo
Disfarçam-se em formas intuídas
Nos campos geminianos,
A dor e a alegria suspensas
Nos detalhes reside a beleza.

O relógio para a noite.
Serve-se novamente o vinho.
Os lábios suavizam brisas
De consolo e de absoluto.

Os cinco entes revelados
Amanhã estarão mortos:
Importa viver o momento.
As coisas permanecerão
Além de todo olvido humano.
Nada de fechar as portas.
É preciso seguir, talvez sós.

O vento forte do deserto
Protege os que sabem
Procurar sua alma.

Na hora da ceia louvam-se
As qualidades do alimento,
Mas os convivas sofrem
As contingências humanas.
É costume beber então
O suco de cada olhar.
E exortar os demônios
Os perigos da carne,
Recordar grandes ideias
O lado obscuro da vida.
Talvez a arte seja a saída.

(III)

A noite também ilumina
Exercita o discurso
Estende os braços das sombras.

Ela é abelha. Rainha.
Bela de traços, serena,
De peregrinas angústias.
Rocha e flor à beira do tempo.
De múltiplas margens.
Perpétua chama de sonhos
Rosa de afagos continuados
Nos modos de ser
E nas obras.

Ele é médico de almas
Da melancolia dos dias
Que os poetas e os artistas
Invejam nos loucos.
Ele empresta abrigo
As pessoas com frio
A fala, depois, o sentido
São as ferramentas da oficina.

Ela é sábia em experiências
Recolhe da mesa do passado
As migalhas, também os passos
Pródigos de sabor. Ela lê
O viés das nossas histórias.
Traz no rosto os traços
De uma altiva estrela.

Ele canta, silencioso, canta
A música lhe nasce dos poros.
A voz é movimento
Do mais longínquo gesto humano.
Ele renasce no nome,
Nas formas doce e amarga das coisas,
O amor existe para servir.

Jayme Paviani

A noite anda alta. Nada falta
À transparência da lua
Girando solitária no céu.
É hora das sombras
Elogiar o sol que tudo vê.
Os cinco partem e retornam
Entre círculos e planícies
O dia é o portal dos signos.

A noite em silêncio descansa
Nos lugares vazios
Da casa e do mosteiro.
Os monges desde sempre vigiam
O livro das viagens está aberto
O luar empalidece o pátio.
As folhas quietas calam.
O Borges em sua cegueira
Narra o último sonho
Da cobra de duas cabeças
E entre as colunas.
O velho monstro dorme
Sem medo de ser devorado
Pelas sombras e pelo vento
Ou pelas águas que vêm do deserto.

As nuvens, durante horas,
Engendram o centauro.
Quem imita os espelhos.

O cavalo-dragão do rio amarelo
Joga com o imperador
O yang e o yin eterno.
Nada é tão extenuante
Os lobos foram devorados
As fontes jorram poesia.
É óbvio que ainda há perigos:
Águas envenenadas, inimigos
Dentes em forma de garras,
Traições, lâminas de aço
Traços de sangue no chão.

No abrigo da noite
Os objetos, as ruas, a cidade
Concretos, belos e complexos
Somente os homens respiram
Mas os pobres de espírito nada veem.

A noite é a casa dos anjos
E de outros seres imaginários.
É onde a dor cresce
E o amor nos fornece.

Está escrito em Coríntios (15, 51)
Com letras fortes e esquecidas:
Eis o mistério, nem todos morreremos,
Mas todos seremos transformados.
O corruptível será incorruptível,
Repetem as melodias de Händel.
O mortal precisa da imortalidade.

Num abrir e fechar de olhos
Os cinco peregrinos da noite
À sombra das fraquezas humanas
Descobrem eles e constroem círculos.

Joaquim Moncks

INAUGURAL

A insônia acorda todos os silêncios.
Sinos badalam nos olhos a insurgência.
A alma ereta tartamudeia inquietudes.
O hoje é o ontem bocejando a esperança.
O tempo parece não haver nascido antes.

Dentro de mim – por pirraça – o dia
recusa o nascimento.
A única mágica possível é o estar vivo
sob todos poros e esperanças.
Somente a Poesia percebe a insolência
da palavra
e solfeja num sonolento bocejo:
– Festejemos o dia seguinte,
nele está o futuro, de lambuja...

No jardim, levantam-se os girassóis
e o sol inaugura a manhã sem alarde
nem bocejos de cansaços.
A insônia acorda todos os silêncios.

O HORIZONTAL E O VERTICAL

“... homens que caminham do tamanho de fiapos de lã...”. “Meu triste eu”, poema. Do livro “Uivo e outros poemas”, Allen Ginsberg, 1956.

O sol bebe o orvalho nos rituais do luminoso amanhecer.
Há pouco, a cidade dormia em sua placidez de asfalto.
Pessoas e veículos, na cotidiana algaravia,
começam a se movimentar.
É segunda-feira.
A manhã desvela a burca nevoenta e libera as pestanas.
Os olhos recém-acesos são lumes no inverno brando
da megalópole.
O metrô passa cuspidando a pressa dos trabalhadores
e os fios energizados soltam chispas sobre os trilhos.

Os edifícios esgueiram-se, postados um rente ao outro.
São espécimes de argamassa, luzes e vidros colossais,
contedores no jogo de força bruta – ringue
de fazer engordar o dinheiro.
Esparramam-se nos campos urbanos da aldeia global.
Máquinas e operários despejam o concreto quase líquido
nos quadros de aço e madeira e vão construindo
a ossatura de mais um gigante.
Há o rescaldo ecológico de pouca inteligência
a favor dos humanos,
que se mexem e remexem numa lerdicez paciosa.
Ocupam o exíguo espaço horizontal
e o espigão se alonga numa torre de babel.

Joaquim Moncks

Os uniformes proletários originalmente em bando
ao entrar nos portões,
fungam brutalidade/presteza em grupos
sobre ferros e argamassa
para afeitar abrigos de cama e mesa,
na urgência do prazo contratual.
Confronte, ao rés-do-chão, um grupo de mendigos e desocupados
faz uma festa anárquica sob a marquise do edifício:
doses de álcool nas veias (*crack e marijuana* nas ventas)
apacam a fome.
Tornam o entorno admiravelmente humano e perigoso.
O grupo de jovens atravessa a rua à larga de passos e gestos,
atemorizados.

Logo mais, no pátio da escola, teremos a tolerância das descobertas
do viço juvenil, tão convidativo como as camas fofas do *apart* de defronte.
Um jovem casal à janela do prédio madruga
em roupas íntimas e troca carícias.
O senhor maduro caminha ereto e apressado
dando curso ao passeio matinal.
Soa a sirene escolar.
Em sala de aula, o professor de literatura
recita um poema de Vinicius de Moraes,
transmutando o momento.
A vida se cumpre nos seus vários matizes
de humanidades.
Tracejam-se destinos.

O edifício continua crescendo.
De repente, do alto, esborracha-se na calçada
um corpo.
Há mais de mês o cinto de segurança estava com defeito,
denunciam os obreiros.
A ambulância chega, com toda a estridência ululante
de rainha déspota
absoluta e arbitrária como a morte.

São Paulo, 22ª Bienal Internacional do Livro, 21º andar do Brasília Small Town, em
13/08/2012.

A ASA DO FUTURO

O pássaro rufla entre ramas.
Alça-se ágil no espesso de folhas.
Sopra a natureza extremada:
canto e asas.
Imagina-se o cérebro humano assim
– álaçre –
sobre o tapete
das experimentações.
Curva-se a Providência
aos desígnios de criado e criador.

Palavras no poema são pássaros
desacomodados de mundo e fatos.
Subtraem-se os pássaros-neurônios:
asas batendo no véu das insatisfações.

O absurdo comete o poema:
mala sem alças, impossível de carregar.
Somente o vício de saber-se sacrílego.
O ritmo é agonia – a asa do futuro.

Jorge Adelar Finatto

Do silêncio da ilha

O silêncio da ilha
imemorial
fundo
ermo

parece
às vezes
que o mundo
não foi
ainda
inventado

Canção do búzio

O búzio
fabrica
amanhecer

vem de longe
a canção
pela noite
avermelhada
de suas trompas

a canção
se constrói
nas artérias
do mistério

na habitação
do búzio
floresce
oblívio

o búzio
espalha
lanternas
no ermo

verte pó
de luz
na noite
oceânica

não teme
a rósea procela
no enlace
da fúria
e do vento

cultiva, o búzio,
hábito
de esquecer
e passar

Jorge Adelar Finatto

calado destino
nas entranhas
do nevoeiro

no olho secreto
a memória
dos naufrágios

a alma
do búzio
retiro
de mosteiro

as coisas
vêm a ser
no sonho
úmido
do búzio

garoa
fria
na face

um dia
toda anotação
de bordo
vira esquecimento
no fundo
do mar

dos restos
da noite
agônica
foge o búzio

sentinela
no penedo:
o búzio
e seu
segredo

o búzio
rumina
o âmago
das fontes



verte
solidão
na boca
da manhã

o futuro
é traçado
no risco
das estrelas

mil pássaros
voam
ao redor
do búzio

o coração
do búzio
navega
para o silêncio

a pálpebra
da noite
desce
no olho
do horizonte



Em todas as praças

Em todas as praças
pousa um pássaro
a essa hora da tarde
na segunda-feira

só que
ninguém ouve
o canto
do pássaro

o pássaro
é invisível
como
a praça

José Antônio Silva

Diário do mar

Entramos naquele barco que já partia, saltando sobre metro e meio de mar. O que era menos ameaça e bem mais um desafio à nossa potência, à nossa arrogância juvenil.

Entramos a navegar sem bússola ou prévias lições, confiando nas estrelas que desprendiam fagulhas sobre nossas cabeças.

Em alto mar chegamos, e começaram a dar à tona - entremeados às algas - problemas da vida, calmarias, tempestades.

Ficamos sem combustível. O vento nos arrastava para a beirada do mundo - e ríamos em desespero, no tombadilho inundado.

- Homem ao mar!

Amigos, irmãos, iam sendo devorados por peixes e abismos, e deles só boiavam lembranças dispersas, que as correntes arrastavam.

Enfim atracamos em alguns portos, enseadas. Água, vinho, gemidos e gargalhadas. Cabelos de sereias em nossos colchões.

Desaparecimentos havia, motins, deserções. Traidores se mostravam: faca nas costas. Costões onde o barco dançava, ao largo, na escuridão sem farol.

Uma tarde perdemos o leme, e o céu se fechou para nós. O atol de peixes coloridos foi nosso inferno e naufrágio.

Nesta ilha encontrei água doce, e até companhia. Mas inda sonho que o velho barco, ou outro igual, virá me resgatar (embora perceba seu esqueleto estalando sob o sol, na maré baixa).

Navios passam com elegância sobre a linha precisa do horizonte: sigo remendando a vela.



Quem?

a pele da água
sustenta e exhibe
o furo na malha.

és o peixe
que escapa?
ou o pescador
que falha?

José Antônio Silva

Eus meus

Um dos meus
dos eus meus
sempre quis ser
um alpinista
preso pelos dedos
no gume do monte
não social

Outro pretende
tocar blues
transmutando negra dor
e na gaita ser o tal

Há uma face
na sombra
que por vezes
quer matar
esfolar
sentar o pau

É minha cara
também
o repórter que
amassa e prende
a timidez
no bolso
e tudo questiona:
profissional

Um dos Josés
ironiza o mundo
debocha
raia a crueldade:
rega a raiz do mal

Outro eu
dos muitos
que palpitam
sob essa casca
é um monje
que compreende
tolera
e caminha
na estrada do Tao

Volta e meia
no fogo do perigo
assoma
o mais covarde e vil dos eus
à porta da tabacaria
congelado pelo medo
do cão
da noite
do soco
do eu:
um rato
tal e qual

Nesta casa caiada
de tantos quartos
cores e rachaduras
moram
dormem
sofrem e gozam
o eu pai
o eterno filho
e um espírito
rasante
com um rosto
construído
em sal.

José Eduardo Degrazia

FAMÍLIAS IMIGRANTES

A família reunida, pai, mãe, filhos,
o eterno ilumina a fotografia,
a vida continua e perpetua
a vontade única, a verdade nua
que transcende o tronco antigo e mudo,
pois cada ser representa o futuro
e o passado, numa mescla profunda,
assim o nada transforma-se em tudo.

E foram tantas as alegrias e as dores
misturadas com os cravos e as flores,
que o mundo inteiro engalanou-se em cores,
e dos velhos avós da antiga etnia,
o trabalho no campo e no comércio
apascentou rebanhos, colheu vias,
cresceram corpos, formaram-se indústrias,
plantaram sementes, colheram trilhos.

Cada um no mundo novo, judeus, gringos,
negros, índios, polacos, libaneses,
bebem o chimarrão como siameses,
para jogando juntos truco e bingo,
jogando a tava, jogando deveras,
todos gaúchos de bota e de espora,
irmanados num tempo que os devora,
colhem as árvores plantando filhos.

PEÃ PARA DYONÉLIO MACHADO

Ou não existe deus, ou tudo são deuses!
Diante do templo de Apolo, filho de Zeus e Leto,
deus solar, deus do arco e da lira,
deus da saúde, Peã,
diante das colunas erguidas no céu azul de Cós,
elevo o coração à lembrança dos que fazem parte
do meu caminho.

Uma canção para o meu melhor amigo,
que em tardes já antigas me ensinou o que sei da
língua de Homero e Hesíodo:
espantado diante do meu desconhecer do grego antigo,
passou a me ensinar a língua dos aqueus entre seus livros,
enquanto Adalgisa tocava um noturno na sala ao lado,
e a tarde de primavera lembrava o sol do Dodecaneso
que eu ainda não conhecia.

Dyonélio, um peã para ti.

Fiz uma oração para o meu pai que tanto me ensinou
sobre ser médico e ser culto, e procurar sempre ser

o melhor, servindo.

Meu pai, médico e sábio,
um peã para ti.

E um peã cantei para o meu filho Daniel, diante
das colunas do templo de Apolo:

aqui, Apolo e Esculápio passeiam entre os ciprestes,
aqui Hipócrates ensinou à sombra do plátano sagrado,

e tu, meu filho Daniel, médico,
jovem que tem a alegria da dedicação e da cura,
do conhecimento e do estudo,
estás aqui, comigo, diante do templo.

Pouco sei de mim ou dos deuses, mas o que sei
me faz cantar.

José Eduardo Degrazia

PICADYLLI CIRCUS

Um dia eu me encontrei sozinho
no coração da velha Londres,
desci do metrô em Picadilly Circus
e me encontrei no meio de um sonho
que sonhei no ano de 1966:
mas não eram os hippies
que estavam ali sentados
vendo o umbigo de deus,
mas punks de periferia
que cobravam fotografias
de turistas velhos como eu.

Deitados na escadaria,
vestindo jeans esfarrapados,
sonhadores vindos de longe
dormiam abraçados ao mau vinho
que vieram tomando desde o seu sonho.

Em frente uma loja de departamentos
vende tênis Nike e Adidas,
e cupido segue flechando
os amantes desiludidos.

Entro num edifício imponente
mas ele só tem as paredes,
plataformas de ferro mantêm lojas
de lembranças e jogos eletrônicos.

Tomo uma cerveja num pub do Soho
e alguém numa esquina pede socorro:
boto um Pound no chapéu do músico
que toca para mim Help dos Beatles.

José Hildebrando Dacanal

À MANEIRA DE GOETHE¹

Do Averno emersos em solene préstito
Em silêncio tétrico retornais contínuos,
Ó amados meus,
Memorando a mim, herdeiro triste,
O passado tempo em que felizes fomos
Pelo existir apenas da contígua carne
Na inclemente terra que ao sono eterno
Destinou soturna os filhos seus.
E assim passamos,
Vós e eu,
E os que depois, à dura sina
Condenados todos de chorar insones
Os que antes vieram, em eterno recomeço,
Que da vida sempre a morte é o preço.

Mas cantar eu devo a plateia estranha
De apupo fácil e aplauso avara
Que só do mundo a rasa lei entende
E da dor secreta que n'alma trago
Vulgar é ignara.

¹ *Faustus/Vorwort.*

José Hildebrando Dacanal

CONSOLATIO PHILOSOPHIAE

À vulgar barbárie
Superior em tudo
E da espécie suma
Diverso em nada,
Canto meu canto
De condenado pária
A viver proscrito
Nos confins do Império.
Mas a desdita
Increpar não posso,
Que é do destino
Fatal o múnus
Ditar pétreo
O caminho nosso.

SAILING TO TRÊS VENDAS

N'Occidente rubro
Meu sol se põe
E sobre a arcaica terra
Que minha foi
O dia decai.
E de meus mortos
As doces vozes
Em pranto ouço
Pelo ar silente
A soar etéreas
A clamar por mim
A aguardar contrito
Da dupla tarde
O apressado fim.

José Weis

Epigrama

Enquanto pôde,
a neblina o encobriu
até que o sol o atingiu
Ferido de morte,
o inverno agonizava
e ninguém sabia
Quem abriu o bico
foi aquele sabiá.

Aferrado

Casco escuro, proa alta
o menino, ao lado do pai,
ia ver navios ancorados no cais
Lá está um agora,
da janela do escritório
é possível enxergá-lo
quase por inteiro
Um navio tem soberba serenidade
desperta invejas
em breve, singrará outra vez
Ele não navega,
é um Ulisses sem Penélope
para quem voltar
Contenta-se em
ver de longe o navio
volta ao trabalho
e constata que
o café já está frio.

José Weis

Os insensíveis

Ai de nós todos, devotos do olvido
Esquecemos de lembrar
Uma amnésia do tamanho da cidade
Um milhão e meio de almas,
todas sem a menor memória
Às vezes, recorremos à História
como se pudéssemos apanhar
e guardar um pedaço do tempo
(E 1968 não foi isso tudo!)
Tudo muda, nada muda
Aquilo que um dia chamamos de estafa,
hoje é o estresse, *stress*
Há alguma coisa de sinistro
ou sibilante em tudo nisso.

Laís Chaffe

Depois

Aí veio aquela dorzinha
que não é dor de morte,
muito menos de amor perdido.

Veio aquela coisa inefável
que se sente ao retirar
o último enfeite da árvore de Natal,
ao recolher os copos
no final de festa,
ao arrumar a cama
na manhã seguinte.

Laís Chaffe

Bilhete

É outro o quadro, Vincent.
Espanto os lobos, Woolf.

Abdico a lâminas, lexotans.
Renuncio a cordas, gás de cozinha.

Adeus às armas, Ernest.
Lamento trair-te, Judas.

Já não durmo sob rodas
nem maltrato arranha-céus.

Prefiro o suor ao surto;
ao sangue, o sêmen.

Carne e trigo

As mãos matemáticas do pai
transmutam-se
casando carne e trigo.

O riso afaga o kibe,
envolve a kafta,
louva as beringelas.

Pacificado o domingo,
nas bocas ocupadas,
o grão de bico
silencia o sal das línguas.

O aroma de hortelã
amansa as arestas da mesa.
Canela adocicando a pimenta:
assim é o tempero sírio.

Depois o café
arenoso e forte.
A borra no fundo da xícara
desperta piadas com rima.
Sempre as mesmas –
sempre a mesma família.

Mas antes o doce
(e que doce):
nozes manteiga semolina

nós e o passado.
Logo ali na esquina.

Lau Siqueira

filosofree

dialogar

com o vento

mesmo sem ar

eu tento



intuição

é preciso

ser um relâmpago

iluminar os caminhos

antes das trovoadas

escutar o silêncio

antes do trovão

Lau Siqueira

terceto épico

morreu teu motivo

dizem que foi

queima de arquivo

Liana Timm

NO LIMITE

decanta contra mim
a transfusão sintética da vida
o voltaico excita
a ontologia
os movimentos
racham ossos
na temperatura íntima
precipícios de musculoso afeto
enterram do som
falsas questões e fronteiras

Liana Timm

O IMPOSSÍVEL

Pensar nos sentidos do mundo por alguns caminhos é preciso? Com as sensações busca-se nos conceitos a mínima consistência. O impossível é possível, na arte. Juntar o disperso numa convicção, configura e legitima a coisa que dura numa potência em si. Um objetivo: fraturar o modelo no repetir persistente da destruição. A conservação da coisa se dá além do humano, transborda ao infinito. Planos simbióticos dão a luz. O pretexto está no material, a sensação ultrapassa. Alguém percebe. Fora o particular. Em negociação, a autonomia da memória. Ir na busca de sobressaltos inauditos sem história. Um inacabado, um ir fazendo sem fim. Uma indeterminação aponta para todos os possíveis. A falta de posição olha através de uma amnésia inventada e assumida. Importante é o plano do universo. De finito para infinito para finito, uma itinerância cambiante surge sem escapismos. O caos inventa a relação esconde-esconde.

APARÊNCIAS E ENGANOS

uma espécie de furor
gargalha ao contágio
– o sangue é a fornalha dos afetos
o amor envolve muitos diamantes
enredado encarcera estarecido
a acústica dos fatos
numa vulcânica estupefação
o amor encalha afunda
reacende afunda
e de repente
emerge madrepérola
e vai vai vai vai

recolhido cristaliza pérola

Lorena Martins

Meu coração é um lugar à meia-luz

meu coração é um lugar à meia-luz
eu murmurava
quando você partia e deixava
um pedaço do seu rancor
à madrugada e nos postais
revirados e entardecidos
tristes como um lenço
em sua caixa de naftalina,
uma estampa e a música
que se repete
sempre que acordo, sedenta
e sombria
esbarrando em minha própria casa
desconhecida
acompanhando os passos no telhado,
o recomeço dos verões
um alarde:
a moça grita da janela

será que já amanheceu?
a água acabou e estamos todos
suados
inacabando o dia,
revendo fotos, anotando trechos
do domingo

restam as flores que não comprei
a luz apagada

o medo de que mais uma segunda-feira pese
como se passassem

anos.

Dom Pedrito

para Oscar Vicente e Silva Martins

Quando meu primo morreu
só tive o tempo de tremer
e partir
áspera pela estrada
de buracos e um silêncio
de campanha.

Quando mergulhou
último
vi desmaiarem as mulheres
de família, um odor
de flor abatida.

Quando Oscar se foi
me vi sentada na calçada
de pedras
e uma apatia noturna:

em frente ao colégio
Nossa Senhora do Patrocínio
as árvores
já não crescem mais.

Lucas Reis Gonçalves

criado a criador

foi tu, homem, que criou helena
pra parar de culpar a ti próprio
e fundar, em tuas vermelhas cenas,
o que na guerra há de mais inóspito:
a morte.

foi tu, homem, que criou o homem
que criou helena
que criou a culpa
que criou a cena
que criou a guerra
que criou a morte
que criou a sorte
e dela se absteve.

homem, tu criou o poeta.
e o poeta, sem mais a fazer,
criou novamente o homem.

e esse segundo homem,
tão belo quanto o outro,
criou uma segunda helena
que criou uma segunda guerra
que criou uma segunda cena
que criou mais um outro poeta.

mas, homem,
como outro poeta descendente,
te digo do fundo do meu verso:
poeta é criação inconveniente.

sei que, se entrar no carro,

puxar o cinto,
olhar o retrovisor
e não sentir a perna alheia;
se o carro apagar em susto,
o banco sorrir vazio
e a marcha reclamar a troca;
sei que não haverá discordância
entre opiniões contrárias -
contraditoriamente complexas,
completas entre si;
não haverá dor compartilhada
ou felicidade exagerada
(se é o que ainda há);
não haverá o que deve haver
para inspirar alguém a sonhar,
a escrever, a pintar;
não haverá cores com as quais as crianças
sorriem bobas por não conhecer a nossa vida
boba que é;
não haverá vontade de substituir a negativa pela afirmativa -
sabendo que a quantidade de sílabas é exatamente a mesma.
exatamente a mesma!
a mesma porcaria de número silábico
e tanta diferença...

tanta diferença!
tanta indiferença!
tanta vontade de não ter vontades
que cantar calado é sutilmente,
comodamente,
mais fácil,
mais simples,
mais claro.

e diferença nenhuma faz entre isso e nada:
é tanta letra e tão pouca palavra.

Lucas Reis Gonçalves

tique

sem pulso,
o relógio bate,
e bate tolo,
sem notar
que, na verdade,
o tempo,
seu tempo todo,
é louco, e,
mais do que louco,
é pouco
pr'um braço torto,
que, de morto,
oco silenciou.

Lúcia Bins Ely

VOZ

Todo ar se enche de noites largas
e a voz rebenta
num buraco de sangue.
Longas estrelas
rodam entre os polos da sala.

Barbárie.
Chocam-se palavras,
ruídos e
nada de nada.

O vazio que sobra da vida,
do dia, da frase não dita

feito punhal
me crava
o peito.

*Não pensara que tanto vazio
um dia me enchesse a casa.*

Lúcia Bins Ely

SILÊNCIO

*“No es muda la muerte. Escucho
el canto de los enlutados sellar
las hendiduras del silencio. Escucho
tu dulcísimo llanto florecer mi
silencio gris.”
Alejandra Pizarnick*

Cantavas os mortos
escutavas a morte
mas tu não estás morta, Alejandra.
Vives em teus ‘trabajos y las noches’
tuas ‘aventuras perdidas’,
na diana.
Carregas a morte como uma palavra
em teus versos.
E teu ‘lazo mortal’
entoa um ritmo em que
amor e morte se abraçam.

Hoje a poesia
canta teu canto
enclausurado em teu laço mortal
cai e sombra te revela
na fumaça
do cigarro
que não acendi
que não fumei.



ALMA DA MADEIRA

A alma da madeira,
a demora dos nomes
tudo treme...
o fio
que une o breu à luz.

Transgride a obscuridade
por uma gota de luz cardeal;
de um amanhecer
feito diamante.

E dali
uma criança orvalha...
e a água mais pesada
me esmaga
me desabrocha.

Luiz Coronel

As crianças

As crianças são movidas
pelas hélices de sonhos.
Suas palavras têm pétalas,
e o sorriso guarda o perfume
das frutas recém-colhidas.

As crianças transitam
por aconchegantes países:
o colo da mãe
e os ombros do pai.

Elas conversam de igual
para igual com os passarinhos.
E discutem metafísica
com os cães e os gatos.

O raciocínio delas
dança com a imaginação
pelas alamedas da fantasia.

A Constituição lhes assegura
o sagrado direito
de subir em árvores,
pintar a boca dos verbos
e atar uma pandorga
na gravata dos burocratas.

Quando as crianças
estiverem, aparentemente,
falando sozinhas,
não interrompa essa prosa.
Elas estão ajustando contas
e tramando roteiros
com o anjo da guarda.

E, se por acaso,
um infante lhe convocar
a travessuras
não perca a oportunidade,
talvez seja sua última chance
de voltar a ser criança.

Meio século de história

A esperança tinha pressa
e o sonho estava nos pratos.
Mas veio tudo às avessas
no ano sessenta e quatro.

Eram baionetas caladas
e vozes emudecidas.
“Brasil, ame-o ou deixe-o”
cada um na sua vida.

De repente pelas ruas,
pelas praças a multidão.
Quando se erguem bandeiras
caem os muros da opressão.

Voou a pomba da paz
das mãos do peregrino.
E um país verde-amarelo
cantou de novo seu hino.

Vinha das minas de Minas
o ouro daquela voz.
A morte abrindo cortejos.
Estamos tristes e sós.

Pelos caminhos cruzados
a mão da história nos leva.
Entre dúvidas e dívidas
abro clareiras na treva.

Luiz Coronel

Em ondas televisivas
o “Caçador de Marajás”.
Nas mãos, um novo país.
Com os pés, tudo desfaz.

O herdeiro deste reino
freia a inflação no gatilho.
Entre escândalos e rotina
tem o país novos trilhos.

A bordo do Plano Real
Dom Henrique é incisivo :.
Lastra os planos sociais,
detém gastos excessivos.

Romantiza-se o operário.
O poder tem suas normas.
Vende o Brasil mundo afora,
contorna todas reformas.

Sobe a rampa uma Senhora
em tempos de sonhos e assombros.
Quem há de deter seu passo
se leva a história nos ombros?

O que passou, já passou.
Na louca vertigem dos fatos,
eu trago uma rosa nas mãos
e pedras nos meus sapatos.

Pôr de sol sobre tumbas

É outubro.
Rumo à Emissora de TV
pela Avenida Porto Alegre
e me deparo com um pôr de sol
alucinadamente lindo,
emoldurando os túmulos
do cemitério João XXIII.

O mármore e o granito
rebatiam
aquela avalanche de cores
qual incandescentes vitrais
de uma catedral em chamas.

De sua pétrida morada,
úmida e sombria,
aquela vizinhança de almas
em seu silencioso dialeto
murmurava:

- É tarde, muito tarde,
não tenho olhos
para te contemplar!

- Perdão se não abro portas
e janelas, pois não as tenho!

- Não queiras ver
o que de nós resta.

- Será que lembras:
Tantas vezes, tomando mate,
contemplei teu mergulho
nas águas púrpuras
do Guaíba!...

Em palavras sem sílabas,
invisíveis gestos,
o locatário da tumba 11.129,
da Ala B, num balançar
dos ramos dos ciprestes,
na voz do vento, conciliou:

- Oh! Almas lamuriantes:
saudai o sol, nossa pontual
visita, com vestes de príncipe,
ele vem romper
o inefável esquecimento
a que o tempo nos condena...

Luiz de Miranda

Elegia da Longa Ausência

Este lugar é meu lugar no mundo,
por isso te escrevo
com encanto e dor.
A ausência perdura
e perfura
o escondido da alma.
Estou só,
mas estou vivo
e empurro
para bem longe
a tristeza que há
nos dormentes da memória.
Estou sossegado
no descampado,
onde moro em meio da noite,
antiga companheira de martírios
e estrelas,
as conto no céu abafado
de fevereiro.
O oleiro trabalha
o barro da existência
num cavalo azul.
Eu o olho com doçura
nesse momento madrugadeiro.
Sou guerreiro
de trás daquelas nuvens
que passam ligeiras,
e aumenta a ausência
que se alonga no horizonte
num largo caminho
sem pontes.

Perquiro o que me sobra
dos meses,
passo os calendários
montando a vida
meu bem meu mal
quando saio
pela porta do inferno
e vou dar em lugar algum,
mas um dia
me trará o mar,
minha pequena salvação,
depois voltarei a terra
na ogiva
de seu esplendor,
contarei os anos
que tenho guardado,
noite
meu jeito de viver
vicissitude
à margem do caos
possuído
de amores amargos,
dureza
que não ama
e abalroo
o que soa
como grito
no infinito
do meu olhar
e fabrico aros de ouro,
meus brinquedos velhos
no fundo da casa,

Luiz de Miranda

lírica rosa nascia
onde tocava
tua mão macia,
era dia bom
para o meu pobre coração,
eivado de medo
e protegido por cordão
de ouro
da Virgem Maria.
Um toldo longo
me protege do vendaval
que se anuncia
no avental
das horas.
Quero melhorar
dessa melancolia
que me atordoa
nesta urbe
de cimento e cinza.
A besta,
o grito das ovelhas
me cercam.
Peço perdão
e sigo adiante,
chuva e areia
na praia
que não existe,
como jamais viste.
É um auroral estranho,
o que me ajuda
levar o rebanho.
Sou um potro abandonado

que trabalha só
nestes descampados da pampa.
Penso nos teus olhos
e às vezes choro,
não por mim
que fui abandonado,
mas sou amado
dos que me cercam,
e assim me salvo.
Talvez a vida
seja só isto,
e assim de sobressalto
no alto
do cadafalso
colocar meu corpo,
armo meus alforjes
de esperança
e não salto.
Permaneço imune
diante do adeus,
os florins da guerra
ainda são meus.
Terço uma pampa
branda,
mas brava
numa avenca branca
que abraça o desamor
dos meus itinerários,
neste diário sobrevivo.
Viver é ir à deriva
com face altiva.

Luiz de Miranda

Pequena Elegia do que Perdi

Perdi tudo que tinha
na linha alva da alvorada,
me levaram a lugar ermo
e roubaram meu silêncio
e a melancolia que trazia.
Uma velha fotografia
de teu amor
foi-se nesta tarde
que aturdia
minha memória,
fico agora mais livre
para o espanto,
é bem presente
em livro
léxico
aberto
certo
de todo o escuro.
Vazo os muros
da estrada
e procuro no campo
meu lugar e meu encanto,
onde canto forte
e desenha da vida,
em estrada só de ida.

O Que Conheço é Pouco

O que conheço é pouco,
mas já me basta,
é haste de roseira
que abre flores brancas
antes da primavera.
Dou-me a tudo que vejo
na ladainha
da linguagem,
esta viagem,
onde estou metido,
desde que nasci.
Fico quieto,
muito quieto,
para que brote o poema,
esse é meu tema
bem dileto,
ordeno na página
conforme morada,
a forma e o conteúdo.
Sou Miranda, o homem
me pertence,
os Goulart,
açorianos, franceses,
dos primeiros que pisaram

o solo do Rio Grande,
em Rio Pardo,
onde há o cemitério dos Goulart.
Meu bisavô, Perseverando
Goulart,
de mil oitocentos e cinquenta e
seis,
é o mais antigo
de que tenho notícia.
Depois rumaram para São Borja,
se espalharam por Itaqui e
Uruguaiana,
onde vim ao mundo
para navegar esse mar
sem fundo.
Cruzei milhares de cidades,
nessa vontade de andar
que me deu
minha vó Francisca Goulart.
Depois tenho andado sozinho
por alqueires de pampa
de verdes indomáveis,
vão junto meu cão e meu cavalo,
adivinho o eito da solidão.

Lya Luft

A CASA INVENTADA

A vida é uma casa que a gente inventa
(ou tenta).
Com um sótão para sonhar,
porões para chorar,
um quintal para as festas e os delírios.
No meio porém passam as águas do tempo
que tudo leva de roldão, tudo
transforma em cacos, trapos, lascas.

Melhor montar as ondas
agarrada nas espumas, e deixar-se levar
entre estrelas, escolhas
e destroços.
Melhor se reinventar.
Melhor contemplar.
(Melhor ainda, nadar.)
Ou ele nos devora, nos cospe fora
como sementes ou cascas.

Um dia vamos achar na praia
o que sobrou de nós:
que não sejam só os ossos.



ILHAS

o que não posso dizer
o que não cabe em palavras
o que não é para olhares
profanos;
o que é calado e remoto
meu mais secreto destino
como o reverso das ilhas;
ar marinho maremoto
calado alado e sonoro:
mais que navego,
imagino.

Lya Luft

NASCIMENTO

Viver é a cada dia
partejar a vida.
Que esforço, que dor,
que tempo de espera.
Ela pode nascer com muitos braços
cabeça grande demais
(- às vezes sem pernas).
Abro meu ventre,
minha alma se arreganha
como uma parturiente:
dar à luz dói.
Faço isso todos os dias,
como num palco:
aquele bonequinho
sou eu
num mundo que vou montando.

Mas nem tudo me assusta,
nem tudo me prende:
posso abrir algumas portas,
posso fechar outras, posso
escolher o sexo
e a cor dos olhos de cada momento.

Marco Celso H. Viola

Apócrifo I

E como saber dele?
Quando vem, vem.
E quando vai?
Quando a gente menos imagina: ele.
Ali na frente, bem na frente dos olhos
chapado, vermelho, avermelhado
inflamado de tanto fogo.
Eu desvio, mas ele olha
me bate, me assusta
se impõe, encanta e hipnotiza.
Faz tudo:
O que pode, o que não pode.
O diabo.
Pula muro, burla, sobe penhasco
e some.
Quando ele some
junto some uma parte
é realidade,
não imaginação
não um pedaço de arte.
É amor.
E eu? Eu? O EU?
Me desfaço
para ser outro.
Alguém mais inteiro
Mesmo faltando um pedaço.

Marco Celso H. Viola

Apócrifo II

Não!
Não vais comer meu cérebro com alface.
Sou resistente, luto
grito, esperneio, me calo.
Mudo
Me mudo.
Não vem com ar de raposa
secando minhas uvas.
Tem outras cinturas
curvas e curvaturas
o mundo não acaba
ali no quarto da empregada
na área de serviço
não termina em um poema.
A vida é tema
é vício, viço, vivacidade.
Ninguém vai me segurar
nem freira, nem diaba,
nem inteira ou meia
nem teus olhos de cadeia
nem tu, aranha na teia
querendo me devorar.
Ninguém come meu cérebro,
sem eu deixar.

Apócrifo III

Uma bela noite ele sai de casa
do casulo,
o bicho da seda
cria asa e voa.
Ele não sabe do dia que vai voar.
Nem da asa, nem da casa, nem do medo,
muito menos do ar.
Ele é bicho da seda
a tecer, tecer, tecer e tecer.
Ser bicho da seda é seu lar.
A seda é o par, o motivo
o movimento, o alimento, o sentido
o sentimento.
Tecer é tudo para o bicho tecelão
Até que um dia ele sai de casa
apenas por perguntar-se:
Porque não?

Marco de Menezes

ábaco

Porque tudo se passa em silêncio
quis assim o azar que aquele velho gato
subisse no telhado pelos canos
e - inútil - uma vez mais mirasse
o corisco de fachadas e janelas
de sua gávea felina.

Porque tudo se passa em silêncio
fixou o olho-amêndoa nas cúpulas
dos guarda-chuvas lá embaixo
como se seguisse um cortejo ou
computasse no ábaco. Um escuro,
outro, uma sombrinha rosa que se desculpa da chuva,
um quebrado parecendo um circo arruinado,
outro pequenino, um bem transparente.

Porque tudo se passa em silêncio
e não há barulho mais alto que o
das rodas da engrenagem do mundo,
o gato esticou uma pata,
acomodou a cabeça na outra e se deixou ali,
na chuvinha mandada pelo cinza logo acima.

Eu, olhando para este gato
que subiu no telhado pelo encanamento,
não pude esquecer do ditado popular que emula más notícias
com isso de gato subir no telhado.
Besteira, me disse.
Ali, do fundo de sua pelugem,
o gato me olhou cúmplice e
não necessariamente amistoso.

a árvore e o carvoeiro

por via das dúvidas
eu dou bom dia ao velho carvoeiro
e não deixo de abraçar furtivo o grande plátano do parque
e concedo aos galhos novos um muxoxo grave

e todavia o velho carvoeiro seguirá partindo as achas enquanto eu
der bom-dia
e o eco da rua que lhe chega a cabeça
não é senão uma peça maldita que lhe prega o mundo
em seu corredorzinho

alheio e esquecido na caligem
teria a decência de se lastimar
apenas
quando eu não passar

por via das dúvidas hoje miro mais forte o plátano.

Marco de Menezes

inço

me arrancam
como bovino manso
de um pátio em chamas

folião com arruda nos olhos
com meu roupão, umas congas
e lá se vai ribeira abaixo
minha inútil bandeira

me arrancam
como espinho
do píncaro
pinças púrpura
de príapo

e mais embaixo
- onde não há soleira
ou claraboia
nem sacada sutil
ou avículas rútilas
nem alimento fácil
nem gradeado gramático
ou gráfica confiança -
me arrancam

do pátio em chamas

Maria Carpi

O lugar da inscrição.

O caminho sem meta
de chegada, a mensagem
sem palavras, a canoa
sem eira nem beira,

a morada que tanto
se amealhou para tê-la
e mais se amealhou
por deixá-la, no trânsito

das águas, é o lugar
da inscrição. E leva
em conta o recibo
de quitação, as asas

efêmeras dos voos
malogrados e remidos
pelo perdão. Dizer
sem dizê-lo, sem o desvio

do olhar e a simulação
do dizer, sem a vergonha
do dito. Chegar ao porto
certo é ser devolvido ao mar.

Maria Carpi

Metáfora Viva.

Metáfora viva é afirmar,
sem ênfase, apenas
com o olhar os campos,
que o paraíso é um grão,

um nada, de mostarda.
Realmente, se a angústia
da noite larga alcança
os claros e eu posso

abrir a janela para uma
grande árvore, vejo o reino.
Porém, se o amor viesse
em alegorias, nunca o teria

apreendido. E seria um
hiato do não vivido.
O amor, essa dispensa
de metáforas. Esse corpo.

Coisas que fazem falta.

Há coisas que fazem falta
faltar. Há presenças
que mais comparecem
na ausência. A morte

quando comparece, falta.
A falta do dia na noite
sempre amanhece. Feliz
falta que amadurece

os corações ao encontro.
A falta do amado mesmo
estando perto ou longe.
Abraçamos tudo o que

amamos e mais abraçamos
com sofreguidão o que
nos falta, faltosos no amor.
Ao eterno falta ser efêmero.

Maria do Carmo Campos

PRAÇA DA ALFÂNDEGA

Engraxate,
quase pintor
teu passo
instalado
na praça.

A foto devolve as têmperas
com que dás limpeza
e polimento à vaidade
dos que sentam ao teu serviço.

No trono
creem elevar-se
sobre a tua altura.

Mais que engano!

És dignidade alçada
na manhã por nós
precavida.

Quem polirá os teus pés
à espera do primeiro
que virá?

São camadas de alvura
na transparência das pisadas
claros desígnios
resíduos de graxa.

Quando te foto-grafo
vejo as têmperas
sobrecamadas
do que guarda a memória
dos sapatos.



SARAMAGO

A morte de um escritor
ressoa como uma lira
eterna
enquanto as palavras voejam
no fundo da ampulheta.

O mar? A terra?
Quem colherá os restos de José?

Vem o devir.

As cinzas viram espuma
e no ventre das ondas
explodem novas palavras
erguidas num nevoeiro
de sal.

Marilice Costi

DOS LUGARES AFINS

fachada máscara armadilha bordel labirinto
baús mansões adega solário pátios armários
coberturas escondem masmorras?
todo mundo no fundo um porão

corredores escuros sobrado porta janela
pode alçapões para o céu

livre tramela aos amigos
no térreo calor há espera
cálices a guardar vinho
no carinho posta a mesa

mas só casa com outra casa
gerânios com lambrequins
se ge(r)minarem um sótão

daí, que pode o delírio

BRINDE AO DESNASCIMENTO

a incerteza faz com que se trilhe espinhos
no ir e ouvir que entorta o singular do ser
lamber carinhos em aromas mergulhados
entornam rejeição no ato de empreender

trinitroglicerina em fios de telefone
polaridades em resmungos sem tesão
provocam um sentir sem força que se dome
o canto, que encanta, perdeu a compaixão

you, que se articula, um rol a dizer não
no abrir e fechar portas - múltipla explosão
ao ser distante é fácil decompor carinhos
há mortos escondidos em certo vão?

*ah, metida abelha em noturnos vendavais
tentando remover coturnos e metais
bendiga o rumo a decompor-se em tempos tais
desapareça – é águia – sem dizer dos ais*

you, insanas as palavras que profana
e doces as agruras que sem tino emanam
fraturam os cristais de vida entrecortada
e as coisas sagradas são sílabas passadas?

you, inquieto ser - interna mutação
que em fogo afunda no sentir-se em confissão
ao encolher o pranto, preencheu e alinha
na profusão que vêm minúsculas gavinhas

you, homem distante num moinho andante
de pavio curto, feito pra queimar os dedos
as notas fiscais se parecem com torpedos
e seguem frágeis passos de um meliante aos beijos?

you, ao rejuntar e ao dar acabamento
desbrava a cor premente de um amor partido
é tipo cadafalso, o que fabrica trincas
e ao se alongar num voo morto é que se estica

Marilice Costi

você foi rendilhado e colorida fita
mas descortina um ser que entrega-se ao poder
com dor e raiva assim, e a fala que entica
é um colo de mulher no ato de querer

você complica o jeito de cumprir natais
no desfazer da vida ao descuidar demais
de quem se despe ao escancarar o próprio couro
e o joga ao lixo ao irromper, desnasceu ouro

você, impaciências que reverterão
policromias, se não for só sedução
se autoestima não partir de grande esforço
ao coroar o pão, prepara um ser deposto

você, um amor que machuca no viver
mistura entalhes e rupturas ao conter
de gota em gota, um respingar na horizontal
na escadaria sem degraus nem patamar

você, incompreensão, indefinido ser
um laço a decompor calor em desalinho
melhor rasgar que rastejar ao belprazer
sangrando em algodão, bordô, impuro vinho

não quero ser aquela, a outra que estraçalha
nem sou tal alfonsina, se a paz é desatino
ao relançar caminho, ao por a luz na malha
destruo a nota falsa e encontro um novo hino

há féretro que aporta de um navio advento?
guerra sem armas que fermenta e é tudo ou nada?
no cais ao desfraldar a caravela ao vento
renascerei ao perceber a quixotada

bandeira brasileira em corpo embalsamado
tem cores do Rio Grande em meio a lambrequins
envolto neste pano, cupins de antepassados
enterrarão o amor, que tanto foi, enfim.

Lá M há

lambe e lembre em setembro
lambrequins e estrelas furadinhas
compõem na redoma rendilhados em linhas
à espera, uma edelvais
com passos carmins vai
sem raízes voar sem asas

Capelo Gaivota não é ave morta!

é coragem que desentorta o voo de flor que exorta
e se comporta sem ser pertença de alguém
ao ser-pertença em cuidados de ser amém!

lembra lambrequins lambecarmins
lambercarinhos lamorte latorta
ser-sentença suportamim fechada em sim
num dó cuidado de amor mortente
latente luz em sonho enlinhamado
das mulheres alinhavadas em homens costurados
em mil postas de comer, de beber, de poder

não sabe bastar-se a si sem voz
nem em abandono de abraços de nós
enquanto âniã, mulher de crer em fins
de armadura, há cóis da castidade a sóis

um segredo? um cofre? uma chave?

começa outra edelvais assim
que encolhe, esfria e escorre entre lençóis
compondo asas ao sair de mim

Mario Pirata

Augusto Franco de Oliveira

PELEJA

Nossas bombas são de chimarrão.
Nossos tanques, para lavar roupa.
Nossas correntes movem rios, lagoas e lagos.
Nosso armamento é feito de pensamentos.
Nossas lanças, de Santa Bárbara e de São Jorge.
Navegamos campos e mares.

Nossas balas são de guaco e mel.
Nossos ideais, as mãos da natureza.
Nossas sentinelas, os Quero-queros do pampa.
Nossa munição tem o calibre dos sentimentos.
Nossa política é a poesia dos abraços.
Caminhamos com os ventos.

Nosso comandante tem a voz do coração.
Nosso uniforme é verde como a floresta,
prateado como o luar, dourado como o sol.
Nossas palavras de ordem são sementes,
brotam limpas e claras em nossas mentes.
Nos movemos com o tempo.

Nossos territórios não possuem cercas,
seguimos fortes com a guarnição
da paz das estrelas no firmamento.
Nosso compromisso é com o plantio
do amor entre todos os povos.
Estamos vivos, e prontos.



DA ROTA DE NAVEGAÇÃO

pela coragem, pelo medo, pela flor de lírio nos dedos,
pela penugem nos sonhos, pelas sementes, pelos gomos,
pela comichão na sola dos pés ao atravessar o convés,
pela memória dos carinhos, pelos redemoinhos,
para conhecer quem sou e também quem és,
para saciar a madrugada, seus temporais,
para estar inteiro e receber o amor verdadeiro,
para descansar nas mãos da manhã ensolarada,
por todos os erros, por todos os acertos,
pelos estragos no casco, pelos concertos,
porque o lugar onde estou não revela aonde vou,
pelas cores das histórias que sei de cor,
sobretudo, para poder respirar melhor,
eu canto, e isso é quase tudo o que sou.

Mario Pirata

Augusto Franco de Oliveira

REGRA UMA:

poema se cria com palavra se escreve com letra
se desenha com arte se faz com imaginação
e isso não se colhe com explicação
alguma

Marlon de Almeida

AS ALMAS DA CASA

A casa não mais guarda o mundo todo das manhãs que começavam no primeiro de janeiro.

Dentro a casa guarda o gosto de outro tempo:
nas cadeiras de palhar trançado, no sofá de braços quedos,
no assoalho carcomido e sem remendo, nos carteados
que já não varam madrugadas, na mesa posta de memória e vento,
nos brinquedos tristes de poeira e esquecimento,
a casa guarda seus rumores e janeiros nunca mais ensolarados.

Para onde foram todos os amigos, os vizinhos, namorados
escondidos, para onde foram nossos olhos sobre o mar de linho?

Meu Deus, será que nós morremos? E se não, por que, como
fantasmas de nós mesmos, assombramos esta casa onde se foram
nossos anos encantados?

As vozes que ouvimos são dos vivos e nós estamos sós.

Marlon de Almeida

A CASA DAS ALMAS

Mandou levar águas passadas em caixas de tempo e papel:
queria viver o presente que não tinha futuro.
(O presente era uma televisão exigindo as desgraças
de sempre.)

Quando vieram levar os móveis da sala não se moveu,
como se presa na teia de silêncio e seda.
Como se sapo no escuro da boca da cobra.

Deixaram-lhe a tela no breu
repetindo os fantasmas de todas as horas.



E A ALMA DA GENTE

A alma é o fantasma da tua pessoa
coisa ruim nem boa
apenas a tua sombra calma.

Marô Barbieri

mesmo a coisa finda
carrega em si semente escondida
larga
iluminada
generosa

mesmo a alma frouxa
carrega em si fiapos de luz
caminhos de alimento e graça
destroços e
construções

o que está por vir
mesmo pleno de vazios
é pulso de vida
estrada e horizonte

viagem

poema

um poema pode chegar de repente
sem espera

pode vir aos pedaços
tropeçando na calçada
um soluço em cada esquina

um poema pode
invadir o espaço do sono
do banho
do almoço

pode entregar-se aos poucos
pedindo licença
pode invadir pátios sem fronteira
doido e solto

um poema pode
ser mal educado
rude
e verdadeiro

um bom poema
chega
e nunca morre

Martha Medeiros


Poça d'água no caminho, nem havia percebido que chovera à noite
Nem havia percebido que eu sofrera à noite
Nem havia percebido que eu morrera à noite
De manhã a água fazia poça em meu olho direito e esquerdo

Quanto tempo falta para o destino soar a campainha?
Quantos dias ainda para eu dar um nome ao meu desejo?
Quantas horas de resistência antes que eu desista?
Que segundo é esse que não finda?

Martha Medeiros

meu caro estranho, nossa estranheza nos levou à cama
e seguimos nos desconhecendo
não perguntei de onde vieram tuas cicatrizes
e não me perguntaste se eu já havia usado o cabelo mais curto
simplesmente nos beijamos e dispensamos todos os porquês
fui uma mulher qualquer e foste mais um homem
e se esse descompromisso não merece ser chamado de amor
ainda assim não carece ser desfeito e esquecido

meu caro estranho
mesmo nos amores não há muito além disso



que valentia é essa de que me vanglorio? a valentia de atravessar a rua
mas é da covardia de não me enfrentar que me alimento e sangro todo dia

apontassem uma arma para o meio da minha testa, urinaria minha coragem
que eu sou valente é para a molecagem e não para o que presta

Nei Duclós

SELVAGEM

Fui Rocinante, pedra e caminho
Depois Quixote contra moinho
Hoje governo ilha e Cervantes

Herdei o elmo, herdei o estribo
Herdei os livros fora da estante
Tinta em papéis sujos de trigo

No escudo, gamela de cobre
Vejo a aventura fora de linha
Do sonho migrei para o aviso

Fui escudeiro de antigo nobre
Palavras jogadas no alforge
Memórias de vencida lógica

Visito a sala onde a loucura
Era o espelho do amor perdido
Fantasmas em eterna fuga

No meu lombo louca linhagem
Bronze feito de pergaminho
Esguia fronte, triste figura

Fui viajante, virei raízes
Voltei ao cardo e ao espinho
Provei da selvagem literatura

AMOR SEM FUNDO

Luz âmbar passa o vitral e fere o vestibulo vazio, em Veneza
Ficas nua não por sedução, mas por revelação do corpo teso
É tudo o que tens quando desces as vestes sem tocar a tábua
E vibra o foco permitido pelo sono de ser, ao som de sonatas

Teu rosto sob o cabelo enxuto tendo apenas um brinco de jade
Vira-se para ver algo que está além de mim, pois não enxergas
És deusa maior para tão pequeno olhar, meu mesquinho séquito
Criatura que não te pertence nem limita a imitação de estátua

Moves lentamente, como a navegação com um destino tímido,
Toda tua atenção, torcida enquanto lá fora arrulha a maresia
Eu me aproximo porque perdi a noção do estrago e já decidi

Sou o barco que chega no cais molhado de luas de espumas
E toca teu coração apenas com um gesto, do meu sonho em riste
Em direção à boca isenta que desperta, acesa pelo amor sem fundo

Nei Duclós

ABANDONO

As folhas se foram
filhas de infinitos
outonos

O chão te abandona
Seiva que esqueceu
o gosto

Horizonte duro
muda teimosia
de tronco

Um perfil de inverno
sopra em teus galhos
tortos

Deram-te sal
perdes a vocação
de sombra

Mas não há solidão
As nuvens são
teu rebanho

Um tropeiro sabe
que és um reino
sem trono

Teu incêndio
é pura negação
de fogo

És como eu
súbita aparição
do pampa

Nilva Ferraro

NO AVIÃO

Esse rio visto tão do alto
é cordão de prata
atirado sobre manto verde

Visto assim do alto à distância
tudo parece tão pequeno
tão sem importância

O tênue véu de nuvens
tangidas pelo vento
transforma aos poucos a paisagem
em um ondulado oceano

Agora as nuvens
se apresentam como esculturas
O tridimensional ali ali
quase ao alcance das mãos
como se fora uma efêmera exposição
montada para este deleite meu

Não não posso dormir na viagem
tenho que ter os olhos bem abertos
não posso perder nada desta tarde ensolarada
que desvenda para mim tanta beleza
como se fora um presente

Nilva Ferraro

LUTA EXTRA-MUROS

Hora do “rush”
Noite recém inaugurada
na festa de luzes
da pauliceia desvairada

De um lado o hospital
do outro o cemitério
no meio eu no trânsito
nem ali nem acolá

De um lado a dor e o gemido
do outro o silêncio e a paz
Aqui no meio a luta a guerra

Em lampejos
as cruzes de granito
sobressaem ao muro
Como se as almas
não estivessem indiferentes
à luta fora dos muros

BUQUÊ DE HAIKAIS

Canto do grilo
trouxe passado feliz
Só hoje eu sei

Fim de outono
árvore nua chorou
todas as folhas

Flor de cinamomo
tocada pelo vento?
Não. Pela formiga.

Lua-odalisca
arrasta nuvens nos céus
em dança de véus

Mosquito me diz
tenho o dom da vida
além de voar

Dia e noite
passeiam de mãos dadas
É crepúsculo

Jogo sementes
num jardim encantado
colho amigos

Homem e mulher
bebidas num coquetel
delícia ou fel

Oracy Dornelles

Soneto do Cupim

Protuberâncias marginais do campo
Seios de terra onde formiga habita.
Pérola alçada nos cantões, pepita
Ou rolha agreste das canhadas, tampo...

O quero-quero do teu alto grita,
E às redondezas para olhá-lo acampo...
Monto o minuano à luz de pirilampo -
Gaúcho-mídia que se não limita!

O campo-pele amadurece em tara
Na mais louca de todas as paisagens
Que um insano mental imaginara...

- Cupim sagrado, vens a furo e intrigas
Em vez do pus, adubas as pastagens
Numa explosão incrível de formigas.

MARIA SHARAPOVA

(Tenista nº 2 do
Ranking WTA)

primeira no rank da beleza
musa universal do tênis
pescador sem rede
gamo por ti

teus goles com chocolate
atoalham tuas pernas
e teus gritinhos contemporâneos
em saques fortíssimos
me entornam
de poesia

(até perdendo és amada)
ó
mega-miss
se eu pudesse acertar
em miles e miles de quadras
— de santiago a moscow —
este amor que arremesso

seria
o mais contendor micro-organismo da
terra
átomo de amor lesando a humanidade
último do mundo

tento
ponto

ave
maria
sharapova

jogai
por nós

pescadores
do impossível.

Oracy Dornelles

NEYMAR

astro de todos os santos
brilha na grama
e no tombo

e vai e volta e passa e chispa e fura
contra os coices covardes da inveja

joga poesia e graça
Neymar x pontapés

foge depressa para a Europa
salvando-te
na lâmpada dos gênios
para mostrar quem és

salvamos Pelé
agora
salva tua pele.

Orlando Fonseca

ACROBACIA

Não há lona, nem
rede:

o acrobata se
se arremessa do infinito

(e o infinito é apenas
o tédio dos dias, a casa vazia,
a rua em seu movimento de sempre,
a ordem das coisas na prateleira,
nas gavetas, nos relógios)

Não há sequer
plateia, camarote,
ou banda de música:

o acrobata sabe a sua hora apenas
pelas batidas do coração.

o acrobata se arremessa do
alto...

(e o alto é apenas uma arquitetura
frágil composta de restos de lembrança
que traz escondido;
mas de lá enxerga o passado
em sua luz fugidia e enganadora)

...se arremessa para o alvo que
se destaca na escuridão

para dentro do azul dos
teus olhos.

Orlando Fonseca

IMPROVISO N° 1

Veza por outra
a imagem tua
invade sem aviso
o meu dia... nua.

Vestido e pego
em flagrante
não sei o que fazer
com chegada
tão desconcertante.

Num escritório,
horário de expediente,
seria vexatório
não fosse surpreendente.

Quem me vê não sabe
que improviso
assim a esboçar
inadvertido sorriso.

LEVITAÇÃO

Para além da linha do teu corpo,
estendido no tempo
ergue-se o sol que espreita curioso e pontual
a minha vontade
- dissimulada por um bocejo -
e ainda confere - general - os restos da noite,
dispersos em rasgos de sonho e
migalhas que
perduram na cama já desfeita
do que nos foi o banquete de vontades
acesas e febris.

O saldo é uma réstia de lucidez
que se insinua pelas frestas da persiana
- peneira *ad hoc* que tapa o sol provisoriamente -
mas nada esconde do que nos é belo
humano duradouro e juvenil.

Quase em hino, serve-nos a manhã...

Levanto-me para as urgências do dia
- você faz perdurar ainda o onírico das horas
e se deixa embalar pelas ondas suaves
de uma noite inventada -

É sábado, e saio pelas ruas ensolaradas
de Santa Maria.
Ninguém nota, mas eu caminho
a dez centímetros do chão.

Ozy Pinheiro Souto

TALVEZ

Talvez quem segue, nem chegará
Talvez quem fique nem imagine
Porque os caminhos têm duas mãos
Talvez quem creia, se enganará
Talvez quem sonha encontrará
E nem se sabe se vai gostar
Porque o bom mesmo é procurar
E procurar só pra variar

Talvez quem busque não vai achar
Talvez quem tenha nem saberá
Porque o acaso vive a brincar
E há quem olhe sem saber ver

Porém o acaso nunca tem vez
Nas raras vezes em que a paixão nos move
Como se nada mais existisse
Que a ideia ou o ser que nos comove

ESPOREANDO

Meu bisavô tropeiro desdobrava o mapa do sul do Brasil
como se fora o poncho sob o qual ruminava o verde-azul
sem fim de campo e céu
Quilométricos sonhos entre mansas mulas
ao tranco macio de seus cavalos
E suas botas-luvas de garrão talvez jamais

se ornaram com esporas

O outro bisavô cismou de ser Alferes
tomando o rumo da espada
guerra a dentro ao Paraguai
Do alto de seu cavalo o campo foi verde e rubro
No inferno que se semeava viveu um tempo de esporas

Mas a vida não se contém
contínuo fluxo fluía entre tropeadas e volteios
e fermentava como apetitoso pão
Foi assim que a filha do tropeiro
se fez esposa do filho do guerreiro
e deu-lhe herdeiro varão
Mais não lhe deu certamente
porque meu avô seguia semeando em variados campos
Senhor de léguas troteadas em entreveros de amores
redomava concubinas povoando a terra de gente
Minha avó em silêncio alimentava seu filho
e quaisquer filhos de seu senhor
Um tilintar de esporas sempre presente
marcava as horas do desencanto

Ozy Pinheiro Souto

Já meu pai desde sempre abdicara das esporas
e por vários anos venceu estradas e paciência
até apreender a alma da *fraulen* e enredado
prender-se na seda dos loiros cabelos e de uns olhos azuis
que não lhes serviram para colorir a vida
mas virá-la ao avesso
Minha mãe-rainha
Com quem meu pai manteve o suave costume do chimarrão

Com tanta espora esporeando no detrás de meu passado
levanto a saia da História
Das bisavós pouco sei
não há retratos nem causos
adivinho a solidão o choro ou ranger de dentes
Algo lhes devo bem sei
e agora traço minha sina e rebeldia também
não no gênero feminino apenasmente
mas nesse humano contexto em que a História me situa
E num desagravo *post mortem*
pisco um olho pra minha avó Vitalina de Almeida Pinheiro
tomo nas mãos uma espora de prata
simples adorno entre outros na parede
e ajeito-a sobre a cabeça com um ar de realeza

A roseta agora é estrela
na tiara da princesa

HÉTERO ETERNO TERNAMENTE

Hétero
porque em si consigo não se entretém nem se acrescenta
Hétero
porque no oposto se descobre outro – no outro
e se um penetra a vida outro a sorve
São dois vetores para um mesmo enlevo
Héteros
na busca da diversa face
aquela além da nossa que queremos nossa
porque jamais a temos
Héteros
no desafio de atar as pontas do infinito na chispa do prazer
Ansiosos de colher o mais além
tão íntimo
desse desconhecido hétero parceiro
tão amado
Ah! Esse parceiro consentido
em tudo semelhante porém
- que maravilha -
de inverso sentido
variante de nós – variável via
Somos os fascinados do hétero
buscando esse prazer-derrama
no reverso de nós
diversa forma
que jamais nos cansa porque nunca
se terá por inteiro seus segredos

Ozy Pinheiro Souto

Nessa busca submergimos vezes múltiplas
atentos a mínimos frêmitos
a sutis nuances
suavíssimos bater de asas
sussurros de águas íntimas
carregando-nos juntos para o caudal buscado
até o abismo
esse mistério
que acelera o coração e arma o grito
na hora do salto imortal
no espaço que se cria
e triunfantes damos a grande volta
círculo perfeito e nós o centro
quando de dentro de nós
após o estrondo
uma chuva de verão nos clarifica
e novos nos depõem na relva
como crianças-deuses brincando
de inventar a vida

Paula Taitelbaum

O mundo é um palco
Imundo de pacto
Que inunda de opaco
O fundo do intacto.

O mundo é um trato
Abunda de feto
Corcunda sem tato:
Na bunda te infecto.

O mundo é uma fala
Remando se esfolo
Remenda o que falta
Tremendo ela esmola.

*O mundo é um retrato
(E esse é só o primeiro ato).*

Paula Taitelbaum

A língua incisiva é um bisturi afiado
Que vibra em meio a um lençol imundo
Não há assepsia, nenhum cuidado
E vê-se a carne que vem lá do fundo.

Nada é capaz de estancar a hemorragia
Que escorre pelos olhos, boca, cotovelos
Enquanto ele se enche, eu me esvazio
De frases que grudam pelos pelos.

Só quando já não resta verbo algum
Só após adjetivos serem poças
É que noto que ainda temos em comum
Esse cheiro que parece vir da fossa.

*Palavras cortadas não são salva-vidas
Palavras que sangram, melhor serem lidas.*

Corro pela rua como chuva na sarjeta
Ei, você aí, sabe que horas são?
Marquei encontro com uma roleta
Mas perdi o relógio junto com a razão.

A russa me espera numa sala enfumaçada
Onde homens acariciam suas míseras rodelas
Ela disse que minha sorte estava lançada
Sem saber que apostei num cavalo sem sela.

Aqui o silêncio é comido em rasos pratos
Acompanhado de olhares fixos sobre a mesa
Se eu pudesse mudaria a ordem dos fatos
E deixaria você para a sobremesa.

*Blefei e agora terei que pagar
Perdoe-me se perdi até meu lugar.*

Paulo Becker

Noturno

Para o velho Graça, que vivia não vendo graça em nada

A noite, parteira de monstros,
me agarra pela nuca e esfrega
minha cara no pó do chão.
Estradas de terra vermelha,
sapatos gastos, bebedeiras,
pensões baratas, dostoiévskis,
avó morta, irmãzinhas mortas,
infância e trevas luminosas
vão e voltam. Warte nur, balde
ruhest du auch. Sim. Não. Sim. Não.



Ó

Estou aqui gritando
com a boca aberta em ó
e ninguém me ouve

Estou aqui sangrando
com os pulsos abertos
e ninguém me socorre

Estou aqui comendo
o pão que o diabo amassou
e ninguém tem nada a ver

Estou aqui respirando
o ar de enxofre do inferno
e ninguém abana um leque

Estou aqui vendo
minha vida em flashback
e não há mais ninguém

Paulo Becker

Caras-metades

A mulher do coronel
tem cara de quartel

A mulher do carcereiro
tem cara de chaveiro

A mulher do agiota
tem cara de cofre

A mulher do visionário
tem cara de calvário

A mulher do bispo
tem cara de noviço

A mulher do psiquiatra
tem cara de psicopata

A mulher do mordomo
tem cara de dono

A mulher do coveiro
tem cara de enterro

A mulher do médico
tem cara de remédio

A mulher do motorista
tem cara de autopista

A mulher do alfaiate
tem cara de fraque

A mulher do açougueiro
tem cara de cordeiro

A mulher do carrasco
tem cara de cadafalso

A mulher do farsante
tem cara de meliante

A mulher do policial
tem cara de oficial

A mulher do professor
tem cara de retroprojektor

A mulher do escrivão
tem cara de mata-borrão

A mulher do pintor de retratos
tem cara de paisagem

A mulher do deputado
tem cara de eleitor enganado

A mulher do ferreiro
tem cara de espeto

A mulher do palhaço
tem cara de palha de aço

A mulher do capeta
tem cara de corneta

A mulher que é minha
tem coroa de rainha

Paulo Bentancur

Amor brasileiro

Na região gelada em que vivo
Sufocante no verão já em outubro
Eu descubro que aos pés do País
Imenso, brasileiro, um continente
Cada estado é tão diferente
Que nem faz sentido um sentimento
De suposta unidade nacional.

Não nos compreendemos e isso é atávico.
Os climas diferenciados estimulam
Nossa distância de estados com mar, úmidos
Estados com montanhas e secos
Estados órfãos adotados por desertos
Estados imersos em floresta tropical
Doenças diversas, sotaques tão estranhos
Um ao outro e quando,
Brasileiros, nos falamos
É como se a Torre de Babel se erguesse

Em meio a uma singela capela
No interior de Minas ou uma extinta tribo
No monólogo de um sobrevivente no Amazonas
Ou ainda nos pampas do Rio Grande
Esse frio inóspito instalado em minha voz
E amputo os plurais ante a amada –
Uma mulher a quase dois mil quilômetros
Que escuta o coração traduzido
Deste estrangeiro.

Bilhar

Meu pai jogava sinuca, esticando,
da cintura para cima,
Todo o corpo, desde o tronco,
Animal se compondo
Para o bote de um certo abate.

A espalmada mão firmava o taco.
O braço, mal recuado, detonava,
Depois de alguns segundos,
O exato súbito movimento
De quem, diante de uma mesa,
Se incorpora. Bola na caçapa!

– E a resposta
Ainda era dele:
A próxima jogada.

Até que nada restasse sobre o feltro
Senão o olhar de águia
E a boca de um menino.

Paulo Bentancur

Eu

Não sou o homem que enxergaram
Cruzando a rua, mãos no bolso. Não
Sou o homem bar adentro
Pedindo um expresso sem chantilly. Não
Sou o homem que admiram
O sério olhar sobre todas as coisas,
Olhar de indiferença interpretado
Como grave testemunha na manhã.
Não sou o homem que acena
Por saber que passos sem cumprimentos
São tropeços em instantes, e se instalam
No dia em seus ciclos tão distantes
Mesmo dentro do tempo de que bebem.
Não sou esse homem nem aquele –
Ainda que ambos sejam idênticos
Segundo a interpretação de gente oposta.
O homem que não sou trabalha sua
Tarefa de tentar ser o que a rua
Esbarra, se afasta, reconhece
Como algo familiar e que se esquece,
Passada a primeira meia hora.
Não sou o homem que sorri, sorrindo
Como fiz esses anos acumulados.
Sou tão somente aquilo que escrevo:
Estas palavras, a vida confirmada.

Paulo Roberto do Carmo

Diferente dos Deuses

De escarvar a dor com os dentes,
sustentarás a palavra com outra palavra.

De buscar a voz que outros calam,
erguerás a espada com outra espada.

De querer o que não podes haver pela alma,
perderás os frutos não colhidos do desejo.

De remar ao acaso o barco que o tempo afunda,
aprenderás que o sonho nasce morto, se não arder ao sol.

De tanto padecer sob o vício das incessantes necessidades,
serás diferente dos deuses, mas igual a outro homem.

Paulo Roberto do Carmo

Daqui em diante

Daqui em diante,
deixarei de ser o que sou
e viverei a vida de novo.
O coração há de me confiar o que fazer.

Daqui em diante,
pararei de culpar os outros
e mudarei de vida, mudando os hábitos.
Os mistérios do dia hão de revelar outros acasos.

Daqui em diante,
valerá o feito e não o escrito ou o dito
e compartilharei o pão e beberei estrelas.
A infância há de abrir em êxtase as portas de mim.

Daqui em diante,
não criarei serpentes de estimação
nem mais serei seduzido por guizos de falsos desejos.
O que busco é outra alma que em mim se contorça de alegria.

Daqui em diante,
fruirei as linguagens que os sentidos puderem cantar,
pois é o tempo que passa na alma ou é a morte
que convida a amar o abismo que uiva de boca aberta?

Nós somos o que perguntamos

Quem há de levantar-se
para não morrer de joelhos?

Quem há de ser, que seja hoje:
amanhã não seremos mais nós.

Quem encorajar o desejo
há de morder a morte ainda viva.

Quem nunca chorou de saudades de si,
como há de salvar-se das correntezas do tempo?

Quem há de ausentar-se dos outros,
e de repente se achegasse como se os tivesse amado
/desde a eternidade?

Quem estenderá uma corda sobre o abismo,
só para revidar o desafio do teu desdém?

Quem, entre dois males,
só para provar-se, há de escolher o de maior flagelo?

Quem há de comover-se com a fome de uma criança,
se nos devoramos uns aos outros até a alma?

Quem há de resistir a uma tentação,
se é chegado o dia e a viagem é sem volta, é só hoje?

Quem há de punir os criminosos
e os juízes que na alma carregam a culpa dos inocentes?

Quem há, de resistir às paixões,
se o coração dói e os desejos rastejam de fome?

Paulo Seben

O SUSPIRO DE ELIOT

Agora que a morte chega
e não adianta chorar;
agora, que não há Deus
nem mitos que acreditar;
agora que não há tempo,
nem há lugar pra voltar,
agora que a vida lêda,
agora, que o apogeu,
agora que todo alento
ou é passado ou ficção,
enfim eu sei que há um fim.
Não quero mais dizer não,
mas para o quê dizer sim?

SONETO DESESPERANÇOSO

Olhares tão sofridos na parada do ônibus!
Ali tormentos atordoam as pessoas,
nem todas más - decerto há muitas boas -,
e alguma dor nos corações também se instala.

É tão raro o sorriso na parada do ônibus!
Dói-lhes estômago, cabeça, rins e psoas,
dói-lhes saudade, e ainda a muitos lhes magoa
a incômoda consciência do erro - e ninguém fala.

O sol que os faz brilhar, a chuva que os encharca,
o vento que levanta a saia e despenteia,
tudo lhes acentua a dor e as suas marcas.

Minha dose de dor é uma parada cheia
de gente miserável e suas vidas parcas,
porque eu tinha esperança. Tinha, mas matei-a!

Paulo Seben

EU-VÍLIMO

Mas quem sou eu, meu Deus, mas quem sou eu
pra escrever sobre mim, que não sou nem
Ferreira nem Gullar, nem sou também
Drummond, não sou de Andrade, quem sou eu?
Limpinho, protegido, inofensivo,
sujo apenas nos versos de uns poemas
e na culpa horrorosa que eu carrego
de não ser Galahad e não ser Gandhi,
não ser King, não ser Malcolm nem Yupanqui.
Ser somente o que sou. Mas o que eu sou?
Sou católico, branco, Classe Média,
constrangido a assumir-me intelectual
só porque leio, escrevo e (por, talvez,
comodismo) respeito concordâncias
e regências dos verbos e dos nomes.
Sou sozinho, egoísta e vampiresco
hauridor de auras de outrem, de outras vidas
porque, se eu escrever sobre o que eu vivo,
que leitor me lerá? Quem quer saber
da consciência emprestada ou prostituída,
do silêncio de Deus-desdém, Deus-ego?
Mas quem há de querer saber de mim
se nem mesmo a mim mesmo eu interessou?

Pedro Marodin

igual a uma pedra sozinha

na beira da praia
esperando
com sua paciência milenar
assim espero meu amor
quando, de súbito,
me surpreende
com seu abraço atlântico,
me envolvendo por todos os lados
com suas ondas de beijos
ahhh,
a maré alta...

Pedro Marodin

sinto-me inundado por dentro

neste mar de amor e poesia,
navegando em um barco
sem leme, nem vela,
rimando, remando, rimando
pra quem sabe, um dia,
tocar as margens
da tua doçura



o dia é a roupa das estrelas

e à tardinha se despem
pra de noite nos seduzir

duas são tuas luas
a me iluminar
e se precipitam à terra
quando as beijo e acaricio

gemendo e suando
é teu corpo dançando
um mar agitado a me levar
cada onda que crias, um delírio;
e navego por toda tua pele
sem pressa de atracar no cais

Pedro Stiehl

MANUSCRITOS

Todo manuscrito me fascina
dos primeiros rabiscos de um filho
as breves dedicatórias dos bisavós
em fotos preto e branco.

De uma declaração de amor
num caderno amarelado de infância
a datas de nascimento e morte
que alguns registram nas bíblias da família.

Imagino a letra, o músculo contraído
de prazer ou medo ou angústia
a preservação de um tempo
corroído pelo ácido do passar do tempo
quando estão definitivamente mortos

Como confessam!
Deus, como confessam!

Na ciência inexata das palavras
estão dizendo adeus
estamos sempre dizendo adeus.

NADA TENHO A DIZER À MORTE

Nada tenho a dizer à morte.
A morte é surda

Falo com as tenras raízes
com as flores em botão
com as diversas formas
que as nuvens tomam quando viajam.

A morte é surda.
não escuta o som da palha
que o pardal cata
para fazer ninho
nem o som absurdo que faz o olho de um menino
que decifra mais um enigma da infância.

A morte é um peixe comido no rasante de um pássaro.

Um ponto. Uma conclusão.
Não merece a história que levará.

Pedro Stiehl

CALABOUÇO

Trago em mim
um estranho calabouço
repleto de instrumentos
de tortura.

Quando a alma oxida
e o espírito enferruja
desço de mão com a ruína

a velha ruína
que depois de atravessar gerações de consolados
me encontra
me traz seu cálice de lágrimas
e um espelho de rapina
que devora o que restou de meu rosto.

É quando nos acariciamos
a ruína e eu
corpo e alma de uma mesma dor.

E sob os suplícios de um verdugo cego
Nos tornamos ainda mais ternos.

Raul Machado

MULHERES DA VOGUE

Onde andarão aquelas mulheres
desenhadas a bico de pena,
recostadas em curvos raios lunares,
cobertas de alvas pombas,
sustentáculos de açucenas,
cobertas com coifas medievais?

Frutos sonhados por Conde Nast,
de que zero de pecado,
de que fresta no tempo,
de que pórtico marmóreo,
nascestes para meus olhos?

Para que sonho em desalento,
em que esvoaçante galope,
para que esperançosos braços
já vos encontrais de partida?

Raul Machado

AMIGO

“O espelho é meu amigo. Nunca mente.
No meu quarto, ele é o móvel mais velhinho.
E sabe desde quando estou descrente” Lila Ripoll

Quando me vejo no invertido espelho,
amigo indiscreto e confidente,
meus olhos não creem no bom conselho,
pois vejo mais o que o desejo sente.

Nele espreito minha infância ausente.
E aqui e ali, na paisagem da face,
sulca-me a ruga que herdei de minha mãe
e os olhos dum avô impertinente,
gritando de tão longe esta saudade
de mim
quando tudo em volta era diferente.



AVISO

“ L`enfer c`est les Autres “ – J. P. Sartre

Não caias na armadilha transparente
de revelar teu segredo,
tua verdade,
porque sem ele, lá no fundo de teu ente
restará o grande vazio, escuro e frio,
que Édipo, ao ficar cego, viu.

Revela aos outros tão somente
tua óbvia aparência.
Os outros não merecem tua essência.

Ricardo Primo Portugal

A sombrinha


Para Tan Xiao.

“Yo tengo sed de aromas y de risas,
sed de cantares nuevos
sin lunas y sin lirios,
y sin amores muertos.”
Cantos Nuevos,
Federico Garcia Lorca

Sob o verde pára-sol
riso cores no retrato
somos nós a descobrir-nos
os amantes que nos fitam

Goya viu-nos assim
seu olho agônico deixou-se
descansar à nossa mirada
luzente alento ele nos teve
a mais cara miragem

Goya face ao desconcerto
carça pensante que soçobra
ao peso de outro corpo que se dobra
à noite a nódoa que se deita densa
à sombra como fôra rosto e irrompe sobre
toneladas de nada que se retorcem



Goya como um fauno triste
em sua própria festa
desfeito em opróbrios e sumos insalubres
experimento alquímico de um semideus
moderno surdo dado a demiurgo

Pois ele Goya desde o seu agora
demorou-se a sonhar-nos
desdobrou-se em mim e você
frente ao vento vindo
de seu tempo esquerdo

Você sorriso a abrir-se desde dentro
discreta flor crescendo à flora e eu
enfim feliz da felicidade física
fílmica de ser um símile de mim

Simples estar inteiro nesta hora
para segurar uma sombrinha
para sustentar a obra-prima
sua risada límpida e contida

Ricardo Primo Portugal

Ela pela neve

Para 李雪, cujo nome,
em chinês, é “neve”.

(I)

rumor ou voz à neve
o seu nome paira ao vento
eco de esperas escritos
esparso pólem de estrela
essência de rima ou rumos

dádiva ao dia que inicia
seu nome neve vem-me
à entrada de sua cidade
a última urbe habitada
ao orbe desconhecido

na orla onde seu rio
deságua em nós amarelo
transborda em mim amazônico
desemboca o meu caminho
à lâmina de sua língua

(II)

a neve sobre o deserto
quem a conhecera assim
tão bela quando súbita
irradia-se sua vinda
em música que verte-se
semínimas de plumas

quem a seguiria
em sua mímica diáfana
de mínimas esferas
arte em plena vida
lírica de ventos
canto de cristais

desce em tudo a neve
a ânsia de seu nome
a recobrir a estepe
em seu tempo ido
sonho de símbolo
que aspira a templo

lívida entre lírios
você pela neve
carícia de cidade
entre dedos de vidro

Ricardo Silvestrin

Máscara do riso,
máscara do choro.
- A vida é improviso,
comenta o coro.

Máscara do choro,
máscara do riso.
- Com dente de ouro,
vale mais o sorriso?

Máscara do riso,
máscara do choro.
- Viver é só isso,
o nada é o tesouro.


Máscara do choro,
máscara do riso.
- Coroa de louro
na chuva de granizo.

Ricardo Silvestrin

plantar, depois colher
numa cesta cheia de ar
frutos airados
a escolher

lançar o alimento
ao vento
quem come
nem vai notar
de onde vem
o sustento

um risco invisível de arado
(depois que o tempo passar
e a terra nos fizer
de fermento)
vai semear
novos frutos de ar
no solo do esquecimento



o amor não nos dá tudo
nem adianta querer mais
do que o amor tem pra dar

ele é pequeno como você
tem o tamanho de um corpo
em média um metro e pouco

Roberto Medina

Ossos de borboleta

Para Regina da Costa da Silveira

Só o espectro do toque
E me entoco.
Chegas e
Terremotas a alma:
Solo intocado.
Me sugas notudo;
Ao depois, cachoeiro relâmpagos.
(Durmo as mil noites)
Beija-floreias, agora, veredas outras...
Fica
O sertão de imensos;
Mas tua língua
Vadia
No corpo que não me é:

Avalovara ghazale

Para Leny da Silva Gomes

*“No princípio, esparramas as plumas no Tempo,
Do bico, o hálito primeiro,
Regurgitas o ovo cósmico,
De tuas chispas, cometas e pontos de brilho em expansão,
Ao estender as patas, sentencias a Terra e seres miúdos,
No mais e no sempre, rotas celestes e torpor.”*

Trago-te, clamando, os intestinos,
Como contornos e desatinos

Trago-te as unhas,
Pingando o vermelho arruinado

Trago-te os pelos todos,
Hirsutos no todo da experiência em brasa

Trago-te o limo do estômago,
Herança do fel pedregoso

Trago-te meu sexo,
Criança sem brinquedo

Trago-te os sonhos,
Jeito de tocar em frente

Trago-te o uivo,
Meu e de meus irmãos

Trago-te a chuva de lâminas,
Datilógrafa de cicatrizes

Trago-te o pão e as mãos,
Um, envelhecido; as outras, paralisadas

Trago-te meus vermes,
Fui eles e menos eu

Roberto Medina

Eu te trago minhas sujeiras,
Testamento de paisagens e pessoas tragadas

Trago-te os ossos,
Ossos curvados, um a um, pelo mundo

Trago-te rins e riso,
Filtraram tanto, ai, virei nisto

Trago-te a garganta,
Nela, o diabo disse palavra que deveria restar semente

Trago-te os ouvidos e língua,
Os primeiros, poupados; a segunda, podre

Trago-te o coração,
Fera em soluço

Trago-te o risco das ruas,
Nervura de folha, onde plantei escorpiões

Trago-te meu cérebro,
Almofada barata de alfinetes

Trago-te o outono,
Metamorfose leprosa

Trago-te meu pior,
Ou seja: meu todo

Trago-te os vocábulos e a escrita,
Cabeça ceifada e não eleita

Trago-te a finitude, como o pai, na aridez do dia,
Desentranhando do aço o fruto da família

Trago-te a noite
E peço perdão,

Avalovara, não te trago os olhos,
Esses operários do espanto.

Escrita da fome

Para Valéria Brisolara

E veio o cheiro suado, mal acabado
Vertigem invasora na caverna de carnes
Mel na língua - desejo entre dentes
E veio o corpo inteiro: com nome, com vocábulos

Sem pressa

E rasgou minha sede
Como leão aturdido
Rugidos e relâmpagos e silêncio e silêncio
E silêncio e chuva fina e

Segredas no ouvido dengoso:
Ora num, ora noutro

Quando escalas o pescoço,
Arrepias a superfície que me envolve

E irrompo num todo
Famélico, arenoso
E selvagem

Nisso, corro nas savanas, acho que renasço em mil mortes.

Confesso, tenho medo
Do encontro, dos olhos
Eles dizem, falam língua, trocam palavra

E ressurjo furioso na tua barriga, peito, costas e
Pernas... Gostas?

Sim, desenhas a flor da noite,
Abençoando mordidas
Em gemidos - calados

Sim, gritas assim:
Sim, sim, sim

E me escondo nos teus flancos,
E as bocas se buscam novamente,
E ainda me sussurras por um deus alado

Quando vejo tua pele,
Nela, escrevo uma paixão milenar: centímetro a centímetro

Cravo as unhas na tua carne e não leio mais nada,
E espalho rapidamente minhas letras
Nas linhas dos teus contornos.

Ronald Augusto

sócios no transe

nem bem em si nem fora
de si uma perna
além do quadro bate
seu acento átono
figura de compasso
ao rés da luzerna
de todos os celícolas
que lhe dão o lado
com desdém ao seu dano
sem fixar arrocho
nem quitar sua chance
de vir sem reparo
ao sólio das deidades
o vulcano coxo
que alça a gâmbia seca
e sai num pisar raro

em que pé vai ossanha
ninguém sabe ao certo
bebum de muitas ervas
pisa-as com o talão
rastros ímpar no bosque
em folhas diserto
ao pé dessa muleta
argumenta ou não
sua vária medicina –
a encontra no atalho –
cura pelo caroço
o saldo dos queixumes
não róí a própria dor
o osso de que é falho
é livre de ordem unida
graças ao aleijume

o que mal se explica

não se faz emprestar ou separar do senso
fujo ao cimento branco da copulativa
é cinjo-me ao calor dessa imagem que penso
flexível ao silêncio à nudez dormitiva
cadência parafrástica *puro* não-ser
que lezama babuja leixa quando traga
e espuma a fumaça do escuso afazer
com que se justifica além da sua plaga
não precisava ser lezama a sinédoque
do meu vil *trobar clus* saquei-o à minha estante
por amor ao acaso para ser mais breve
chegando até aqui sem dizer o bastante

Ronald Augusto

ao peso se dobra

por seu modo insurrecto e sem molhar palavra
ria menos viril que ônfalo e às pregas
alheio a mais desditas derribando regras
que lhe custaram escaras tanta choça brava

quando não anedotas de secar escrúpulos
aos que lhe eram caros e ruins dependendo
outra vez seu acinte prestava a medo
quem lhe dera o molesto jurara sem cuspo

pelo sol sem cachaço que surte com o inverno
não havia outro trato a dar à circunstância
foi sempre assim consigo e a um golpe de lança
fende-se essa página engolindo-o inteiro

Rossyr Berny

Amorosidade e questão social

Vendo que não voltas
vou a ti
Sei que o verão é tua estação preferida
e levo-o em pacote de presente
Ficam-me no corpo
a primavera o outono o inverno

Vendo que não voltas
vou a ti
Sei que a visão é o sentido que preferes
e levo-a com zelo nas mãos em concha
Guardo comigo o que descartas:
o toque o cheiro o som o sabor

Sei que o azul é tua predileção
e levo-o em cesto encantado
Ficam as outras cores do arco-íris
em meus olhos de paixão

Sei que preferes o amanhecer
e levo-o em caixa com bombons
Guardo comigo os ares da tarde
o sol poente as estrelas a madrugada

Rossyr Berny

Vendo que não voltas
vou a ti
Sei que é do ouro o brilho que preferes
e entrego-o em pesados baús
Guardo comigo os metais de outros encantos

Sei que o dia de luxo é teu momento dileto
e ofereço-te em bandeja de muitos quilates
Fico com o que não necessita brilhar

Sei que preferes continentes para domínio
e ofereço-te cinco maravilhas
Fico com barcos de papel e nascentes de rios

Vendo que não voltas pra casa
vou a ti
Sei de tua preferência pelo paraíso
e ofereço-o com um beijo de lava-pés
Fico com purgatório e inferno
que me ensinaram perseverar e perdoar

Vendo que não voltas, por esquecimento
deixo-te com tudo o que ofertei
Interessa-te receber o brilho pronto

Não serias parceira
a fazermos das noites geladas
o dia de sol que busco para todos

Amar transforma medos
em mesas-bem-postas aos que têm fomes

Pássaro terminal

Nunca mais encontrei os pássaros
que libertei às centenas das gaiolas
Não há em nenhum mundo
árvore poste riacho céus tatuagem
deserto ou campo fértil
que não os tenha tentado tocar outra vez

Aves libertas
serão amadas que tive e a quem dei asas?
Conquistaram para si céus e mundos
Outros corpos que nunca saberei

Libertá-las
foram tentativas de permanecer preso
aos amores vividos

Esperando suas voltas
as perdi
por serem pássaros de impossível clausura

Suplico
Mesmo de maneira piedosa
deem notícias de seus voos e vidas

Tragam assistências de sobrevoos e abraços
a este amor
terminal por tanta ausência

Para que eu também possa voar

Rossyr Berny

Origami quase perfeito

Nascemos enorme folha em branco

A vida ensina pelas sendas dos dias
que se pode dividi-la em mil outras páginas
Fortunas bancárias
Conquistas siderais
Morar em Gizé Havana Paris Pasárgada

Preferi deixar a minha em único papiro
Do tamanho do Vale do Rio Nilo

Com um milhão de dobraduras
e mãos hábeis de amor
construí nós dois em um só origami
Enriqueci com tintas do arco-íris
e ternura de comover-te ao choro de felicidade

Nos fiz barco para irmos aos mares
Nos fiz viagem para irmos a Jerusalém
Céus para morarmos no paraíso
Tempo para sermos eternos
Nos fiz peça única para sermos santuário
e orarmos um frente ao outro

Na pressa inocente de agradar-te
esqueci de perguntar
se era esse o origami que tu sonhavas

Se era esse, se era esse. Não era esse

Sandra Santos

Ilha dos Marinheiros

o olhar que entra tem curto caminho:

a tramela da janela
a renda de jornal

o lençol de chita
a dividir as seis Marias

e um santo onofre
sem pernas
apoiado num copo de cachaça

(poema escrito na ilha dos marinheiros, em 2007)

Sandra Santos

Fractais para Marica

minha vó

I

o ponto inicia num sapatinho
e termina num xale de renda

pé sem meia
resta o calor do braseiro

bule craquelado
guarda morangos vermelhos

canta um galo de lata
na chaminé

chama o vento

II

de pão e aramado
teus dedos fartos

argamassa de ovos
trama de cestas

na tela a varejeira
ronda a carne seca

III

vestido mamãe dolores
descosturou-se da alma

a dona voa
num céu de pano azul

meu verso não tem pé

não é prece
nem lamento
não é tese
nem testamento

nem tanca
nem haicai
nem copla
nem rubai

nem soneto

nem barroco
nem balada
nem barcarola
nem beira-mar

não é satírico
nem dramático
não é heróico
nem didático

não é sáfico
não é silva

mas é dos santos:

batológico bestialógico a brasileiro

Sergio Napp

II

o tempo é o café
coado
e seu aroma

o tempo é a criança
ao descobrir as estrelas
e apreendê-las em sua sede

o tempo são estas vozes
que do arvoredo colhem maçãs
tintas de madrugada

o tempo é o tempo
em que se trocam receitas
com o interminável
enquanto a carne se refoga

o tempo é esta caixa
que se abre num repente
e de onde a eternidade espia

III

a eternidade e o tempo
não são farinhas do mesmo saco
vinhos da mesma pipa

a eternidade é o imponderável
o que não se muda
o que não se contém

pouco se sabe da eternidade
a não ser o que os sábios comentam
em seus livros de orações
e suas poções secretas

quem sabe uma bondosa velhinha
um prestidigitador
espantalho que resista
à chuva e ao branco da neve

a eternidade é o segredo
a sete chaves
nela não se percebem rachaduras
ou falhas: ela é sempre

a eternidade prepara
noite após noite
um jantar
para um convidado que nunca chega

Sergio Napp

v

o vazio
é
perfume vindo do nada

olhar quando tenta dizer
o que não sabe
abraço que não se completa

o vazio
é campo extenso de horizontes
por onde a esperança não passa

Sidnei Schneider

O SILÊNCIO

1

até hoje pensei
que o silêncio era

dentes sem mastigar,
grandes e francos,

do tamanho de
elefantes

metidos atrás
de gengivas malva:

luminárias
da troante avenida.

2

não um sem som de ar-
condicionado ou

o de carros e sirenes
em onipresente cortina:

vi um silêncio gerânio
parindo ressignificantes

nas sacadas do corpo
onde a terra é fofa,

sem temer a si mesmo
ou fugir ao nascimento.

Sidnei Schneider

3

não um silêncio quedo
como o do colarinho

aberto na calçada
aguardando a ambulância

com os ouvidos atentos
dos transeuntes,

mas um que conversa
com o surdo-mudo

da casa de cegos
que também é cego.

4

um silêncio fundo
não aguarda lavras,

deu tudo o que tem
e também o que não:

dá o que não conhece,
flutua além do verbo,

não antes da bíblia.
quando nasce no ser

sequer rumoreja o mar
do silêncio que funda.



5

uma palavra se pode dar,
inclusive a palavra romã.

só o amor, precisamente,
funda o impronunciável:

não o que teme ser dito,
mas o que está além disto.

instrui um dentro-lugar
que jamais pode ser lido:

ultrapassa o impossível
ao dar o que não tem.

Susana Vernieri

ANEL

Anel que marca a mão
feito tatuagem em terceira dimensão

Anel para olhar
sentir o pulsar

Anel que veste o dedo menor
Para cobrir a nudez de milênios
O vazio de séculos

Anel que tu me deste
Que não era de vidro
E nem se quebrou

Anel que aquece
Das tempestades que ainda virão

Aliança sagrada
Sem a cerimônia dos templos

Força protetora em
Circular escultura

A pura alegria dos tempos
E não mais que um sorriso redondo
A indicar o caminho de dois



LEITURA

Como ler um poema
sem saber as letras?

Aprender os versos,
das mãos do amor.
Afinar ouvidos
e filtrar ruídos.
Decorar estrofes
Com todo suor.

Como leria poesia
Se não fosse a voz
a ensinar métrica
e rima com dosado rigor.
A mostrar que a paciência
é uma maior ciência
nesta arte maior.
É chave para casar
conteúdo e forma,
o de dentro com o de fora
o fim da tarde com a aurora.

Como ler poesia
se não fossem os sentidos
a ensinar os sentidos?

Susana Vernieri

MI

Mal aprendi a ler a pauta
e a martelar um piano.
Agora percebo a nota Mi
escapar de mim e pedir um plano.

Sem dó estanco, paro.
Dou ré e esboço um mapa.
Aguço meu ouvido rouco
como quem busca o fá em faro.

Traço linhas, traço círculos
para ver se encontro o sol.
Quero pistas, quero signos,
mas nem no lá absoluto
vejo tons de solução.

*

As outras notas saltam em revolução
descontrolam-se e
dançam um bailado manco.

Não sei música.
Não sei de arranjos
nem de timbres ou solfejos.

E Mi sumida e eu sem mapa
O espetáculo me desespera
E Mi sumida e eu sem mapa
Nem sei o som desta nota, vocifero
E Mi sumida e eu sem mapa
Não há música sem notas

Por fim canso, por fim quieto.
Arquiteto outros planos
Se Mi se foi, não segue comigo
E que venha logo o silêncio.

Suzana Vargas

Interditos

São várias as camadas de céu
sobre a terra: nuvens em
pinceladas levemente brancas
cambiantes de sol ou de urubus
escurecidamente belos
obstinados em brincar com aviões
numa mistura de metais com asas.

Enquanto apenas anoto em tinta azul
o símile, a metáfora da mais comum antítese
subcéus

Suzana Vargas

Pátio

d'après William Carlos Williams

de sol,
gramíneas, maravilhas de verde e líquens: carrinho de mão,
pá e regador
descanso de tijolos
num labor aposentado há muito
Permanecem ali caprichosamente sujos
desimportantes
para o tempo
esse jardineiro cego

Piscina & Lazer

Toda piscina sem uso
guarda mágoas em proporções gigantes,
envelhece com seus ladrilhos gastos,
escorregadios

Algum dia serviu para
altos
saltos,
para o amor,
para malhar um corpo, adornar
as possibilidades da paisagem
ou refrescar memórias

Esta
não fica atrás e nem traria
à tona
seu passado ineficaz
quando quem dá as cartas
é o dono
da água

Tânia Lopes

MEU CORAÇÃO


Ah! meu coração...
Ingênuo, amuado...
Parceiro inquieto
Conselheiro atrevido
Um pouco abusado...

Não se distrai com bobagens
Bate adoidado com sentimentos
Rima com toque de mão
Feito tambor, em compasso!

Meu coração vê sonoridade
De vozes quentes e suaves
Que dedilham coronárias
E me fazem mais feliz!

Meu coração me faz ver
O que pouca gente enxerga
E ingênuo, por assim ser
Bons sentimentos alberga!

Meu coração ri à toa
Juntos, riem os olhos,
Curva-se a boca em sorriso
Com toda palavra boa.



Meu coração machucado
Costuro com poesia
Nem sinal fica marcado
Nada se vê no outro dia!

Meu coração sem segredos
Portas abertas, arejadas
É só espiar lá por dentro,
nem janelas cortinadas!

Ah! Meu coração...

Ah! Meu coração...
Deu pra mentir o safado
Fica usando a minha boca...
Em vez de ficar calado!

Tânia Lopes

Atentem

Atentem para os sinais:

- Lição que ofereço

De tanto atentar...

Imperceptíveis sons

Do fio de voz

Da voz de lâmina

Da voz morosa e

Monocórdia...

Atentem mais ainda

À voz travestida de algodão...

Atentem para o frio do olhar

Mesmo que olhem sem mirar

Atentem para a boca de falso riso

Sorriso ou assemelhados...

O viés do sorriso

É brilho fácil de camuflar

(se o gelar interno é mais doído)

E a dor de ser, contaminar...

Perigo! Perigo! Perigo!

Atentem para olhos que desviam

São os mais fáceis de tropeçar...

Não se enganem que mais seriam...

Mais um engodo para se livrar!

Atentem, por favor, atentem

Aos que se fingem desatentos

Esses são os mais perigosos

E podem muito fácil enganar!



Vê se entende

Vê se entende
Os diamantes
Brilham
Mas não aquecem...

A música toca
E ao mesmo tempo
Reflete
O soar
O pulsar
Do coração

Vê se entende
Os diamantes
Brilham
Mas não aquecem...

Ser antena
Viva e fremente
Que capta
O valor diferente
E melhor...

É assim...
Seu entender
Não reflete
Por fim...
Nem pra mim...
Nem pra mim...
Nem pra mim...

Telma Scherer

Hoje o sol
não saiu.

Sumiu
de mim
meu outono.

Hoje o sol
abriu suas areias
nas veias
da minha cama.

Tão tristonho
tão sem vez.

Sumiu
de mim
o eco do deserto.

Hoje o sol
chorou
um choro antigo
violado.

Não mirou de lado.
Nem andou no céu.

Hoje o sol
é de papel.

Arrepio de luz
no epicentro
do silêncio.

Hoje o sol
é um som
de dentro.

Devagar com o andor, devagar. Porque esse santo que tem lama no olhar é meu Adão ao contrário. Foi do meu barro que ele saiu. Devagar e não assustem os passantes. Ele é assim, chora lágrimas lilases porque é a Mãe das Mães. Todos sabem. Devagar com a dor, e sejam rezas suaves. Porque ele é fraco na força. E tem muitos poderes. É meu filho. Tenho santos femininos, sim, são humanos. Tem deus, tem deus, tem deus. Cantam as cigarras. Ao barro há de voltar, para meu corpo. Gritam. Gemem. Cantam as cigarras. E não nos levem sem rezas e sem rimas. Ele chora lágrimas de barro. Meu santo, minha santa, ele canta. Mas sussurrem, falem baixinho: nana no colo dela, nana no colo dela, nanananão. Nanananão. Meu filho: eu sou mais velha que Adão.

Telma Scherer

Conversa de uma cigarra com Nanã

- Aqui, neste escuro,
eu preparo meu canto.
No silêncio me ensaio
para desespero da alegria.

No ano seguinte
meu voo se faz
e desfaz.
Eu canto porque esperei
esperei
esperei no escuro.

- Aqui, nesta lama,
eu sonho meus homens.
Meu barro, sua carne.
Para que
não se desmanchem no ar.
Para que
tenham pernas e braços
narizes e pés.
Sim, eu seguro com a terra
o seu gozo, produzo seu peso.
Eu os espero voltar.

Às vezes
apareço sobre as águas.

Vitor Biasoli

SE DERES O SINAL

O mundo está suspenso, amor,
e aguardo o teu sinal.

Se reclinares o corpo diante do rio
e acariciares suas ondas,
se te entregares à paisagem,
se deres o sinal, enfim,
a máquina do mundo moverá suas engrenagens
e a umidade dos dias, acredito,
cobrirá nossas sementes de alegria
para germinarmos ao Sol.

Se deres o sinal,
conta comigo,
para ararmos a terra
de uma vida comum.

Vitor Biasoli

PASSO DO ROSÁRIO

“Pegou a debandada [...] parecia que toda a força ia fugindo numa batalha perdida [...]”
João Lopes Neto, em *O anjo da vitória*.

Quando nos retiramos do campo de batalha
pesava o cansaço nos ombros
os pés afundavam na lama
as feridas vertiam sangue

Todos tínhamos a visão da morte
de um ou outro soldado:
os olhos estalados de horror
os olhos calados pela espada
e pelas balas do inimigo

Marchávamos derrotados com a certeza de voltar
Perdêramos canhões, dois ou três estandartes
e regressaríamos, claro, com força renovada
para enfiar nossas lanças
no corpo e na cara dos castelhanos

Naquele final de tarde
era só o ódio que nos animava
Sonhávamos com uma nova batalha
nossas lanças lavadas em gordura
nossas armas limpas e carregadas
para uma desforra com sangue

Foi isso que sonhei
o resto dos meus dias
Aguardei o regresso
aos campos do Passo do Rosário
sem saber que o melhor da vida
foi esta raiva que acumulei
A raiva que me constituiu
e que trago até hoje
para esbofetear o inimigo.

ROMARIA

Vim ao alto do cerro
junto com os romeiros

Quem me dera um copo de fé
para beber na ermida do santo

Vim ao alto do cerro
pela estrada de areia

Quem me dera uma oração
para rezar aos pés do divino

Encontrei uma manhã ensolarada
e muitos pássaros cantando

Quem sabe a única dádiva
a um romeiro sem fé





NOTAS
BIOGRÁFICAS





ADEMIR ANTONIO BACCA - Natural de Serafina Corrêa, RS, é poeta, contista, folclorista e jornalista. Publicou nove livros de poesia e onze livros de folclore. Com Vânia Elisabeth Larentis, publicou “Boca do Mundo”. Participou de 46 antologias e tem trabalhos publicados em diversos países. Criou e coordena o “Congresso Brasileiro de Poesia”. É Presidente do Projecto Cultural Sur/Brasil. Integra diversas entidades culturais, algumas delas do exterior, e acumula prêmios literários. Recebeu diversas homenagens, entre elas a “Medalha Oscar Bertholdo”, a “Comenda 300 Anos da Morte de Zumbi dos Palmares”, o “Mérito Cultural Juscelino Kubitchek” e os títulos “Notáveis Serafinenses na Cultura Italiana”, “Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro” e “Agente Cultural do Ano”, Jornal “O Capital”, Aracaju. Foi Patrono da Feira do Livro de Bento Gonçalves (1999) e é verbete no “Dicionário Biobliográfico dos Escritores da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul”, de Lisana Bertussi. Em maio de 2007, foi nomeado pelo Cercle Universel des Ambassadeurs de La Paix, com sede em Genebra, “Embaixador da Paz para o Brasil”.

ALEXANDRE BRITO - É escritor, músico e editor. Participa de eventos literários, feiras e atividades em escolas. Realiza palestras, participa de debates, ministra Saraulas e Poquet-cursos. Autor dos livros infantis: Museu Desmiolado (Prêmio Os 30 Melhores Livros Infantis do Ano - Revista Crescer, selecionado pela FNLIJ para o Catálogo Brasileiro da Feira Internacional do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha/2012), Circo Mágico (adotado pelo PNBE - MEC), Uakti e Uiara - duas lendas da Amazônia. Livros publicados para jovens e adultos: Visagens - Editora Arte Pau Brasil; Zeros - Coleção PetitPoa/SMC; O fundo do ar e outros poemas - AMEOP - ameopoema editora; Metalíngua - Editora Éblis; A Poesia de Alexandre Brito - p/ jovens e adultos/EJA - Castelinho Edições. Integrante da banda “os poETs”. CDs lançados: Música Legal com Letra Bacana (Gravadora YB/SP); os poETs (independente - Loop Produtora). DVD: Abdução (em produção); participação especial do poeta, letrista e filósofo Antonio Cicero. Editor de: Castelinho Edições - Coleção Instante Estante <http://blog.sandrasantos.com/2012/06/projeto-instante-estante.html>; AMEOP - ameopoema editora (www.ameopoema.com.br); Coleção Petit Poa – Coordenação do Livro e Literatura da SMC/POA. Contato: www.alexandrebrito.net.br.

ÁLVARO SANTI - Nasceu em Lajeado, RS, em 1964. Mestre em Letras e Bacharel em Música pela UFRGS, desde 1996 é funcionário da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, onde coordena o Observatório da Cultura. Autor de cinco livros de poesia, sendo o mais recente “Luta+vã” (2012). Por seu livro de estreia, “Viagens de uma caneta por meus estados de espírito” (1992), recebeu o Prêmio UFRGS de Literatura (Troféu Armindo Trevisan). Publicou ainda o ensaio “Do Partenon à Califórnia: o Nativismo gaúcho e suas origens” (2004). Como compositor, intérprete e instrumentista, lançou em 2011 o CD “Trem da Utopia”, com o grupo Caixaprego. Foi titular do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC) e do Colegiado Setorial de Música, junto ao Ministério da Cultura.

ANA MARIANO - Nascida em Porto Alegre, RS, passou a infância no interior de São Borja. Formou-se em Direito pela UFRGS. Tem poemas, contos e ensaios publicados em revistas literárias e antologias como Antologia dos contistas bissextos (org. Sergio Faraco, L&PM), 100 Autores que você precisa ler (org. Léa Masina, L&PM). Publicou em 2006 o livro de poemas Olhos de cadela (L&PM), finalista do Prêmio Açorianos. Em 2011, foi finalista do prêmio Fato Literário, realização do Grupo RBS. Seu primeiro romance Atado de ervas (L&PM) foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura - Melhor livro do ano Autor Estreante.

ANDRÉ DICK - Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1976. Tem doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com a poeta Nicole Cristofalo, edita o blog Dado Acaso (www.dadoacaso.blogspot.com.br). Escreveu os livros Grafias (Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002), Papéis de parede (Rio de Janeiro: 7Letras; Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004) e Calendário (Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010), pelo qual recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura 2011 na categoria Poesia. Também realizou o livro de traduções Poesias de Mallarmé (Bauru: Lumme Editor, 2011).

ARMINDO TREVISAN - Nasceu em Santa Maria, RS, em 6 de setembro de 1933. Sua obra inclui diversos livros de poesias premiados, além de ensaios e crítica de arte. Em 1964, obteve o Prêmio Nacional de Poesia “Gonçalves Dias”, da União Brasileira de Escritores, pelo

livro *A Surpresa de Ser*. A comissão julgadora constituída por Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo foi considerado “o júri mais rigoroso e credenciado já organizado no Brasil”, segundo Moysés Vellinho. Em novembro de 1972, foi-lhe atribuído, entre mais de 150 obras concorrentes, o “Prêmio Nacional de Brasília”, para poesia inédita, pelo original *O Abajur de Píndaro*. Em novembro de 1984, a convite da Fundação Gulbenkian, realizou uma série de sete conferências sobre Cultura e Arte do Brasil nas Universidades de Lisboa e do Porto, e na sede da própria Fundação. Em 1986, estagiou na Universidade de Sevilha, Espanha, como Bolsista do CNPq; preferiu ali diversas conferências. Em 1991, visitou o México, tendo realizado uma conferência em San Antonio, Texas, no Simpósio “The Community Heritage in the Spanish Americas”. Em 1997, seu livro *A Dança do Fogo* recebeu o “Prêmio de Literatura Aplub”. Tem obras poéticas e ensaios traduzidos e publicados em inglês, alemão, italiano e espanhol, além de participar de diversas coletâneas no Exterior. Em 2001, foi Patrono da Feira do Livro de Porto Alegre. Em 2004, obteve o Prêmio “Fato Literário”, concedido pela RBS-BANRISUL, após votação de mais de 150 intelectuais gaúchos.

BERENICE SICA LAMAS - Psicóloga, escritora, poeta, mestre em Psicologia Social, doutora em Letras. Orientadora de oficinas no *Scrivere* - espaço de criação literária. Membro da ALFRS. Possui livros de poesia, contos e ensaios, tendo participado de muitas coletâneas e livros coletivos. Viveu na Itália, onde participou de oficinas e do Gruppo’ 98 di Poesia. Prêmios literários na Itália/Brasil. Últimos títulos publicados: *Inventário de ausências* (poesia - Movimento), *Ampulheta* (haikais - Casa Verde), *A senhora selvagem*, *Copo de violetas*, *O olho do semáforo*, *Sobras de azul papel* (poesia - ALFRS), *O duplo - busca do si mesmo* (ensaio - ALFRS).

CARLOS EDUARDO CAMEZ - Natural de Cruz Alta, RS, é jornalista e produtor cultural. Publicou “Última safra do silêncio”, Ed. Mercado Aberto (1998) contemplado com Prêmio Açorianos de Poesia e “Construção das Ruínas” Ed. Leitura XXI (2005). A sair “A vida das Sobras” (2013), que contemplará a trilogia *Poemas Incuráveis*. Vive em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador.

CARLOS NEJAR - Luiz Carlos Verzoni Nejar, nome literário, Carlos Nejar, é gaúcho, radicado na “Morada do Vento”, Urca, Rio, Procurador de Justiça do Rio Grande aposentado. Pertence à Academia Brasileira de Letras, à Academia Brasileira de Filosofia, ao Pen Clube do Brasil e à Academia de Cultura em língua portuguesa, de Lisboa. Recebeu a mais alta condecoração de seu Estado natal, A Comenda Ponche Verde e de Minas Gerais, A grande Medalha da Inconfidência, em 2010, recebendo no ano seguinte, como personalidade cultural, o valioso “Troféu Guri”, da RBS. E chega aos setenta e dois anos, graças a seu espírito renascentista, com fama de poeta reconhecido, construindo uma obra importante em vários gêneros - tanto no romance (com o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional no ano de 2000, com “Riopampa”), quanto no teatro, no conto, na criação infantojuvenil - publicando em 2011 a sua “História da Literatura Brasileira” (Ed. Leya, S. Paulo), em três meses já em 2ª edição, alargando o exame aos autores contemporâneos, onde assinala a marca do ensaísta. E a 3ª edição de seus “Viventes”, em igual período, pela mesma editora. É considerado um dos 37 escritores chaves do século, entre 300 autores memoráveis, no período compreendido de 1890-1990, segundo estudo, em livro, do crítico suíço Gustav Siebenmann. Publicou sua poesia: “I. A Idade da Noite”; “II. A Idade da Aurora”, pela Ateliê Editorial/INL, 2001. Mais tarde, ampliou a publicação do conjunto da obra poética, com I. “Amizade do mundo”; II. “A Idade da Eternidade”, em 2009. Editou ainda, fora do comércio, Odysseus, o velho, 2010. Traduzido em várias línguas, é estudado nas universidades do Brasil e do Exterior.

CARLOS SALDANHA LEGENDRE - Nasceu em Porto Alegre, RS, a 14 de outubro de 1934. cursou Direito na UFRGS. Realizou, também, o Curso de Formação Pedagógica. Exerceu a advocacia criminal até ingressar na magistratura rio-grandense. Obra: Canto ao Mar de Piriápolis (1962), Inventário do Canto (1971), Artepoema (1998) e Elegia à Lesma (2011), tendo, ainda, Sol, o Poema Nascente (inédito) e A Sobra da Voragem (em preparo).

CARLOS URBIM - Nasceu em Santana do Livramento, RS (04/02/1948). Jornalista diplomado pela UFRGS em 1971, lançou seu primeiro livro, “Um guri daltônico”, em 1984. É autor de 26 obras publi-

cadadas, a maior parte de literatura na categoria infantojuvenil. Foi patrono da 55ª Feira do Livro de Porto Alegre em 2009 e da 2ª Feira Binacional de Livramento/Rivera em 2011. Ocupa a cadeira 40 na Academia Rio-grandense de Letras. “Uma graça de traça”, “Saco de brinquedos”, “Bolacha Maria”, “Lata de tesouros”, “Os Farrapos” e “Piá Farroupilha” estão entre seus títulos mais conhecidos.

CELIA MARIA MACIEL - Formada em Comunicação Social – Jornalismo/PUC, Letras e Ciências Sociais, Celia Maria Maciel é especialista em Literatura Brasileira (UFRGS) e em Escrita Criativa (UFRGS). Nasceu em Cachoeira do Sul, RS, em 1946. Seus textos já lhe renderam a publicação de alguns livros, entre eles “Campos de Arroz Maduro e Criaturas Minhas” (poemas) e “O País do Nariz, dos Olhos, da Boca & de outras partes interessantes” (infantil). Além de alguns prêmios, como o 1º lugar na categoria crônica, no “Prêmio de Literatura Cidade de Manaus/2008”, com direito à publicação do livro “Perfume para Madame Rosa” e o “Prêmio da Associação Gaúcha de Escritores – AGEs, Livro do Ano de 2010” – “O País do Nariz, dos Olhos, da Boca & de outras partes interessantes”.

CELSO GUTFREIND - Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1963. É escritor e médico. Como escritor, tem 26 livros publicados, entre poemas, contos infantojuvenis e ensaios sobre humanidades e psicanálise. Participou de diversas antologias no Brasil e no exterior (França, Luxemburgo e Canadá). Foi traduzido para o francês, inglês e espanhol. Tem diversos prêmios, entre os quais se destacam “Açorianos 93” e “Livro do Ano”, da Associação Gaúcha de Escritores em 2002, 2007, 2011 e 2012. Foi finalista do Prêmio Jabuti 2011. Foi escritor convidado da Ledig House, em Omi (EUA), em 1996. Como médico, tem especialização em Psiquiatria, Psiquiatria Infantil, mestrado e doutorado em Psicologia, realizado na Universidade Paris 13. Realizou pós-doutorado em Psiquiatria da Infância, pela Universidade Paris 6. É psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Atualmente, trabalha como professor de psiquiatria na Fundação Universitária Mário Martins e como professor convidado no curso de Psicologia da Unisinos e UFRGS.

CÉSAR PEREIRA - Nasceu em Taquari, RS, em 2 de janeiro de 1934. Foi professor do SENAC. Aposentou-se como funcionário da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. É evangelista da Assembleia de Deus. Editou “Carrossel de Cinzas” (1960), com poemas líricos e sonetos. Com “Dardos de Ajuste” (1974) embarca na poesia social com poemas que publicara a partir de 1959, no Correio do Povo, no ritmo épico da geração de 60. Segue-se “Porta de Emergência” (1989), no mesmo sentido. César Pereira foi precursor de poesia concreta e visual entre nós, tendo criado o “Poenigma” (1965), no caminho das vanguardas da época. Participou de antologias e ganhou prêmio nos gêneros de poesia e conto, entre eles o “Petrobrás” (1989). Ministrou oficina de poesia na Casa de Cultura Mario Quintana. Durante dez anos participou da diretoria da Associação Gaúcha de Escritores. Tirou 1º lugar no concurso “Lilla Ripoll” de 2011. Publicou em 2012 o livro “Caminhos do fruto”, IEL/Corag.

CÍNTHYA VERRI - Nasceu em Constantina, RS, em 1980. É blogueira, escritora, cantora, artista plástica e comunicadora. Por excesso de alternativas, escolheu ser médica. Conduz a Clínica Verri, no bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Articula o projeto Cineterapia, no Sindibancários, em que recebe um convidado para discutir clássicos da saúde mental. Coordena o Curso de Instrução do Acompanhante Terapêutico. É autora do blog “Boucheville” e conduz o CVExplica na Rádio Elétrica. Estreou na literatura com o livro “Constantina” pelo selo paulista Edith. Acompanhe em <http://www.cinthyaverri.com.br>. Siga no twitter [@cinthyaverri](https://twitter.com/cinthyaverri). Contate em cinthya@clinicaverri.com.br.

CLAUDIA SCHROEDER - É publicitária e poetisa. Nasceu em Santo Ângelo, RS, em janeiro de 1973. Aos 14 anos, publicou o primeiro livro de poemas e pequenos contos, e aos 17 anos, lançou o livro Elevador Panorâmico. Ficou em segundo lugar no Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody com o poema Jantar (2009); foi classificada no Prêmio Off Flip de Literatura com o poema Casamento (2010) e no 9º Concurso Literário Guemanisse de contos e poesia com os poemas Na boca e Pálpebras (2010). Em 2010, lançou o Livro Leia-me Toda pela Editora Dublinense. O livro ficou em terceiro lugar no Prêmio Biblioteca Nacional 2011 - Prêmio Alphonsus de Guimaraens - e foi finalista à melhor capa no Prêmio Açorianos do mesmo ano, a qual foi concebida a partir de uma ideia visual da autora. Claudia também é

Diretora de Criação de uma agência de propaganda e professora Universitária na Faculdade de Comunicação Social - PUC/RS.

CLECI SILVEIRA - Nasceu em Porto Alegre, RS. A sua dedicação, em tempo quase integral, à escrita de ficção, foi tardia, mas fruto de um sonho muito antigo. Iniciou com dois livros de contos: “No sótão dormem bonecas” (2001) e a “Trama do Silêncio” (2004); este lhe valeu a indicação como finalista ao Prêmio Jabuti. Em 2006, publicou a coletânea de crônicas “O tocador de Saz e o sultão”. Em 2008, lançou “Além da porta”, seu primeiro romance. Em 2010, aparece “Diário de mulher solteira” (contos). “Poemas de Aprendiz” é seu primeiro livro de poesia, 2008. Possui, também, vários trabalhos publicados em antologias.

CLEONICE BOURSCHIED - Nasceu em Porto Alegre, RS, onde vive com a família numa casa próxima ao rio. É poeta, professora, tradutora e produtora cultural. Apaixonada por pássaros, tem se dedicado a observá-los a partir de seu jardim, na orla do Rio Guaíba, nos parques da cidade e em áreas de preservação. Sobre a temática “Pássaros”, publicou o livro de poemas para crianças “Passa, Passa, Passarinho” pela Edunisc, em 2006. Em 2007, lançou o livro de arte “Ave, Pássaro!”, com ilustrações de Isolde Bosak, e o infantil “Comadre Corujinha e Compadre Gavião”, ilustrado por Joana Puglia. Autora do projeto “Poesia e Meio Ambiente”, alia literatura à ecologia, com o objetivo de conscientizar sobre o cuidado e a preservação do planeta. Aluna da oficina de contos do escritor Charles Kiefer, participou das antologias “101 que contam, 103 que contam e brevíssimos!”, pela editora Nova Prova. Segundo o escritor Charles Kiefer, “Cleonice é a poeta do pássaro, contida e exata como o voo de um Biguá.” Seu mais recente lançamento é o livro de poemas para crianças “Piquenique no Jardim”, pela editora Ardotempo.

DEISI SCHERER BEIER - É formada em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e pós-graduada em Direito do Trabalho. Frequentou oficinas de criação poética com Fabrício Carpinejar, Marilice Costi e Ronald Augusto, e de narrativas, com Caio Ritter. Estreou na literatura em 2007, com “Tramas de orvalho” (poesia), obra finalista indicada para o prêmio Livro do Ano 2009, concedido pela Associação Gaúcha de Escritores (AGES). Lançou, em 2010,

seu segundo livro de poemas, “Córrego de amarras”. Mantém o blog “Filhos de Orfeu”, poemas e de um tudo sobre poesia, com endereço filhosdeorfeu.blogspot.com.br. Participa da coletânea “Moradas de Orfeu – antologia poética”, sob a edição da Letras Contemporâneas (Florianópolis), de 2011, obra que congrega os escritos poéticos da região Sul do Brasil. Lançou, em agosto de 2012, seu terceiro livro, “Breu rendado”, também pela Editora Movimento/RS.

DENISE FREITAS - Nasceu em Rio Grande, RS, em 1980. Escritora e professora de história; é autora de *Misturando Memórias* (2007), *Mares inversos* (2010). Está entre os autores que compõem a Antologia poética *Moradas de Orfeu* (Letras Contemporâneas, 2011); possui publicações em diversas revistas e sites literários, dentre os quais, *Revista Sibila*, *Germina Literatura*, *Musa Rara*, *Autores Gaúchos*, *Revista Modo de Usar*. Escreve o blog: www.sisifosemperdas.blogspot.com

DIEGO GRANDO - Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1981. Publicou “Desencantado carrossel” (2008) e “Sétima do singular” (2012), além do livreto “25 Rua do Templo” (2010).

DIEGO PETRARCA – Nasceu em Porto Alegre em 20 de março de 1980. Mestre em Teoria Literária - Escrita Criativa. Publicou três livros independentes: *Nova Música Nossa* (crônicas) 1998, *Mesmo* (poesia) 2003, *Via Cinemascope* (poesia), 2004, *Cada Coisa* (poesia) 2012, *Vento & Avenca* (haicais) 2012 *Hai-Cábulos*, com Andréia Laimer (2012) e uma edição-xeróx, *Banda* (poesia) 2002. Premiado em concursos literários. Integrou mais de 10 antologias por editora convencional, publicou poemas em jornais e revistas. Trabalha em projetos literários: leitura em público, produção de eventos e jornalismo literário. É professor de literatura e ministra oficinas literárias em órgãos de cultura em Porto Alegre. Apresenta um programa de poesia e música na rádio web <http://www.radioputzgrila.com.br>. Blog: <http://www.ladodentro.blogspot.com/>.

DILAN CAMARGO - Nasceu em Itaqui, RS. Viveu sua infância e juventude em Uruguaiana. Atualmente vive entre Porto Alegre e Igrejinha. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFSM e Mestre em Ciência Política pela UFRGS. Foi professor de Direito Constitucio-

nal na UNISINOS. Foi funcionário da Assembleia Legislativa do RS. É um dos fundadores da Associação Gaúcha de Escritores. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura. Criou e coordenou a Oficina de Poesia do Instituto Fernando Pessoa. Teve encenada a sua peça de teatro “A casa da suplicação” com direção de Carlos Carvalho. Recebeu vários prêmios em festivais de música do RS e tem dezenas de músicas gravadas. Apresenta o programa de entrevistas Autores e Livros na TVAL pelo canal 16 da NET. Publicou, entre outros livros de poesia: Na Mesma Voz; Sopros nos Poros; A Fala de Adão; Poeplano. Participou dos três volumes de Em Mãos, do Grupo Veredas. Publicou para crianças: O embrulho do Getúlio; O vampiro Argemiro; Bamboletras; A galera tagarela; BrincRlar; Com afeto e alfabeto; É verdade!É mentira!; Diário sem data de uma gata; Álbum da Felicidade. Publicou também o livro de contos juvenis “O man e o brother”. Recebeu vários prêmios e troféus literários, como o Açorianos em 2009 e o Palavra Viva do Sintrajufe e a Comenda Lopo da Costa do Parthenon Literário. Tem sido patrono de feiras do livro em escolas e municípios. Organizou a Antologia do Sul - Poetas contemporâneos do Rio Grande do Sul (2001) e a Coletânea da Poesia Gaúcha (2005), ambas pela Assembleia Legislativa do RS.

Site: www.dilancamargo.com

dois SANTOS DOS SANTOS - Nasceu no município de Lajes, Santa Catarina, em 1947, migrando para o Rio Grande do Sul ainda na infância, vivendo até a primeira juventude entre Montenegro e Estrela. Residiu do início de 70 a meados dos anos 80 do século passado em Caxias do Sul, onde concluiu um curso de Direito (então chamado “Ciências Jurídicas e Sociais”), que permaneceu inaproveitado para o resto da vida. Publicou três livros: “Sobre Corpos e Ganas”, pela então editora Mercado Aberto, junto com o pintor Gelson Radaelli, em 1995; “A Cidade Noturna”, da coleção “Petit Poa”, edição do município de Porto Alegre, em 1997; e “Manual de Antiajuda”, pela então Livraria Nova Roma Editora, em 2008. Na condição de colaborador, publicou textos no jornal “Extraclasse”, “Vaia” e jornal “Continente”, e revista “Porto & Vírgula” (estes dois últimos há muito extintos).

EDUARDO DALL’ALBA - cursou a Graduação, o Mestrado em Literatura Comparada e o Doutorado em Literatura Brasileira no Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - com

Pós-Doutorado em Estudos no Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACC, realizado no Colégio de Altos Estudos Brasileiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É Coordenador dos Projetos Especiais da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul. Dentre os livros que publicou, destacam-se o Vinhedo das Vontades - Prêmio Açorianos de Poesia - 1998; Lunário Perpétuo - Prêmio Açorianos de Poesia - 2008; Os Bens Intangíveis - Prêmio Carlos Drummond de Andrade, concedido pela União Brasileira de Escritores - UBE. Recentemente publicou o livro de ensaios Simetria e Horizonte.

EDUARDO STERZI - Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1973, e desde 2001 vive em São Paulo. Publicou os livros de poesia "Prosa" (IEL/CORAG, 2001) e "Aleijão" (7Letras, 2009). Com o primeiro venceu o Prêmio Açorianos de Literatura na categoria Autor-Revelação em Poesia; com o segundo, que contou com patrocínio do Programa Petrobras Cultural, ganhou o segundo lugar no Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Fundação Biblioteca Nacional. Também é autor de volumes de estudos literários e de teatro. Desde 2012, é professor de Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

ÉLVIO VARGAS - É poeta Alegretense, com dois livros publicados: O Almanaque das Estações, editado pelo Instituto Estadual do Livro-RS, 1993; Água do Sonho, edição do autor, em 2006. Em 2 de abril de 2013, lançou seu trabalho mais recente: Estações de Vigília e Sonho - Poesia Reunida com Inéditos, em Porto Alegre. Têm participações em mais de quarenta e cinco obras, inclusive em antologias no exterior. Nestas, os poemas estão traduzidos para vários idiomas: espanhol, francês, alemão, inglês e italiano. Ocupa a cadeira número 6 na Academia Rio-Grandense de Letras. Sites: <http://assisbrasil.org/joao/elvio.htm> / www.arl.org.br

ESCOBAR NOGUEIRA - Nasceu em Fortaleza dos Valos, RS, em 1971, e reside em Santa Maria, RS. Professor de Literatura Brasileira e poeta, publicou Gotas de Amor (Edição do autor - 1989), O Casulo da Solidão (Edição do autor - 1990), O Meu Primeiro Milagre (Prêmio Instituto Internacional da Poesia - 1994), Arame Farpado (Edição do autor - 1999), Milongol (WS Editor - 2003 / Indicado ao Prêmio Açorianos de Literatura), Curta-Metragem (Íbis Libris - 2006) e Pejuçara (7 Letras - 2009 / Indicado ao Prêmio Açorianos de Literatura). O trabalho do autor pode ser visualizado em seu site: www.professorescobar.com.br.

EVERTON BEHENCK - Nasceu em 1979 em Porto Alegre. É poeta, redator, vocalista e compositor da Casamadre. Duvida da vida mas acredita cegamente na poesia e no que ela significa. Em 2010, publicou o livro *Os Dentes da Delicadeza* pela Não Editora. Mantém o blog www.apesardoceu.wordpress.com.

FABRÍCIO CARPINEJAR - Nasceu em 1972, em Caxias do Sul, RS, Fabrício Carpi Nejar, Carpinejar, poeta, cronista, jornalista e professor, completando vinte livros na literatura, oito de poesia, seis de crônicas e seis infantojuvenis. Um dos autores homenageados da 10ª ed. da Festa Literária Internacional de Paraty, lançou em julho “Ai meu Deus, Ai meu Jesus”, seleta de crônicas sobre amor e sexo. É apresentador da TV Gazeta e TVCOM, colunista do jornal Zero Hora e comentarista da Rádio Gaúcha. Colabora com as revistas Caras, Cultura, Cláudia, Contigo e VIP. Seus poemas são recitados pela cantora Ana Carolina nas turnês “Dois Quartos” e “Nove” e aparecem como questão de vestibulares do Brasil (UFRJ, UFRGS e Universidade Católica de Goiás). Sua coletânea “Canalha!” (Bertrand Brasil) venceu o 51º Prêmio Jabuti/2009 da Câmara Brasileira do Livro (categoria Contos e Crônicas). Publicou o primeiro livro no Brasil com frases do twitter, www.twitter.com/carpinejar/ (Bertrand Brasil, 2009). Em 2010, defendeu o ciúme com “Mulher Perdigueira” (Bertrand Brasil, 2010), sucesso de crítica e de público e Prêmio Açorianos/2010. Em 2011, sacudiu as convenções mostrando a tendência doméstica do homem contemporâneo no livro de crônicas “Borracheiro”. Foi escolhido pela revista Época como uma das 27 personalidades mais influentes na internet. Seu blog já recebeu mais de dois milhões de visitantes e o twitter ultrapassou 160 mil seguidores. Além disso, “Um terno de pássaros ao sul” (2000, 3ª ed., Bertrand Brasil) é referência no *The Book of the Year 2001* da Enciclopédia Britânica, o Programa Nacional Biblioteca Escola (PNBE) adotou o juvenil “Diário de um apaixonado: sintomas de um bem incurável” (Mercuryo Jovem, 2008), “Menino Grisalho” (Mercuryo Jovem, 2010) mereceu o selo “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional de Literatura Infanto-Juvenil (FNLIJ) e “Filhote de Cruz-credo” (Girafinha, 2ª ed., 2006) inspirou peça de teatro, adaptada por Bob Bahlis, e arrebatou o Prêmio de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte 2012. Recebeu vários outros prêmios: Erico Verissimo 2006, pelo conjunto da obra (Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre); Olavo Bilac 2003 (Academia Brasileira de Letras); Cecília Meireles 2002 (União Brasileira de Escritores); duas vezes o Açorianos de Literatura (2001

e 2002). Participou de coletâneas no México, Colômbia, Índia, Estados Unidos, Itália, Austrália e Espanha. Em Portugal, a Quasi editou sua antologia Caixa de sapatos (2005). Desde outubro de 2005, escreve o Consultório Poético, que antes estava no site da revista Superinteressante e resultou na coluna Quase Perfeito, da revista Donna, encartada no jornal Zero Hora. Foi patrono das feiras dos livros de São Leopoldo (2001 e 2010); Barra de Ribeiro (2002); Esteio e Taquara (2006); Cachoeirinha, São Sebastião do Caí, Lajeado e Niterói/Canoas (2007); Santa Clara do Sul, São Sepé e Garibaldi (2008); Viamão e Torres (2009); Gramado, Carlos Barbosa, Sertãozinho/SP e Três Cachoeiras (2010); Lagoa Vermelha, Venâncio Aires e Camaquã (2011); Arroio do Sal, Candelária, Tapejara, Pinhal, Cachoeira do Sul, Canoas e Arambaré (2012). Indicado a patrono (2004, 2005, 2006, 2007 e 2012) da Feira do Livro de Porto Alegre (RS). Livros de Carpinejar: Crônicas Lançamento: Ai meu deus, Ai meu Jesus (Bertrand Brasil, 2ª ed., 2012); Borracheiro (Bertrand Brasil, 2ª ed., 2011); Mulher Perdigueira (Bertrand Brasil, 5ª ed., 2010); Canalha! (Bertrand Brasil, 5ª ed., 2008); O Amor Esquece de Começar (Bertrand Brasil, 5ª ed., 2006). Aforismo: www.twitter.com/carpinejar (Bertrand Brasil, 2ª ed., 2009). Juvenil: Diário de um Apaixonado: sintomas de um bem incurável (Mercuryo Jovem, 2ª ed., 2008); Infantil: Votupira, o vento doido da esquina (SM Edições, 2011); A Menina Superdotada (Mercuryo Jovem, 2011); O Menino Grisalho (Mercuryo Jovem, 2010); Filhote De Cruz Credo (Girafa, 3ª ed., 2006); Porto Alegre e o dia em que a cidade fugiu de casa (Alaúde, 2004). Poesia: Meu filho, minha filha (Bertrand Brasil, 4ª ed., 2007); Como no Céu e Livro de Visitas (Bertrand Brasil, 2ª ed., 2005); Cinco Marias (Bertrand Brasil, 6ª ed., 2004); Caixa de Sapatos (Companhia das Letras, 2ª ed., 2003); Biografia de uma árvore (Escrituras, 2ª ed., 2002); Terceira Sede (Bertrand Brasil, 3ª ed., 2001/2009); Um Terno de Pássaros ao Sul (Bertrand Brasil, 3ª ed., 2008); As Solas do Sol (Bertrand Brasil, 3ª ed., 1998).

FLÁVIO LUIS FERRARINI – Nasceu em 5 de agosto de 1961 em Travessão Paredes, Nova Pádua, RS. Ainda no final da adolescência mudou-se para Flores da Cunha, RS, onde fixou residência. É publicitário e colunista dos jornais O Florense e Semanário de Bento Gonçalves. Seu nome foi dado à Biblioteca Pública Municipal de Nova Pádua e à Biblioteca da Escola Municipal Rio Branco de Flores da Cunha, além de ter sido escolhido Patrono da 30ª Feira do Livro de Flores da Cunha. Publicou seu primeiro livro individual em 1985, abrindo

uma série de mais de 20 obras, nos gêneros de contos, crônicas, poesia, poesia em prosa, novela e narrativa infantojuvenil. Saiba mais sobre o autor no site: <http://www.flavioluisferrarini.com.br/>

GLÁUCIA DE SOUZA - Nascida no Rio de Janeiro em fevereiro de 1966, vive em Porto Alegre desde 1994. Possui formação em Letras (Licenciatura e Bacharelado em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Especialização em Literatura Infantil (PUCRS), Especialização em Artes Visuais: Cultura e Criação (SENAC-RS), Mestrado em Educação (PUCRJ) e Doutorado em Letras (PUCRS). É professora do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 1994 e autora de: Saco de Mafagafos, - Editora Projeto - 1997; Astro Lábio - Editora Projeto - 1998; Caderno de bolso - Editora Kalligraphos - 2001; Tecelina - Editora Projeto - 2002; Num marte pequenininho - DCL - 2002; O menino de sons - Franco Editora - 2005; Bestiário – Editora Projeto - 2006; Adivinhe quem é - Franco Editora - 2006; Cantigas de ninar vento - Paulus - 2007; Josefino - Editorial Comunicarte - Córdoba - Argentina - 2007; Catirina e a piscina - Editora FTD - 2007; Papo de Papinho Innova-Petrobrás - 2008/ Rovellet 2011; Quem quer lamber panela? - Editora Positivo - 2009; Atchim? - Editora Positivo - 2009; ABC da bicharada - Editora Prumo - 2009; Do alto do meu chapéu - Editora Projeto - 2011. Tradutora de Zoo Louco, de María Elena Walsh. Um pomar de A a Z e Um jardim de A a Z - 2012, Editora Edelbra.
Blog: <http://ninhodemafagafosblog.blogspot.com>

GUTO LEITE - Poeta dos livros zero um (7 Letras, 2010), Poemas Lançados Fora (7 Letras, 2007), Sintaxe da Última Hora (Scorecchi, 2006) e Reflexos (FEME, 2000), além de premiado em concursos literários e presente em diversas coletâneas de poesia. Indicado, por seu livro mais recente, ao Prêmio Açorianos de Literatura (Categoria Poesia). Um dos vencedores do Edital de Publicação de Originais do Instituto Estadual do Livro em 2012. Co-roteirista dos filmes de curta-metragem Estado Senil (2009), Revés (2008) e Bons sonhos, Maria (2006). Argumentista da personagem Júlio César, publicado pela primeira vez na revista independente Eixada (2010) e republicado na coletânea O melhor da festa, volume 3 (Casa Verde, 2011). Linguista pela Unicamp, especialista, mestre e doutorando em Literatura Brasileira pela UFRGS. Sites: www.gutoleite.com.br e www.trombonearte.wordpress.com.

HUMBERTO GABBI ZANATTA - Nasceu em Taquaruçu do Sul, em 24 de julho de 1948. Mora em Santa Maria e São Sepé, desde os dois anos de idade onde fez, praticamente, toda sua formação escolar e universitária. Professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Escritor, individualmente e em parceria tem mais de 20 livros publicados, sendo dez de literatura infantil. Compositor-letrista nativista, é autor de uma centena de músicas, muitas premiadas e populares, destacando-se, “Tropa de Osso”, “Não Podemos S’Entregá Pros Home”, “América Latina”, “Cria Enjeitada”, “Minuano”, “Léguas de Solidão” e “Lições da Terra”. É sócio-fundador da Associação Gaúcha de Escritores, membro da Academia Santa-Mariense de Letras e integrante da Estância da Poesia Crioula.

ISAAC STAROSTA - Nasceu em Caxias do Sul, RS, em 28 de abril de 1933. Por diversas maneiras, sempre se dedicou a assuntos culturais. Iniciou publicando comentários sobre discos e livros, na imprensa de Porto Alegre, onde logo também publicou poemas. Teve seu primeiro livro de poemas editado em 1971: “Poemas ao Portador”, pela Ed. Movimento. Hoje são cinco livros de poemas publicados, além de várias participações em antologias. Seu romance “Porto dos Casados” (Ática, 1979) teve duas edições e recebeu o prêmio nacional de ficção do Instituto Estadual do Livro/RS (1977) Seu livro “Amor ao Porto”, (1996, Fumproarte), incluindo fotos de Márian Starosta, é uma homenagem e um agradecimento à cidade de Porto Alegre, com a qual se sente visceralmente ligado. No ano de 2001, foi incluído na “Antologia Do Sul”, organizada e publicada pela Assembleia Legislativa gaúcha, e formada pelos poetas representativos da literatura atual gaúcha. Em 2007, durante o I PortoPoesia, no Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, teve sua obra analisada por Alberto Crusius e Silvia Rocha. Em 2008, seus poemas foram lidos por Mário Pirata, durante o Porto Alegre Dá Poesia, promovido com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Publica novos poemas frequentemente na seção Almanaque de Zero Hora. Dicionarizado como escritor na Enciclopédia de Literatura Brasileira, edição de 2001, Global/Academia Brasileira de Letras.

ISRAEL MENDES - É gaúcho, formado em Publicidade e Propaganda pela PUC-RS em 2001. Estreia na literatura em 2010 como escritor e poeta, com a publicação do seu primeiro livro, Menino Perplexo. Interessa-se por comunicação, semiótica, linguística, filosofia, poesia, design, moda, games, puzzles, brinquedos, física, matemática e astronomia.

IVANISE THEREZA MANTOVANI - Natural de Caxias do Sul, RS. Reside em Porto Alegre. Graduada em Administração de Empresas. Poeta. Escritora. Publicou: - O vôo da Borboleta. PoA: Uniprom/2000. - Antologias: Brasil: Receitas de criar e cozinhar. PoA: Bertrand do Brasil, vol. 1, 1998. Org. Patrícia Bins. - Dança 50 Poemas. PoA.: Ediname, 1999. Org. Berenice Sica Lamas. - Antologia do Sul - Poetas Contemporâneos do RS. PoA: Assembleia Legislativa do Estado/Metrópole, 2001. Org. Dilan Camargo. - Presença Literária. PoA: Academia Literária Feminina/Evangraf, 2000 a 2004. - Paz, Um Vôo Possível, 2004. Org. Izabel Bellini Zielinsky. Ed. AGE - Criar e Viver - Poemas/2004. Editora Evangraf. - Poemas no ônibus. PoA: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 1994/95, 2000/01, 2003/04. - Prêmios no país e no exterior, destacando-se: Talentos da Maturidade, Banco Real, em 1999 e 2000. Tem trabalhos publicados em Portugal, França e Itália. Pertence à Academia Literária Feminina - Porto Alegre, RS, Cadeira número 18.

JAIME MEDEIROS JÚNIOR - Nascido em 1964. Poeta e escritor porto-alegrense. Médico pediatra. Autor dos livros Na ante-sala (poemas, 2008, editoras Território das Artes e Portopoesia); Retrato de um tempo à meia-luz (crônicas, 2012, editora Modelo de Nuvem). Escreve regularmente para o seu blog Simples Hermenáutica e para o da Palavraria.

JAIME VAZ BRASIL - Nasceu em Bagé, RS, e publicou seis livros de poesia: Punhais do Minuano (1991) 2ª Edição, Caderno dos Espelhos (1993) 2ª Edição, Os Olhos de Borges (1997) 3ª Edição, Livro dos Amores (1999) 1ª Edição, Inventário de Cronos (2002) 1ª Edição e Pandorga da Lua (2007) 3ª Edição. Dentre as premiações recebidas, destacam-se: Prêmio Açorianos, Prêmio Paulo Sérgio Gusmão e Prêmio Felipe d'Oliveira. Possui poemas em Cds, dentre os quais: "Os Olhos de Borges", com os poemas do livro musicados e interpretados por diversos artistas gaúchos, dentre eles os músicos Vitor Ramil, Kleiton e Kledir, Hermes Aquino e Mário Barbará; "Pandorga da Lua", encartado no livro homônimo, poemas musicados por Ricardo Freire. Recebeu vários prêmios de melhor letrista em festivais de música, como a Califórnia e a Moenda da Canção. É Psiquiatra e diretor do Instituto Fernando Pessoa.

JAYME PAVIANI - É professor de filosofia na Universidade de Caxias do Sul. Além de duas dezenas de obras científicas, publicou os seguintes livros de poemas: Matrícula (1967); Onze horas úmidas (1974); Águas de colônia (1979); O exílio dos dias (1982); Agora e na hora das origens (1987); Antes da palavra (1998); Agenda de sentidos (2002); Redemoinho (2011). Publicou, igualmente, os livros de crônica: O pomar e o pátio e Sobre todas as coisas.

JOAQUIM MONCKS - Oficial de Polícia Militar, na reserva; advogado, ativista cultural e escritor. Nasceu em Pelotas, em 29 de setembro de 1946. Deputado estadual constituinte, 1987/1990. Nove livros publicados, ressaltando Bula de Remédio, poesia, 2005, e Confessionário - Diálogos entre Prosa e Poesia, 2008. Para 2013, está o seu primeiro para-didático: A Poesia sem Segredos. Coordena as ações poético-culturais da Casa do Poeta Brasileiro - POEBRAS Nacional, que está articulada em 77 sedes municipais em 20 Estados da Federação. Oficineiro de Poesia em vários grupos presenciais e internéticos, com atuação no Brasil e na América Latina. Divide-se entre Porto Alegre/RS e Passo de Torres/SC. Endereços eletrônicos: joaquimoncks@gmail.com; <http://www.recantodasletras.com.br/autores/moncks>.

JORGE ADELAR FINATTO - Nasceu em Caxias do Sul, em 1º de novembro de 1956. Publicou os seguintes livros de poemas: Viveiro, Edições Sanguinovo, São Paulo, 1981; Claridade, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1983; O Fazedor de Auroras, Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 1990; O Habitante da Bruma, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre, 1998; Memorial da Vida Breve, Editora Nova Prova, Porto Alegre, 2007. Autor do blog: ofazedordeauroras.blogspot.com.

JOSÉ ANTÔNIO SILVA - Natural de Porto Alegre, RS, é jornalista e escritor. Publicou O nome do Fuinha (contos, AGE Editora, 2003); Diabo Velho (novela, Ed. Mercado Aberto, 1998); Lá vem o que passou (poesia, Coleção Petit Poa, SMC/POA, 1995); A impressão da cultura (ensaios, Ed. Sulina, 1990); Tiques & Taques (poesia, Ed. Klaxon/SP, 1984). Tem participação ainda em várias coletâneas e antologias de contistas e poetas. Fez parte do grupo Vício e Verso, com os poetas Celso Gutfreind e Jose Weis.

JOSÉ CARLOS CARDOSO GOULARTE - Natural de Viamão, RS, professor, jornalista, poeta, Prêmio ARI/92 com o Especial Açores, realizado numa parceria TVE/RS e RTP (Rádio e Televisão Portuguesa). Livros coletivos publicados: Há Margem (1975) e Antologia do Sul (2001). Livros individuais publicados: Incunábulo (1977) e Filhas do Povo (1990).

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA - Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1951. É médico oftalmologista. Como escritor, tem publicados 19 livros de contos, poesia, novela, e infantojuvenil; entre eles Lavra permanente, poesia, 1975; Cidade submersa, poesia, 1979; A urna guarani, poesia, 2004; Corpo do Brasil, poesia, 2011; A flor fugaz, poesia, 2011; O atleta recordista, contos, 1996; A orelha do bugre, contos, 1998; A terra sem males, contos; Os leões selvagens de Tanganica, contos; O reino de macambira, novela, 2005; A fabulosa viagem do mel de lechiguana, novela, 2008; O samba da girafa, infantojuvenil, 1985; A caturrita cocota, infantojuvenil, 1991; Gato e sapato, infantojuvenil, 1997. Como tradutor do espanhol e do italiano, publicou 14 livros, entre eles, 07 de Pablo Neruda. Principais prêmios recebidos: Prêmio do Biênio da Colonização e Imigração com Lavra Permanente, 1974; Prêmio de Conto da Revista Status, 1978; Prêmio de teatro do SNT com a peça A Casa dos Impossíveis, 1975; Melhor Trabalho de Oftalmologia do Simpósio de Oftalmologia da SORIGS; Finalista do prêmio Nestlé de Literatura, de 1996, com O Atleta Recordista; Finalista do Prêmio Açorianos com Os Leões Selvagens de Tanganica, 2003. Prêmio O Sul de melhor tradução - 2006 com livros de Pablo Neruda; Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores - com a Novela O Reino de Macambira - 2006. Prêmio da Academia Internacional Mahi Eminescu da Romênia para a Obra em prosa - 2012.

JOSÉ HILDEBRANDO DACANAL - Nasceu em Catuípe, RS, em 1943. Formado em Letras Clássicas e Vernáculas e Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é jornalista, professor e ensaísta há 40 anos. Publicou mais de vinte obras sobre linguagem, literatura, história, política e economia. Entre elas destacam-se seis títulos clássicos em suas áreas: Nova narrativa épica no Brasil (1973) e O romance de 30 (1982), obras de crítica literária; A nova classe - o governo do PT no Rio Grande do Sul (1999) e Marx enganou Jesus... e Lula enganou os dois (2006), ensaios de sociologia e história sobre o Brasil recente; Eu encontrei Jesus - viagem às origens do Ocidente (2004), ensaio histórico sobre Jesus de Nazaré e o Cristianismo primitivo, Manual de pontuação - teoria e prática (2007) e Riobaldo e eu - a roça imigrante e o sertão mineiro (2009).

JOSÉ WEIS - Nasceu em Porto Alegre, RS, é jornalista diplomado. Participou nos anos de 1990 do grupo Vício & Verso, ao lado de Celso Gutfreund e José Antônio Silva. Autor de Lenhador de Samambaias (IEL, Coleção Originais, Porto Alegre, 2012).

LAÍS CHAFFE - (Porto Alegre, RS) é jornalista e escritora. Idealizou e está à frente do projeto Cidade Poema (www.cidadepoema.com), que vem levando poesia às ruas e a espaços públicos de Porto Alegre desde 2009. Escreveu *Medusa* (poemas infantis, Casa Verde, 2011), *Instante estante - Laís Chaffe* (poemas, Castelinho Edições, 2011), *Minicontos e muito menos* (Casa Verde, Série Lilliput, 2009) e *Não é difícil compreender os ETs* (AGE, 2002, 112p). Também é diretora, roteirista e produtora executiva do documentário *Canto de Cicatriz* (38min, 2005) e da série de minimetragens com poetas para o projeto Cidade Poema; roteirista e diretora do curta-metragem *Identidade* (15min, 2002); e roteirista e produtora executiva do curta *Colapso* (15min, 2004). Idealizou e está à frente do selo editorial Casa Verde, lançado em março de 2005 com a antologia de contos *Fatais*. Em maio de 2012, assumiu a direção do Instituto Estadual do Livro do RS (IEL), onde vinha exercendo a função de editora do blog e das redes sociais desde 2011.

LAU SIQUEIRA - Nasceu em Jaguarão, RS, e reside atualmente em João Pessoa, PB. Publicou cinco livros de poemas e atualmente é colunista do *Jornal da Paraíba* e do portal *Paraíba Já*. Seu último livro, *Poesia Sem Pele*, publicado pela Editora Casa Verde, foi finalista do prêmio Livro do Ano, categoria poesia, da Associação Gaúcha de Escritores. Possui poemas publicados na antologia *Moradas de Orfeu*, reunindo poetas do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e na antologia *Na Virada do Século - poesia de invenção no Brasil*, publicada pela Editora Landy, SP.

LIANA TIMM - Artista multimídia, designer, poeta, arquiteta e mestre pela UFRGS. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS (1976/96). 66 exposições individuais, entre elas MARGS, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Centro Cultural Correios/RJ, Fundação Cultural do Distrito Federal, Memorial da América Latina/SP, Museu Brasileiro da Escultura/SP, Espaço Cultural Citi/SP. 112 coletivas. 15 prêmios recebidos. 36 livros publicados de arte e poesia,

sendo 10 individuais, entre eles, Estados Empíricos, Misturas Principais, Água Passante, Os Potes da Sede, Outro(s) de Mim. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Contatos: www.timm.art.br liana@timm.art.br

LORENA MARTINS - (Dom Pedrito, RS, 1982) é graduada em Letras pela UFRGS e pós-graduada em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona (ESP). Em 2001, lançou seu primeiro livro de poemas, Água para viagem (Ed.7Letras). Cresceu em Porto Alegre e morou em Paris, Londres, Brasília, São Paulo e Nova York. Atualmente, vive em Teerã, no Irã.

LUCAS REIS GONÇALVES - É poeta e articulador cultural. Novamburguense frequentador da capital gaúcha, formou-se em eletrônica e com ela trabalhou por mais de um ano - até descobrir, por inteiro, a literatura. Depois de três anos esboçando versos, publicou seu primeiro livro, Se soubesse o que dizer, diria em prosa (Paco Editorial, 2011), e, através dele, criou, juntamente com o músico Dado Vargas, um novo projeto de declamação poética: Eletropoeteria. Lucas atualmente estuda Letras na UFRGS e escreve para sites de literatura (públicos e independentes).

LÚCIA BINS ELY - Poeta e psicanalista da Après Coup - Sociedade Psicanalítica - Porto Alegre. Docente do Seminário Sigmund Freud, dos Cursos Breves: Conflitos Cotidianos e Introdução na Psicanálise na mesma Instituição. Coordenadora de Oficinas de Escrita. Participante na condição de expositora de vários Congressos Internacionais. Integrante do Grupo de Poesia coordenado por Marcela Villavella. Painelista convidada da Semana de Biblioteconomia 2012 da UFRGS, tema: "Os livros da mesa de cabeceira". Poesia - publicou em colaboração: Arado de Palavras (2008, bilingue), Água Viva (Revista de Poesia de 2002 a 2005) e na Coletânea da Casa do Poeta Rio-Grandense (2011 e 2012). Publicou seu livro de poemas individual: Sombra e Luz (2011). Traduziu: Freud e Lacan: Falados - 1.

LUIZ CORONEL - Como constante, poeta, como variável, múltiplos ofícios. Coroinha, professor, magistrado, publicitário, comunicador, mas antes sempre envolto com a arte, de uma forma geral, e com a literatura, especificamente. Dribla a si mesmo a cada novo livro optando por novos caminhos. São 53 livros editados, envolvendo literatura in-

fantil, letras de músicas e causos regionais, livros de poemas, sobre a história gaúcha e por aí se vai. Na condição de publicitário tem uma trajetória marcada pela inserção poética nas mensagens institucionais Zaffari. Bajeense, tem presença programada na imprensa da capital. Patrono da 58ª Feira do Livro de Porto Alegre, perfila-se como um homem de pensamento e ação.

LUIZ DE MIRANDA - Nasceu em seis de abril, em Uruguiana, Sul do Brasil, fronteira com a Argentina. Tem 33 livros publicados e a obra poética mais extensa do mundo, com 3.432 páginas; em segundo está Pablo Neruda, 2.080. É considerado um dos maiores poetas do mundo por José Augusto Seabra, Paris, 2003, a maior autoridade no mundo em Fernando Pessoa. Também, Gerardo Mello Mourão, no Rio, 2005, afirmou o mesmo. Tem 11 Prêmios no exterior: 4 (USA), 2 (França), 2 (Paraguai), 2 (Panamá) e 1 (Itália). Saiu na França em 2011 “Trilogie du Blue”, seu livro em francês com 292 páginas, que recebeu o prêmio da Academia de Letras, Ciências e Artes Francesa. Em 2011, participou do Salão do Livro de Paris, onde recebeu o Prêmio “Medalha de Ouro do Senado Francês”, por serviços prestados à humanidade. Ressalta-se o “Prêmio 2009 do Instituto Literário e Cultural Hispânico”, com sede na Califórnia (USA), já ganhou por personalidades mundiais como Augusto Roa Bastos e Mário Benedetti. O Instituto tem na sua fundação Jorge Luís Borges. Entre nós, releva-se o “Prêmio Nacional de Poesia 2001 da Academia Brasileira de Letras”. Em 2010, saiu o livro sobre a sua obra e a sua vida “Luiz de Miranda, o Senhor da Palavra” de Eduardo Jablonski. A ediPUCRS criou a coleção Luiz de Miranda, para publicar 6 originais seus, dos quais já saíram 3 volumes: “Vozes do Sul do Mundo” (abril de 2011) - “Rio de Janeiro, Conto de Luz Mar a Dentro” (setembro de 2011) - “Salve Portugal” (abril de 2012). Em 2012, comemorou seus “45 Anos de Poesia”, com evento em vários lugares do Brasil, Argentina, Espanha e Estados Unidos. Também lançou seus livros “Salve Portugal” e “Amores Amargos” (EdiPUC). Em 2013, publicou “Salve Argentina” em espanhol (EdiPUC). Tem para sair “Temas e Poemas de Luiz de Miranda” em inglês, tradução e apresentação de Eduardo Jablonski. Tem para publicar “Antologia Poética” na Espanha, traduzida e apresentada pelo filósofo e crítico Perfecto Cuadrado, que assim falou: “Miranda é o grande poeta épico que transforma o eu pessoal em coletivo, a voz individual na voz de um povo. Dá prosseguimento ao que fez Rubén Darío, seguido por Gabriela Mistral e Pablo Neruda. É uma voz única na América Latina”, Madrid, 2005. Luiz de Miranda é indicado ao Prêmio Nobel de Literatura 2013.

LYA LUFT - Escritora romancista, poeta, ensaísta e tradutora. Nasceu em Santa Cruz do Sul, RS, em 1938. Autora da Record, também tem livros infantis de uma série da Bruxa Boa. Seu livro “Perdas e Ganhos”, sobre a passagem do tempo e o drama existencial humano, vendeu mais de um milhão de exemplares, e seus romances, num total de treze, são também traduzidos em vários países, da Europa ao Vietname. Ex-professora de linguística, hoje Lya se dedica apenas a sua literatura. Ainda em outubro deve sair pela Record, do Rio, o novo romance “O Tigre na Sombra”.

MARCO CELSO HUFFELL VIOLA - Jornalista e escritor Marco Celso Huffell Viola tem sete livros publicados e foi criador e organizador do festival de literatura Porto Poesia, que ocorreu em Porto Alegre durante cinco anos, tornando-se um dos maiores festivais de poesia do país. Marco Celso H. Viola tem em seu currículo também a edição de diversos livros, entre eles “Vida Doida”, de Adelia Prado, e o Livro de Tomé de Arnaldo Antunes.

MARCO DE MENEZES - (1968) Natural de Uruguaiana, RS, é poeta e editor, autor de quatro livros de poesia, entre os quais “Fim das coisas velhas” (vencedor do Prêmio Açorianos - Livro do ano e poesia, 2010) e “Ode Paranoide” (finalista do Prêmio Açorianos 2011).

MARIA CARPI - Poeta gaúcha nascida em Guaporé, professora-advogada, Defensora Pública, é autora de Nos Gerais da Dor, Vidência e Acaso, Desiderium Desideravi e Os Cantares da Semente (Ed. Movimento/RS); O Caderno das Águas (WS Editor/RS); A Migalha e a Fome (Ed. Vozes/RJ); A Força de Não Ter Força (Ed. Escrituras/SP); As Sombras da Vinha e O Herói Desvalido (Ed. Bertand do Brasil/RJ); Abraão e a Encarnação do Verbo, A Chama Azul e O Senhor das Matemáticas (Ed. AGE/RS). Entre os diversos prêmios, obteve o Prêmio Revelação Poesia/90 da Associação Paulista dos Críticos de Arte, por seu livro de estreia, Nos Gerais da Dor. Tem participado de Antologias e revistas especializadas. Foi Conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, representando a Defensoria Pública e, depois, a OAB/RS. É Membro do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul e representou, por dois anos, a Associação dos Escritores Gaúchos no Conselho Estadual de Cultura.

MARIA DO CARMO CAMPOS - (Porto Alegre, 1946). Professora de Literatura, ensaísta e poeta. Doutora em Letras pela Universidade de

São Paulo. Foi Professora Titular de Literatura Brasileira na UFRGS e professora convidada em diferentes universidades brasileiras e estrangeiras. Dedicou-se ao estudo da poesia, com ênfase na obra de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Tem coordenado oficinas literárias sobre poesia e processos de leitura criativa. Publicou inúmeros ensaios no Brasil e no exterior. É autora dos livros *A matéria prismada: O Brasil de longe e de perto & outros ensaios* (EDUSP/ Mercado Aberto; matinas & bagatelas: poemas. Ateliê Editorial, 2002; *O olhar do caminho: Santiago de Compostela* (poemas sobre fotos). Porto Alegre, 2002; *Protasio Alves e o seu tempo*. Porto Alegre: Já Editores, 2006. Como organizadora, publicou os seguintes livros: *João Cabral em perspectiva*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994; *Caderno de Sábado. Guilhermino César: páginas escolhidas*. Caxias do Sul: Editora da UCS, 2008; e *Guilhermino César, memória e horizonte*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. Em 2002, recebeu o Troféu Carlos Drummond de Andrade - edição especial do centenário, Itabira, Minas Gerais.

MARIA EUNICE (MARÔ) GARRIDO BARBIERI - Professora de Português e Francês no 1º e 2º Graus durante 30 anos, formada em Letras (Português e Francês) pela PUC, escritora e contadora de histórias, tem 25 livros de literatura infantil publicados e integra várias antologias de minicontos e de poemas para adultos. Ministra cursos e oficinas para formação de mediadores de leitura, em escolas e municípios. Como escritora convidada, tem participado de eventos no Brasil, na Espanha, na França, na Bélgica, no Chile e no Uruguai. Foi patrona de Feiras de Livro de 15 municípios do RS e de três bibliotecas infantis, que tem o seu nome. Site: www.marobarbieri.com

MARILICE COSTI - Nasceu em Passo Fundo, RS, mas vive em Porto Alegre, cidade que ama, há quase 40 anos. Escreve e pinta desde menina. É Arquiteta e Urbanista, Especialista em Arteterapia, Mestre em Arquitetura, artista plástica, editora, escritora, poetisa, oficinaira, pesquisadora, docente, consultora. É criadora, editora-chefe e capista da revista "O Cuidador" (ISBN 2175-1420) desde 2008. É responsável pelo acompanhamento dos depoimentos na revista www.ocuidador.com.br, da qual é também Coordenadora Editorial. Ministra e administra cursos e palestras, workshops in company. É Membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS)

e da Associação de Arteterapia do RS (AATERGS). Organiza e edita livros, cria capas, faz projetos gráficos e edição. É produtora cultural. Publicações impressas: Gatilho nas palavras (2012); Tempos Frágeis (2009); Ressurgimento - Prêmio Açorianos (Poesia 2006); Como controlar os lobos? proteção para nossos filhos com problemas mentais (2002); A influência da luz e da cor em corredores e salas de espera hospitalares (2000); Clichês domésticos (1995), Mulher ponto inicial (1984), além de artigos em revistas científicas e outras antologias. Tem diversos textos publicados em muitos sites (www.sanaarte.com.br) e blogs (marilicecosti.blogspot.com).

MARIO PIRATA - Poeta e brincadeiro, marmanjo fantasioso, encantador de histórias, falador de poemas, fazedor de miudezas, descascador de sonhos. cursou Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Participou de cursos na área de dança, teatro, música. Frequentou cursos de psicomotricidade e recreação terapêutica. Dedicou-se à educação, brincando com crianças, conversando com adolescentes e adultos, apresentando-se em teatros, feiras, congressos, praças, instituições, espaços culturais. Tem diversos livros publicados e participações em antologias. Contato: www.mariopirata.blogspot.com

MARLON DE ALMEIDA - (Porto Alegre, 1966) é Professor do Colégio de Aplicação da UFRGS, Universidade onde pesquisou literatura de cordel, para o mestrado, e a poesia de Guilhermino Cesar para o doutorado. Como poeta, publicou seus cinco primeiros livros pela Editora AGE: Histórias de um domingo qualquer (1994), Domingo desde a esquina (1997), Domingo de futebol e outros poemas (1997), Domingo de chuva (2000) e Malabares ou clube dos incomparáveis (AGE/FUMPROARTE, 2003). Seus últimos livros são Prosa do Mar (7Letras/FUMPROARTE, 2008) e O pistoleiro e o guarda-meta de Bagé (2Curtiram, 2012). Também publicou poema em revistas, antologias e em três edições do concurso Poemas nos ônibus da CLL da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Foi vencedor, em poesia, do prêmio da Associação Gaúcha de Escritores em 2009, por Prosa do Mar, e finalista do Prêmio Açorianos de Literatura em três edições. Atualmente, colabora com a AGES (Associação Gaúcha de Escritores) na condição de vice-presidente social.

MARTHA MEDEIROS - Nasceu em Porto Alegre e tem 22 livros publicados, entre poemas, crônicas e ficção. Seus trabalhos mais conhecidos são o livro *Divã* (lançado também em Portugal, Espanha, França e Itália, e com adaptações para teatro, cinema e tevê) e as coletâneas *Doidas e Santas* e *Feliz por Nada*. Seu mais recente lançamento é *Um lugar na janela*, que reúne relatos de viagens. A autora é colunista dos jornais *Zero Hora* e *O Globo*, e é colaboradora eventual das revistas *Lola* e *Claudia*, da editora Abril.

NEI DUCLÓS - Nascido em Uruguaiana, RS, em 1948, tem nove livros impressos e quatro ebooks publicados de poesia, romance, contos e crônicas. Jornalista desde 1970. Formado em História pela USP. Começou expondo poemas nas praças em 1969, trabalhou em alguns dos principais veículos jornalísticos do país e lançou em 2012 seu quinto livro de poesias, *Partimos de Manhã*, edição IEL/RS, de onde foram extraídos os poemas para esta antologia.

NILVA FERRARO - Nasceu em Erechim, RS, e vive em Porto Alegre, RS. Formada em Direito, com especialização em Direito do Trabalho. Fez carreira como funcionária concursada no TRT da 4ª Região, por onde se aposentou, passando a dedicar-se às Artes Plásticas e à Literatura. Premiada em ambas as modalidades, inclusive na Itália. Em 2010, a Biblioteca Pública do RS traduziu para o Braille, seis de seus livros de poesia. Em 2011, tomou posse na Cadeira 26 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves.

ORACY DORNELLES - Nasceu em Santiago, RS, a 26 de junho de 1930, onde reside. Aposentado pela Prefeitura Municipal como curador do Museu e Arquivista. Pintor cartazista, caricaturista, escultor e poeta. Autor do *Circo de Pulgas Amestradas* (veja youtube). Bibliografia: *Agonia das Trevas*, 1954; *Belkiss*, 1956; *Ninguém e Mais Eu*, 1959; *Poemas Opus 4*, 1981; *Poesia a Dois* 1984, Martins Livreiro Ed.; *Cantares Ares* Ed. IEL, 1992; *Antologia a*, 2000; *Cânticos do Hoje*, 2006; *Páginas Impossíveis*, 2008; *320 Caricaturas Menos Uma*, 2009; *Poesias Novíssimas e Antiquas*, 2009; *Epitáfios e Últimos Poemas*, 2010; *Poesia y Chronica*, 2011.

ORLANDO FONSECA - Nascido em Santa Maria, RS, em 7 de outubro de 1955. Professor associado da UFSM, Doutor em Teoria da Literatura

e Mestre em Literatura Brasileira. Exerceu os cargos de Secretário de Município da Cultura (2001-2003) e de Comunicação (2004) na Prefeitura de Santa Maria. Atualmente, é Pró-Reitor de Graduação na UFSM. Cronista do Jornal Diário de Santa Maria. Tem vários prêmios literários, destaque para o Prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores, pela novela Da noite para o dia, em 2002, publicada pela WS Editor; também finalista no Prêmio Açorianos, da Prefeitura de Porto Alegre, pelo mesmo livro, em 2002. Autor de várias obras em gêneros diversos, destaque para Poço de Luz, novela premiada pelo Instituto Estadual do Livro, em 1989; O fenômeno da produção poética, ensaio publicado pela Editora da UFSM, em 2001; e o musical infantil Estrelinha de Natal, parceria com Marcelo Schmidt, publicado pela Movimento, em 2008.

OZY PINHEIRO SOUTO - Nascida em 1928, no interior do Cruz Alta, RS, veio para Porto Alegre em 1948. Aqui, bacharelou-se em Artes Plásticas e Jornalismo, pela UFRGS. É sócia-fundadora da Associação Gaúcha de Escritores. Obras publicadas: Antologia Prêmio Apesul Revelação Literária, poesia. Porto Alegre, 1978. Companhia Jornalística Caldas Jr. & Habitasul. Esse Instante do Eterno, livro de poesia. Porto Alegre, 1980. Edição de Autor. Os Weintraut Winckler & Brett - História e Genealogia. Porto Alegre, 2000. Editora Alcance. Autonomia ou Submissão?, Porto Alegre, 1983. Organizador Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro. Editora Mercado Aberto. Contos de Oficina 9, contos. Porto Alegre, 1992. Organização de Luiz Antonio de Assis Brasil. Editora da Pontifícia Universidade Católica do RS. Antologia do Sul - Poetas Contemporâneos do RS, Porto Alegre, 2001 - Organizador Dilan Camargo - Assembleia Legislativa do Estado do RS / Metrôpole Indústria Gráfica. As Primeiras Famílias Alemãs na Vila do Divino Espírito Santo de Cruz Alta - Dezembro de 2001- Revista História - UNICRUZ - n.º 2, p. 50-54 - Universidade de Cruz Alta.

PAULA TAITELBAUM - Nasceu na primavera de 1969 em Porto Alegre. É autora dos livros Eu versos eu (Fumproarte, 1998), Sem vergonha (L&PM, 1999), Mundo da lua (L&PM, 2002), Porno Pop Pocket (2006) e Ménage à Trois (2008). Já participou de diversas coletâneas de crônicas e contos e como jornalista é colaboradora de revistas e jornais do Brasil.

PAULO BECKER - Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é mestre e doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Leciona na graduação e no mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo. Participa das comissões organizadora e executiva das Jornadas Nacionais de Literatura e da coordenação da Jornadinha Nacional de Literatura. É roteirista e consultor de textos do programa televisivo infantil Mundo da Leitura, que integra, desde 2005, a grade nacional do Canal Futura e é retransmitido para 105 países pela Globo Internacional.

PAULO BENTANCUR - Nasceu em Santana do Livramento, RS, em 1957. Mora há 45 anos em Porto Alegre. É crítico e escritor, praticando diversos gêneros, do infantojuvenil à poesia. Colabora com a imprensa cultural, com artigos e resenhas. Ganhou cinco prêmios Açorianos de Literatura. Entre outros, autor de Instruções Para Iludir Relógios (cronopoemas, 1994), Bodas de Osso (poemas, 2005) e A Solidão Diabo (contos, 2006), para adultos; para o público jovem, a coleção Brincando de Pensar (2001), O Olhar das Palavras e As Rimas da Rita (ambos de 2005). Seus livros mais recentes: O morto que não encontrava o céu (WS Editor), Três pais (Saraiva) e Tem vampiro no hospital (Positivo), todos infantojuvenis.

PAULO ROBERTO DO CARMO - Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1941. É professor, educador e tradutor. Tem participado de diversas antologias coletivas. Recebeu o Prêmio Nacional de Poesia Alphonsus de Guimaraens da Fundação da Biblioteca Nacional e foi duas vezes finalista do Prêmio Açorianos de Porto Alegre. Tem no seu currículo literário um dos livros seminais da épica dos anos 60, CRISBAL, o guerreiro, IEL/SEC, 1966, capa e ilustrações de Stockinger. É autor de vários livros: Estação de Força, IEL/ Movimento, Porto Alegre, 1987; Breviário da Insolência, Massao Ohno/SP, 1990; Livro de Preceitos, Nejarim/ES, 1993; Livro das Manhãs, Parlenda/RS, 1997; A arte de revidar, PMPA, 2000; À sombra de outra sombra, Território das Artes, 2010; Os códigos da alegria, TDA, 2011, Porto Alegre/RS; Arte de outrar-se, TDA, 2011, Porto Alegre/RS; Dos dias comuns, TDA, 2011, Porto Alegre/RS. Na área da educação: A revolução das aprendizagens, com Vilmar Figueiredo de Souza, Unisinos, São Leopoldo, 2000; e outros.

PAULO SEBEN - Porto-alegrense de 1960, é autor de Tango da Independência, Caderno Globo 33, Poemas Podres (todos de poesia), Mr. Hyde e o Homem-Tronco (romance) e do Dicionário Gremista. Adaptou diversos clássicos da literatura para o leitor comum e para neoleitores. Em 1998, ganhou o Prêmio Gaúcho de Literatura, na categoria Poesia. Atualmente, é professor adjunto de Literatura Brasileira da UFRGS.

PEDRO MARODIN - Nasceu em Porto Alegre, RS, em 17 de novembro de 1963. Como escritor independente, vendeu mais de oitenta mil livros nos vinte e três anos que passou viajando pelo Brasil, de cidade em cidade, apresentando espetáculos poéticos-teatrais em escolas, feiras de livros, congressos e eventos literários. Publicou os seguintes livros: Ermitagem (poesia, C1988), Sexo das Flores (poesia, C1990), O Grande Minerador (novela, C1994), Buquê de Flores (poesia e fotografia, C1999), Diário de um Poeta Pé na Estrada (biografia, C2004), Sem Meias Palavras (crônicas, C2007), Triskel (prosa infanto-juvenil, C2009), Toninho Pescador (fábula, C2009), Vinte e Um (coletânea, C2009), O Coração Humano - Uma Leitura Clínica Poética (crônicas, C2010). Site: www.pedromarodin.com.br.

PEDRO STIEHL - Nasceu em Montenegro, RS, em 1958. Já foi pedreiro, auxiliar de escritório, professor de Matemática e Física e hoje é bancário da CEF. Publicou Vida fora da gangue (novela infanto-juvenil, WS); Breviário Profano (poemas, IEL); Bárbaros no Paraíso (romance, WS); Rapsódia em Berlim (contos, AGE) e O livro das fraquezas humanas (poemas, Casa Verde).

RAUL MACHADO - Nasceu em 21/03/1934, em Caçapava do Sul, RS. Em Porto Alegre, já universitário, começou a participar de grupos de teatro. Desde então, atuou em mais de 20 espetáculos, recebendo, em 1977, o Prêmio Açorianos de Melhor Ator, por seu desempenho em "Jogos na Hora da Sesta". Sua ocupação principal foi o magistério: professor de Línguas (Português, Francês e Inglês) e Literatura. Aposentando-se em 1992, passou a publicar sua produção poética, sempre como edição do autor, cujos títulos são: Graffiti e Epigramas, Carteira de Identidade, As Cinco Estações, Zen-Reversos e Porto do Corpo. Publicou três livros de ensaios culturais: "De Poesia & outras Prosas", "Por Caminhos da Cultura Brasileira" e "Culturas na Atualidade - Pré-modernas, Modernas e Pós-modernas".

RICARDO PRIMO PORTUGAL - Escritor e diplomata, formado em Letras pela UFRGS, vive na China. Publicou: Dois Outonos (Castelinho, coleção Estante-Instante, 2012), Zero a sem (7Letras, 2011), DePassagens (Ameop, 2004), A Cidade Iluminada (Paulinas, 1998), Arte do Risco (SMCPA, 1992), Antena Tensa (Coolírica, 1988). Foi co-organizador da edição chinês-português Antologia Poética de Mário Quintana (EDIPUCRS-Consulado-Geral do Brasil em Xangai, 2007). Organizador e co-tradutor, do chinês, de Poesia completa de Yu Xuanji (UNESP, 2011), finalista do Prêmio Jabuti. Tem publicado poemas e artigos em periódicos e revistas, e participado em antologias.

RICARDO SILVESTRIN - Nasceu em Porto Alegre, em 1963. É formado em Letras pela UFRGS. Já lançou quinze livros. Destacam-se, entre outros, Palavra mágica e O menos vendido, poesia, Play, contos, e O videogame do rei, romance. Recebeu por cinco vezes o prêmio Açorianos de Literatura. É músico da banda os poETs.

ROBERTO MEDINA - Perdeu o umbigo três vezes: em Alegrete, Cacequi e Santa Maria. É escritor, consultor de textos, professor e tradutor de inglês e francês. Tem publicações nas antologias “102 que contam” e “brevísimos!”. É autor com prêmios nacionais e internacionais nos gêneros crônica e poesia. Também possui peças teatrais encenadas. Sua rota poética está no livro “pedrarias”, pela Redes Editora. No âmbito acadêmico, tem diversos artigos científicos publicados em revistas especializadas sobre literatura. Atualmente, pesquisa o projeto ideológico e estético do escritor Osman Lins. Dizem que ele é bem feliz! Ah, ainda ministra oficinas literárias pelo Estado do RS e pelo Brasil. Contato: prof.medina@gmail.com

RONALD AUGUSTO - Nasceu em Rio Grande, RS, a 4 de agosto de 1961. Poeta, músico, letrista e crítico de poesia. É autor de, entre outros, Homem ao Rubro (1983), Puya (1987), Kânhamo (1987), Vá de Valha (1992), Confissões Aplicadas (2004), No Assoalho Duro (2007), Cair de Costas (2012) e Decupagens Assim (2012). Dá expediente no blog www.poesia-pau.blogspot.com e é diretor associado do website www.sibila.com.br.

ROSSYR BERNY - Nasceu Adão Rossir Berny de Oliveira em São Gabriel, RS, em 30 de agosto de 1952 e reside em Porto Alegre desde 1973. É jornalista e Mestre em Teoria da Literatura, pela PUCRS; e professor pela Faculdade São Judas Tadeu. De 1976 a 2006, publicou 18 livros, sendo 17 de poemas e o romance-histórico Entreguem o matador à família do morto - Brasil 500 D'anos. Em 2006, com a publicação de "Construtores de Precipícios" e "Amor Tsunami", comemorou 30 anos de literatura. Traduziu, do Espanhol ao Português, cinco livros de poemas e contos de Carlos Pereira Higgie, Rubinstein Moreira e Nélide Marina H. Manfrú, todos uruguaios. Organizou uma dezena de antologias, entre elas MERCOPOEMA, reunindo poetas e escritores do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Organizou a seleção e publicação de 12 livros do escritor Barbosa Lessa, com destaque para a caixa com seis obras, chamado Barbosa Lessa: Obra Completa - Inéditos e Consagrados.

SANDRA SANTOS - Publicou pela primeira vez aos 15 anos de idade (primeiro lugar do Concurso de Literatura promovido no Centenário de São Luiz Gonzaga, sua cidade natal). Sua vida resvala entre defesa putativa e ServerMask até 2009. Então, associa-se a outros seis artistas e muda-se para um Castelo Medieval, optando definitivamente pela arte. Artista plástica autodidata, já expôs em galerias de Buenos Aires (2006), Montevideo (2006), Guadalajara (2004-2005-2007), Punta del Este (2007) e até ganhou bolsa artística para estudar em Bordeaux (2010). Mantém o Espaço Cultural Castelinho do Alto da Bronze que funciona num Castelo de verdade. O Castelo faz parte da história da cidade e é uma lenda urbana de Porto Alegre. Curadora do Projeto "Casa Naif": atelier de passagem do artista primitivista, dentro do Castelinho do Alto da Bronze. Curadora e editora do Projeto Instante Estante de incentivo à Leitura: O Projeto edita e distribui livros, gratuitamente para bibliotecas comunitárias, através de intervenções urbanas nas capitais, disponibilização de ebooks na internet e outras ações socioculturais. Desde a infância escreve causos e versos. Naquela época, num dialeto italiano extinto que agradava Marco Antonio, seu avô; hoje, num tupi antigo que provavelmente não agradará a ninguém.

SERGIO NAPP - Nascido em Giruá, RS, em 03.07.1939, é engenheiro civil, escritor e letrista. Premiado em festivais de música no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, tem mais de cem trabalhos gravados por artistas locais, nacionais e internacionais, sendo autor de um dos clássicos do regionalismo gaúcho, *Desgarrados*, em parceria com Mário Barbará. Foi Diretor da Casa de Cultura Mario Quintana entre 1987/1991, 1997/1998 e 2003/2007, tendo coordenado a equipe responsável pela reciclagem do Majestic Hotel na Casa de Cultura Mario Quintana. Premiado em diversos concursos literários: Porto Alegre/RS, com *Lua pequena*/poesia; Pelotas/RS, com *Fábio*/conto; Uberaba/MG, com *Gilian*/conto; e Toledo/PR, com *José*/conto. Possui cinco títulos editados pela Editora Tchê!: *Quintais da madrugada* (poesia), *Para voar na boca da noite* (contos), *A construção da casa* (poesia), *Jogo de circunstâncias* (novela) e *Pássaro dos dias de verão* (novela). Cinco títulos pela WS Editor: *Estranhos sentimentos* (contos), *A gangue dos livros* (infantojuvenil), *Passarilhar-se* (infantil), *das Travessias*, vol. I, contos, e *das Travessias*, vol. II, poesia e letra de música; dois pelo IEL/CORAG, *memória das águas* (poesia) e *Dias de Verão* (contos), um pela Editora Saraiva, *delicadezas do espanto* (poesia infantojuvenil) e, pela Travessa dos Editores/PR, *caixa de guardados* (poesia). Publicado na *Bacchanales* n.ºs. 40 e 41/*Revue de La Maison de la Poesie Rhône-Alpes*/2006. Com 'delicadezas do espanto', participou da 42.^a Feira do Livro Infantil de Bolonha/Itália. Patrono de diversas Feiras de Livro municipais (Bento Gonçalves, Torres, Capão da Canoa, Dois Irmãos, etc.). 1.^o Troféu Palavra Viva, homenagem do SINTRAJUFE ao autor (2006). Em 2010, foram lançados *Aqui dentro há um longe imenso*, novela para jovens/Saraiva, juntamente com Airton Ortiz, Carlos Urbim, Christina Dias, Luiz Paulo Faccioli e Nazareth Agra, e *Se o menino tem asas*, infantil/Positivo. Em 2011, foi lançado *A pedra do conhecimento*, infantojuvenil/Paulinas e *Menino com pássaro ao ombro*, infantojuvenil/Artes e Ofícios. Em 2012, foram lançados *Houve um verão*, juvenil/Editora 8INVERSO; *Ana K*, juvenil/Editora Besouro Box, e *Meu amigo Zac*, infantojuvenil, WS Editor. *Menino com pássaro ao ombro* foi selecionado para a Feira Internacional do Livro Infantojuvenil de Bologna/Itália, edição 2012, representando o Brasil. Em 2013, é lançado pela Paulinas o infantojuvenil *No Cafundó das Estrelas* (poesia).

SIDNEI SCHNEIDER - É poeta, contista e tradutor. Publicou os livros de poesia *Quichiligangues* (Dahmer, 2008), *Plano de Navegação* (Dahmer, 1999), a tradução *Versos Singelos - José Martí* (SBS, 1997) e o volume de contos *Andorinhas e outros enganos* (Dahmer, 2012). Participou de *Poesia Sempre* (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2001), *Antologia do Sul* (Assembleia Legislativa, Porto Alegre, 2001), *Moradas de Orfeu* (Letras Contemporâneas, Florianópolis, 2011) e de mais de uma dezena de antologias. 1º lugar em poesia no Concurso Talentos, UFSM (1995), 1º lugar no Concurso de Contos Caio Fernando Abreu, UFRGS (2003) e outras treze premiações. Participa do projeto ArteSESC e é membro da Associação Gaúcha de Escritores.

SUSANA VERNIERI - Nasceu em 1965, é formada em Direito pela PUCRS e em jornalismo pela UFRGS. Tem mestrado e doutorado em Literatura Brasileira pela UFRGS, com ênfase no estudo da obra de João Cabral de Melo Neto. Foi professora de jornalismo na UFRGS, PUCRS e UNISINOS e trabalhou dez anos em Zero Hora.

SUZANA VARGAS - Poeta, autora de Literatura Infantil e ensaísta com vários títulos publicados. É Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde cursou Letras. Ministra oficinas de Poesia e Leitura em universidades e entidades culturais em todo Brasil. Idealizou o Projeto Rodas de Leitura e há 16 anos coordena o espaço Estação das Letras, oficinas de leitura e escrita e produtora de eventos culturais. Tem poemas traduzidos na Itália, nos Estados Unidos, Argentina, Espanha e na Alemanha. Possui, entre poesia, literatura infantil e ensaio, 15 livros publicados.

TÂNIA LOPES - Natural de Itaqui, RS. Mora em Santa Maria. Livro de poesias "Espontânea", Coleção Noventa (1993) - IEL. Participação no livro "Antologia do Sul", editado pela ALRS em 2001. "Os dez mandamentos" Romance Coletivo, Ed. Movimento, 2008, "A Frase do Dr. Raimundo" - Contos Coletivos, Ed. Movimento, 2009. "Arquimedes" - Romance Coletivo, Ed. Movimento, 2010. Edição da autora: "Pedacões", "Sacolino", "Coletânea de Textos", "Os Olhos da Menina", "Limites", "Simbiose", "Vida em conta-gotas", "O Palhaço Laranjinha", "Thixa, a Lagartixa Bailarina", "Inquietações Poéticas". Patrona da Feira do Livro de Santa Maria - Adulto e Infantil, em 2004. Detentora da cadeira n. 8 Érico Veríssimo, da Academia Santa-Mariense de Letras. Medalha "Filho ilustre de Itaqui", 2010.

TELMA SCHERER - (1979) é lajeadense. Graduada em Filosofia e mestre em Literatura Comparada pela UFRGS. Integrou o grupo Teia de Poesia junto a Diego Petrarca e Lorenzo Ribas, promovendo saraus de poesia falada em Porto Alegre. Publicou os livros *Desconjunto* (IEL, 2002) e *Rumor da casa* (7Letras, 2008). Trabalhou como oficina de criação literária. Atualmente vive na Ilha de Santa Catarina. Cursa doutorado em Teoria Literária e graduação em Artes Visuais, dedicando-se aos temas: poesia e vocalidade, performance e intervenções urbanas.

VITOR BIASOLI - Nasceu em Pelotas, RS (1955). Graduado em História (UFRGS, 1977), mestre em Letras (PUCRS, 1993), doutor em História (USP, 2005). Professor na Universidade Federal de Santa Maria. Publicou *Grupo Quixote: história e produção poética – ensaio* (POA: IEL/EDIPUCRS, 1994), *Calibre 22: poemas* (Santa Maria: Ed. do Autor, 1999), *Uísque sem gelo: contos* (POA: Movimento, 2007), *Santa Maria ontem & hoje: crônicas* (POA: Movimento, 2010), e mantém o blog *A LOUCA QUE PASSA* (www.vbiasoli.blogspot.com).



